



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º
Ciclo do Ensino Básico

Adaptação e Bem- Estar das crianças na Educação de Infância e nos primeiros anos de escolaridade

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de
Educação de Santarém para obtenção do Grau de
Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
do Ensino Básico

Sónia Marisa Ferreira Borges

Orientadora: Doutora Maria João Cardona

setembro

2014

Agradecimentos

É com enorme orgulho que vejo a ser concluída mais uma grande etapa do meu percurso académico. O presente relatório de estágio não seria possível de ser concretizado sem a colaboração de uma forma direta, ou indireta das seguintes pessoas.

Deste modo, expresso a minha gratidão:

Aos professores da Escola Superior de Educação que me apoiaram ao longo do meu percurso académico, em especial à Doutora Maria João Cardona, pelo seu apoio, dedicação, disponibilidade e pela capacidade de orientar de forma construtiva durante a elaboração do presente relatório.

Às educadoras, professoras pela disponibilidade e colaboração na realização das entrevistas, assim como aos dois grupos de crianças que tive oportunidade de entrevistar, por todo o contributo para o presente trabalho.

Aos meus amigos por todos os ensinamentos e aprendizagens que me proporcionaram e por todas as palavras de incentivo e de amizade.

Um especial agradecimento á minha Melhor Amiga, Afilhada, Andreia Prata por toda a amizade, pelas palavras de ânimo, paciência, pela força e por continuar a caminhar comigo.

À Ana Portugal por todas as palavras de ânimo e força, por todo o apoio e amizade.

Á minha família, Irmã, Cunhado e Sobrinho por todo o apoio condicional e por terem ajudado a ultrapassar todas as dificuldades.

Um especial agradecimento ao meu Sobrinho/Afilhado Tomás, por me ter proporcionado momentos durante a sua adaptação escolar, que me despertaram para alguns comportamentos vividos durante esta fase, e pela força extra para nunca desistir de concluir os meus estudos.

E por último, mas de todo, os mais importantes, MÃE e PAI que são os pilares da minha vida, grata por todo o apoio condicional, por nunca desistirem de mim e que sem eles nada disto poderia ser mesmo possível.

Mais uma vez, expresso a minha imensa gratidão a TODOS!

Resumo

O presente Relatório de Estágio reflete todo o trabalho e percurso de aprendizagem desenvolvido ao longo do Mestrado em Educação Pré-escolar e em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Numa primeira parte deste documento é apresentada a análise crítica das aprendizagens adquiridas, bem como, das atividades realizadas durante a prática de ensino supervisionada e desenvolvida na Educação Pré-escolar e no 1º CEB.

Na segunda parte é descrita a pesquisa de natureza qualitativa, que realizei sobre a Adaptação e Bem-estar na Educação de Infância e nos Primeiros anos de escolaridade. Através de entrevistas a um grupo de crianças a terminar o Jardim de Infância, a transitar para o 1º CEB e um grupo de crianças do 3º ano do 1º CEB, que frequentou a Educação Pré-escolar antes de entrar na escola; e entrevistas realizadas a duas Educadoras de Infância e duas professoras do 1º CEB.

A análise de dados destas entrevistas possibilitou conhecer a perspetiva das crianças e das educadoras e professoras relativamente aos principais fatores que interferem na Adaptação escolar e na promoção do Bem-estar das crianças em contextos educativos.

De acordo com diferentes pesquisas realizadas um fator decisivo a considerar é o papel dos/das docentes. Na pesquisa realizada para além de constatar esta questão, verifiquei também a relevância do papel das famílias e da forma como estas interagem com os/as docentes, tanto no jardim de infância como na escola. A relação com as famílias aparece como tendo um papel único e basilar na construção de uma relação de confiança e bem-estar.

A relação estabelecida entre as crianças no início do ano escolar, é equitativamente importante na perspetiva das crianças, pois esta relação é entendida como um fator primordial de bem-estar entre elas.

Paralelamente os dados apontam para a relevância da forma como é feita a organização do ambiente educativo e para a forma como as crianças são preparadas para a entrada no jardim de infância e na escola, assim como o apoio dado pelos adultos às dificuldades de adaptação de algumas crianças.

A realização desta pesquisa, sobre uma questão básica para a promoção de uma resposta educativa de qualidade, proporcionou-me aprendizagens muito importantes que vão marcar o meu futuro profissional.

Palavras-chave: Adaptação escolar; Bem-estar, Crianças.

Abstract

The present Report of Stage reflects the entire work and learning process developed along the Masters in Preschool Education and Teaching 1st Cycle of Basic Education (CEB). Held at the School of Education, Polytechnic Institute of Santarém.

In the first part of this document critical analysis of the lessons learned are presented as well as the activities carried out during the supervised teaching practice and developed in Preschool Education and the 1st CEB.

The second part describes the qualitative research I conducted on Adaptation and Well-being in Early Childhood Education and Early years of schooling. Through interviews with a group of children finishing kindergarten, transitioning to the 1st CEB and a group of children from the 3rd year of the 1st CEB who attended pre -school education before entering school; and interviews with two Childhood Educators and two Teachers of the 1st CEB.

The analysis of data from these interviews helped understand the perspective of children, educators and teachers on the main factors affecting the school Adaptation and promoting welfare of the children in educational settings.

According to different surveys conducted, a deciding factor to consider is the role of the teachers. In the survey, apart from finding this issue, also checked the important role of families and how they interact with / the teachers, both in kindergarten and in school. The relationship with the families appears to have a unique and fundamental role in building a relationship of trust and well-being.

The relationship between the children at the beginning of the school year, it is equally important from the perspective of children, because this relationship is understood as a primary wellness factor between them.

Parallel data point to the importance of how the organization is made of the educational environment and the way children are prepared for entry into kindergarten and school, as well as the support given by the adults to the difficulties of adapting some of the children.

This research, on a basic issue for the promotion of quality education response, gave me very important learnings that will mark my professional future.

Keywords: Scholl Adaptation, Well-Being, Childrens.

ÍNDICE

Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice de Figuras.....	vi
Índice de Quadros	vi
INTRODUÇÃO	7
PARTE I: Caraterização dos contextos de estágio	9
1) Jardim de Infância.....	9
2) 1º Ciclo do Ensino Básico (2º ano de escolaridade)	14
3) 1º Ciclo (4º ano de escolaridade)	18
4) Percurso de desenvolvimento profissional	23
PARTE II: Trabalho de Pesquisa Realizado	27
1) Fundamentação Teórica	27
1.1) Adaptação da criança ao contexto escolar.....	27
1.2) Transição escolar: uma ponte entre Jardim de infância e a Escola.....	30
1.3) O Bem-estar em contexto familiar e escolar	31
2) Apresentação da Questão-problema e dos Objetivos do trabalho	34
3) Opções Metodológicas para a recolha e análise de dados	35
4) Caraterização da População estudada	37
5) Apresentação da análise de dados.....	39
6) Síntese das principais conclusões	51
Parte III) Reflexão Final.....	54
BIBLIOGRAFIA	56
Legislação consultada:	58

ANEXOS

Anexo I – Guião de Entrevista aplicado às crianças do jardim de infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico.	60
Anexo II – Guião de Entrevista aplicado às educadoras de infância e professoras do 1ºCiclo do Ensino Básico.	63

Anexo VI - Análise das entrevistas das crianças do Jardim de Infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico.	77
Anexo VII - Análise das entrevistas das educadoras de infância e professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico.	91
Anexo VIII – Quadro de Categorias das entrevistas aplicadas às Crianças do jardim de infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	116
Anexo IX – Quadro de Categorias das entrevistas aplicadas às educadoras de infância e professoras do 1º CEB.	119

Índice de Figuras

Fig.1- Registo do desenho e modelagem da atividade “ Se eu fosse um animal seria...”.....	12
Fig. 2 – Página do livro “ Os animais do nosso coração”.....	13
Fig.3 - Registo da atividade do conto “O gato do rabo cortado”.....	17
Fig. 4- Registo de um resumo do Capítulo " A Máquina do Tempo".....	21
Fig.5 – Apresentação da pesquisa " Os Reis de Portugal".....	21

Índice de Quadros

Quadro 1- Caraterização dos entrevistados – Crianças do Jardim de Infância/ Crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	38
Quadro 2- Caraterização das entrevistadas – Educadoras de Infância/ Professores do 1º CEB.....	38

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio surge como parte integrante e complementar da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, apresentando uma análise reflexiva do meu percurso de aprendizagem profissional durante os estágios que realizei em Jardim de Infância, 1º e 2º anos do 1º CEB e 3º e 4º anos do 1º CEB.

Para complementar este trabalho é apresentada a pesquisa que realizei sobre uma questão que emergiu de algumas observações realizadas durante os estágios sobre a forma como se processa a adaptação escolar das crianças, nomeadamente a forma diversificada como esta se realiza tanto no Jardim de Infância como na Escola.

“ A adaptação de uma criança não é igual à de outra, sendo necessário, muitas vezes, adequar-se os procedimentos às particularidades de cada caso” O autor ainda salienta que (...) As reações da criança durante este processo podem variar muito e dependem de diversos fatores, de forma que a compreensão da adaptação da criança requer a análise completa de todos os fatores envolvidos relacionados tanto à história da criança, suas características individuais, assim como do seu ambiente familiar e também as características do educador e da instituição de ensino” (Rapoport, 2008: 272).

Partindo desta ideia, é de sublinhar a necessidade do/da docente estar atento(a) e de ter em conta os diferentes fatores que podem facilitar ou dificultar a adaptação das crianças aos contextos escolares. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE),

“Cabe ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória. A relação estabelecida com os pais antes da criança frequentar a educação pré-escolar facilita a comunicação entre o educador e os pais, favorecendo a própria adaptação da criança. É também função do educador proporcionar as condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na face seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1.º Ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória” (ME, 1997: 28).

O papel do/a educado/a e do/a professor/a na promoção do bem-estar da criança é fundamental em todo o percurso escolar, mas para esta fase de adaptação é particularmente importante. Paralelamente, não podemos esquecer que para a criança se sentir bem e adquirir o sentimento de pertença ao ambiente educativo é essencial construir uma boa relação de confiança entre a família e a instituição educativa.

Deste modo, pretendo através da realização de entrevistas a um grupo de crianças do jardim de infância a transitar para o 1º CEB e um grupo de crianças do 3º ano do 1º CEB, que frequentou a Educação Pré-escolar antes de entrar na escola, assim como, entrevistas a duas

educadoras de infância e duas professoras do 1º CEB, alcançar os seguintes objetivos: conhecer como é que os/as educadores/as e professores/as preparam a adaptação das crianças; aferir as perceções dos/as educadores/as e professores/as relativamente aos aspetos necessários para uma eficaz adaptação da criança; conhecer as principais experiências vividas durante o primeiro dia no Jardim de Infância e no 1º CEB e conhecer algumas estratégias que facilitam a adaptação escolar.

Para a apresentação de todo este trabalho, o presente relatório encontra-se dividido em três partes: uma primeira parte em que é apresentada a caracterização e a análise reflexiva dos estágios realizados ao longo do mestrado, assim como uma reflexão crítica sobre o meu percurso de desenvolvimento profissional que motivou o trabalho de pesquisa que é apresentado na segunda parte do relatório.

Numa segunda parte é descrito o trabalho de pesquisa realizado sobre: Adaptação e Bem-estar das crianças em contexto escolar. Depois da prévia fundamentação teórica de alguns conceitos, é apresentada a questão-problema, os objetivos, as opções metodológicas da pesquisa e a caracterização da população estudada.

Posteriormente é apresentada uma análise dos dados recolhidos, que me possibilitou conhecer a perspetiva das crianças e das educadoras e professoras quanto aos principais fatores que interferem na Adaptação escolar e na promoção do Bem-estar das crianças em contextos educativos.

Para terminar é feita uma reflexão final de todo o trabalho desenvolvido e das aprendizagens adquiridas nos momentos de estágio e durante a pesquisa desenvolvida, assim como a análise de algumas pistas para o desenvolvimento de futuros trabalhos que contribuam para a melhoria da minha aprendizagem como futura profissional.

PARTE I: Caracterização dos contextos de estágio

1) Jardim de Infância

O primeiro estágio foi realizado em contexto do jardim de infância, numa instituição da rede pública do Ministério de Educação, integrada num Mega agrupamento cuja a sede se situa na cidade de Santarém. Das três salas existentes, uma ficava situada num bloco separado do edifício principal da instituição. O grupo que ficou na sala do bloco separado, em dias de chuva, era confrontado com algumas dificuldades relacionadas com a deslocação para o bloco principal, devido à inexistência de um telheiro que abrigasse as crianças da chuva.

No bloco principal ficava situado um salão polivalente, este era bastante amplo, com algumas mesas, cadeiras e bancos, este espaço abrangia diferentes funções, nomeadamente, de manhã e à tarde acolhia as crianças durante o momento de chegada e entrega aos pais, assim como a realização das refeições, para além destas funções, eram realizadas atividades relacionadas com canções, dramatizações, entre outras, jogos em grande grupo, que proporcionavam a partilha e cooperação entre as três salas do jardim de infância.

Ainda neste bloco, existia uma sala própria para a realização de atividades de expressão musical, esta era relativamente pequena, equipada por alguns instrumentos musicais que proporcionavam a exploração e manipulação dos mesmos. É de salientar que em dias de chuva, esta sala era utilizada pelo grupo, que se situava no bloco separado, para a execução de atividades lúdicas, com o intuito de o grupo não deslocar-se à sua sala.

Relativamente ao pátio exterior do jardim, este estava vedado por uma rede, era constituído por alguns baloiços e escorregas, assim como por uma casa e uma mesa de madeira, uma caixa de areia, alguns destes recursos proporcionavam às crianças a manipulação e exploração dos mesmos, tais como: a caixa de areia, através das construções de areia, feitas pelas crianças, as crianças desenvolviam a sua imaginação e criatividade.

No que se refere ao grupo de crianças em que estagiei, este era composto por vinte e quatro crianças, treze do sexo masculino e onze do sexo feminino, com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos.

Quanto à realização das atividades propostas, eram visíveis níveis e ritmos de trabalho distintos, na minha perspetiva, estas diferenças eram mais sentidas devido à pouca autonomia evidenciada pelo grupo de crianças mais pequenas, pois estas necessitavam de uma maior atenção e ajuda por parte do adulto.

Esta diferença também era visível na participação do grupo, pois esta era mais ativa por parte do grupo de crianças mais velhas, no entanto, eu e o meu par de estágio tivemos o cuidado de solicitar a participação de todo o grupo sempre que fosse necessário.

A nível de comportamento, o grupo não conseguia estar muito tempo em silêncio, era bastante falador, este comportamento devia-se principalmente à ausência do cumprimento de regras, pois a maioria do grupo (treze crianças) estavam a frequentar pela primeira vez o jardim de infância e ainda encontravam-se numa fase de aquisição de regras.

De um modo geral, o grupo sempre se mostrou bastante atento, motivado, interessado e curioso e pronto a aumentar o seu saber.

Relativamente à fase de adaptação escolar, como já foi referido anteriormente, a maioria do grupo entrou pela primeira vez no contexto escolar, no entanto era visível que todo o grupo já estava adaptado, à exceção de uma criança, que começou a frequentar o jardim de infância, na semana anterior de eu iniciar o estágio, devido ao curto tempo de frequência no jardim de infância, foi possível observar a fase de adaptação da criança. Após alguns dias de observação, pude constatar que esta fase foi um pouco complicada de ser gerida e ultrapassada, tanto por parte da criança, bem como pela mãe.

Após a observação de alguns episódios relacionados com esta fase, comecei por me questionar, tentando colocar-me no papel da educadora e pensar o que poderia fazer para facilitar a adaptação da criança.

Quanto à caracterização do ambiente educativo, a sala em que estagiei intitulava-se por sala nº3, esta encontrava-se dividida por áreas, a área do tapete, que era composta por um grande tapete e um pequeno sofá, neste espaço encontravam-se afixados nos placares mapas de informação e calendários, que eram utilizados pelas crianças todos os dias.

Junto à área do tapete estava situada a área da biblioteca, esta estava equipada com alguns livros que pertenciam à instituição e outros livros que as crianças traziam da sua casa, para partilhar com os amigos, para além destes livros, durante o estágio, foram construídos dois livros que posteriormente foram colocados na biblioteca.

Ao lado desta área, situava-se a área da casinha e da loja, onde se podia observar diversos recursos promotores do desenvolvimento do jogo simbólico, imaginação e criatividade da criança. A sala também era constituída por uma área do recorte e colagem, com os respetivos materiais que proporcionam o bom funcionamento da área, pela área das ciências, onde se podia realizar algumas descobertas através de alguns materiais que esta dispunha, tais como: lupas, caleidoscópios e algumas folhas de árvores recolhidas no pátio. A área da escrita, área do computador, área da garagem, esta última área, proporcionava a realização de algumas construções e desconstruções com blocos de madeira. A área da pintura e modelagem, a área do desenho e a área dos jogos de mesa.

Relativamente à área do trabalho, esta localizava-se no centro da sala, onde estavam situadas as mesas, estas estavam dispostas em três pequenos grupos, estes grupos eram feitos consoante a idade das crianças, no entanto por vezes, juntavam-se os dois grupos com idades compreendidas entre quatro e cinco anos, trabalhando assim em conjunto. Sublinho,

que em conversa com a educadora esta referiu que a sala tinha a seguinte organização devido a ser de fácil visualização de todas as áreas, e de fácil acesso aos materiais por parte das crianças, promovendo assim a sua autonomia.

Foi possível observar que as áreas que as crianças revelaram ter um maior interesse, eram as áreas da casinha, garagem e do computador, contudo sempre motivámos o grupo a frequentar as restantes áreas, pois é de salientar que todas as áreas estavam equipadas para promover aprendizagens diversificadas às crianças.

Quanto às paredes, estas eram compostas por vários placares que destinavam-se a afixar os trabalhos realizados pelo grupo e de os apresentar à família, no momento das reuniões ou de visita à sala.

Relativamente ao projeto curricular de turma este não foi concluído pela educadora, por este mesmo motivo não nos foi facultado o documento, no entanto, a educadora forneceu-nos o projeto curricular de turma do ano anterior com o objetivo de tomarmos conhecimento e contacto com a estrutura do documento.

Embora não tenha conhecimento dos objetivos do projeto, nem dos temas que são apresentados no mesmo para serem trabalhados, após uma conversa com a educadora esta explicou que o tema que gostava de trabalhar relacionava-se com a exploração das “Artes”, e que gostaria de trabalhar as regras com o intuito de existir um bom funcionamento da sala.

Durante a semana de observação e ao longo do estágio pude observar o trabalho pedagógico desenvolvido pela educadora em que constatei que esta levava o seu trabalho já planificado e organizado para a sala, esta tinha o cuidado de dar atenção e de ouvir todas as crianças, de realizar atividades orientadas e livres, era visível que esta estava atenta, e que tinha uma preocupação global no desenvolvimento cognitivo e social de todas as crianças.

Deste modo, tendo em conta o trabalho pedagógico da educadora, optamos por dar continuidade ao seu trabalho desenvolvido e utilizar o mesmo método de planificação e a mesma dinâmica de trabalho.

Após a semana de observação e da semana partilhada, apercebemo-nos que as crianças estavam bastante interessadas nas histórias relacionadas com a vida animal e em querer aprofundar o seu conhecimento sobre o mesmo tema. No pátio exterior também foi possível observar o interesse das crianças pelos seres vivos que se encontravam neste espaço, tal como é referido na Martins et al (2009) “ Os animais (...) fazem parte do dia-a-dia das crianças através de um contacto mais ao menos directo, quer seja em casa, no jardim de infância (...) Muitas vezes são personagens de livros ou desenhos animados na televisão (...) e também dos bonecos de peluches que brincam” (p.79).

Deste modo, o nosso projeto de estágio incidiu-se na descoberta da vida animal, articulando com as “Artes” e tendo em conta que o grupo no final de estágio deveria ser capaz de: identificar as diferentes características dos animais; compreender a importância dos

animais; desenvolver a criatividade; identificar e cumprir as regras sociais da sala; entre outras, reforçar a autonomia, autoconfiança e a autoestima da criança.

Após a leitura e abordagem do livro intitulado “ Se eu fosse um animal” da autora Sara Rebello da Silva¹, optamos por dar ao nosso projeto o mesmo nome, intitulando-a “ Se eu fosse um animal...”. Partimos assim para a primeira atividade do nosso projeto, intitulando-a: “ Se eu fosse um animal seria...”, esta atividade iniciou-se com a abordagem do livro: “ Se eu fosse um animal”, após um diálogo sobre os



animais da história, colocamos a seguinte questão: “Se tu fosses um animal qual serias?”, após todos responderem, foi proposto ao grupo a realização do registo individual do animal que gostariam de ser, e por fim tinham de reproduzir o seu animal em massa de modelar, como é possível observar um registo e modelagem de um animal na fig.1.

Por esta atividade ser bastante extensa levou a que a houvesse alterações na planificação, é de salientar, que esta atividade ainda proporcionou outras atividades, tais como a construção de um pictograma utilizando os animais do registo realizado anteriormente.

Destaco também a abordagem da história “ Todos no Sofá” de Luísa Ducla Soares², após a leitura e exploração da obra, propusemos ao grupo a construção de fantoches, cada fantoche representava uma das personagens da história. É de salientar que através da abordagem desta história era possível trabalhar articuladamente as diferentes áreas de conteúdo, nomeadamente o domínio da Matemática, na contagem crescente e decrescente das personagens da obra, tal como a área do conhecimento do mundo que foi abordada e trabalhada através de um diálogo sobre a vida animal esclarecendo alguns pré-conceitos já formados pelas crianças, dúvidas e curiosidades.

Para além destas atividades, saliento a construção de dois livros, o primeiro intitulado por “ O livro das boas maneiras”, como foi referido anteriormente, devido ao grupo estar na fase de aquisição de regras, através da construção deste livro, sensibilizamos e desenvolvemos comportamentos adequados para o bom funcionamento da sala, o resultado final, foi bastante positivo.

¹ Silva, S. (2012). *Se eu fosse um animal*. Editorial Presença.

² Soares, L. (2009). *Todos no Sofá*. Lisboa: Livros horizontes

O segundo livro intitulado: “ Os animais do nosso Coração” a construção deste necessitou da ajuda das famílias, este livro consistia em trazer de casa, uma fotografia da criança com o respetivo animal de estimação ou uma fotografia do seu animal preferido, de seguida era estabelecido um diálogo com cada criança, com o intuito de esta falar do seu animal de estimação e das brincadeiras que partilhava com ele.

Posteriormente, a criança colou a fotografia numa folha colorida e a estagiária escreveu uma frase que era dita pela criança, como é possível verificar um exemplo de uma página na fig.2.



Fig. 2 – Página do livro " Os animais do nosso coração"

A construção deste livro proporcionou a partilha entre a família e o jardim de infância, tal como é referido nas OCEPE é essencial “ incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade” (ME, 1997: 22).

É de salientar que durante as construções das planificações, tive o cuidado de promover diferentes dinâmicas de trabalhos, através da realização de atividades para pequenos grupos, individualmente e para grande grupo.

A avaliação do projeto foi realizada através da observação direta, da motivação, interesse empenho das crianças ao longo das atividades, do feedback das famílias e de outros agentes educativos, assim como de registos escritos e fotográficos.

Na minha perspetiva este projeto foi bem conseguido, uma vez que conseguimos ir ao encontro dos interesses das crianças, desenvolver e despertar as crianças para novas aprendizagens sobre o tema trabalhado, alargar o seu vocabulário, adquirir novas aprendizagens, assim como, não formar pré-conceitos sobre a vida animal.

O projeto culminou num portefólio digital que compilava todos os trabalhos realizados, tendo como um dos principais objetivos partilhar o projeto com as famílias, bem como, evidenciar a importância da partilha entre a família e o jardim de infância.

2) 1º Ciclo do Ensino Básico (2º ano de escolaridade)

O segundo estágio foi realizado em contexto do 1º CEB, numa instituição da rede pública do Ministério de Educação integrada num Mega agrupamento cuja sede se situa na cidade de Santarém. Esta instituição era abrangida pelas valências de Jardim de Infância e Ensino do 1º CEB.

Esta era constituída por cinco salas de aula, uma sala de jardim de infância, por uma sala de professores, por uma biblioteca escolar e por um refeitório.

Quanto ao refeitório, este era pouco iluminado, relativamente pequeno, devido às pequenas dimensões que este possuía, não era possível de todas as turmas almoçarem simultaneamente, existindo assim dois turnos durante a hora da refeição.

No que se refere ao recinto exterior da escola este encontrava-se vedado por uma rede à volta de toda a instituição, o pavimento era cimentado, era composto por uma caixa de areia, uma baliza, um cesto de basquete, eram visíveis que existiam recursos suficientes para as crianças explorarem, contudo alguns dos recursos poderiam ser mais explorados pelos alunos, pois do que eu pude observar, os alunos acabam por passar os intervalos a jogar futebol e recorrem a brincadeiras que não promovam a utilização dos recursos existentes, um dos exemplos é a caixa de areia, que não podia ser utilizada pelos alunos, apenas pelas grupo do jardim de infância, no entanto não foi visível a utilização por parte destes.

A turma era composta por vinte e cinco alunos, onze do género feminino e catorze do género masculino. Por um aluno cuja sua língua materna não é o Português, com grandes dificuldades ao nível da leitura, da escrita e, principalmente, da oralidade, o que refletia dificuldades acrescidas ao nível de todos os domínios.

Por um aluno de etnia cigana, e por uma criança com hiperatividade diagnosticada, que destabilizava, constantemente o funcionamento da sala de aula.

Para além da criança, referida anteriormente, a turma de um modo geral apresentava alguns problemas a nível do comportamento tais como, estar constantemente de pé, falar com os colegas, destabilizando o bom funcionamento da sala de aula.

É de salientar que a relação que a professora tem com os alunos é de preocupação e amizade. Durante o estágio, existiram, também diversas situações de conflito resultantes de momentos fora das aulas e sempre que achava necessário, a professora procurava resolver esses conflitos com os alunos, na aula, fazendo-os perceber algumas regras que devemos ter para lidar com os outros.

No meu ponto de vista era uma turma que apresentava diferentes ritmos de aprendizagem, o que levava a que fosse necessário implementar algumas estratégias, por parte da professora e das estagiárias, para os alunos que possuíam um ritmo de trabalho mais rápido. Importa referir, que no momento das nossas intervenções, a professora aproveitava para dar

continuidade ao apoio realizado aos alunos com mais dificuldade, o que permitiu que desenvolvessem e evoluíssem quanto à aquisição e consolidação dos conteúdos que estavam a trabalhar.

É de salientar que era um grupo bastante participativo, o que facilitava o nosso trabalho, motivador, interessado em novas experiências e atividades, ou seja, era uma turma, regra geral, empenhada a aumentar o seu saber.

Durante o período de estágio, tive oportunidade de vivenciar, de novo, uma adaptação escolar, no entanto esta foi encarada pela criança sem grandes dificuldades. Devido ao papel da docente, que promoveu desde início o bem-estar da criança, mostrando-se bastante receptiva e acolhedora, apresentando logo o “novo” aluno à turma, para além do papel da professora, é de salientar que esta criança já tinha feito outras transferências de escola, o que facilitou a sua adaptação.

A sala da turma 2, do 2º ano, situava-se no piso superior (1º andar), a sala era bastante ampla, possuía três janelas de grandes dimensões que permitia bastante iluminação, devido a esta e ao seu reflexo, tornava-se complicado, para alguns alunos, a total visibilidade para o quadro de ardósia, no entanto, após um diálogo com a docente, o problema foi solucionado colocando-se cartolinas nas janelas com o intuito de diminuir a claridade para a sala, e assim todos os alunos conseguiam ver nitidamente para o quadro.

No que se refere à disposição da sala esta ao longo do período de estágio foi sofrendo algumas alterações devido à conversa permanente entre os alunos durante as aulas, no início as mesas estavam dispostas em filas na horizontal, não existindo espaço entre as mesas, contudo, esta disposição foi modificada, colocando-as em filas na vertical, existindo espaço entre as mesmas, com o principal objetivo de dificultar a conversa entre os alunos.

Relativamente às cadeiras estas eram inapropriadas, eram muito altas, o que dificultava a posição correta do aluno quando este estava sentado na cadeira, era visível, que alguns alunos não conseguiam poisar os pés no chão, o que levava com que os alunos procurassem outras posições mais confortáveis, excluindo assim a posição correta.

Quanto aos recursos existentes na sala de aula, podia-se observar dois quadros, um de ardósia e outro interativo. Um computador com acesso à internet, servindo este com a ajuda do quadro interativo para projetar os manuais escolares interativos, realizar as correções dos exercícios coletivamente, entre outras funções apresentar trabalhos realizados pela turma.

Alguns materiais de desenho e de escrita nomeadamente, folhas, tintas, pincéis, entre outros materiais. Nas paredes eram visíveis alguns placares preenchidos com trabalhos dos alunos, realizados durante o período de estágio, e mapas com informações.

Após realizar uma análise mais profunda ao Projeto Curricular de Turma, este toma como prioridades os seguintes pontos fortes: “facilidade na integração de hábitos e rotinas diárias; alunos, regra geral, empenhados em aumentar o seu saber; sentido de justiça face a

comportamentos desajustados, acatando as instruções dos adultos e a aceitando as “penalizações”, (bola amarela ou vermelha, perda de 5 min de intervalo...) empenhado em melhorar o seu comportamento e/ou desempenho; proporcionar atividades que fomentem o envolvimento e a participação do agregado familiar, envolvendo-os mais nas tarefas escolares e aproximando-os da escola e dos seus educandos. Relativamente aos pontos menos fortes, menciona os seguintes: turma grande; um aluno de língua estrangeira; três alunos a desenvolver conteúdos do 1º ano, alguns casos a nível de compreensão/concentração; alguma dificuldade na interiorização de hábitos de trabalho; etc”.

Tendo em conta estes pontos fortes e menos fortes mencionados anteriormente, tive como base os mesmos quando planifiquei e realizei a minha intervenção de forma a ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos. Relativamente aos pontos fortes, optamos por realizar atividades de forma a promover e a desenvolver o saber do aluno.

Quanto aos pontos menos fortes, utilizamos como estratégias para os ultrapassar, através de um apoio mais individualizado aos três alunos a desenvolver conteúdos do 1º ano, assim, como a realização de tarefas que permitissem desenvolver a autonomia do aluno e criar hábitos de trabalho.

O plano de estágio teve por base as dificuldades que os alunos sentiam em relação à leitura e escrita. Durante a semana de observação, e em conversa informal com a professora, verificámos que os alunos evidenciavam algumas dificuldades a nível de construção de textos, e consequentemente na leitura, tal como está referido no Caderno de Apoio às metas, “a missão crucial do 1º ciclo do Ensino Básico é a de assegurar a aprendizagem da leitura e da escrita, exercícios que serão sempre consideradas como complementares uma da outra” (p. 3).

Durante as semanas de estágio planificamos e realizamos atividades que tivessem como principal objetivo desenvolver o domínio da escrita, articulando, sempre que possível, com as restantes áreas curriculares.

É de salientar que ao longo da planificação das tarefas, propostas por nós, tivemos o cuidado que as tarefas fossem realizadas através de recursos próprios, não recorrendo diretamente ao manual, um dos exemplos foi as atividades realizadas na última semana de estágio, em que foi abordado um livro do Plano Nacional de Leitura do 2º ano, intitulado por: “Contos Populares Portugueses” de Adolfo Coelho³. Este livro é constituído por diversos contos populares, no entanto, foram trabalhos quatro contos. Durante a abordagem dos contos tivemos o cuidado de articular com as restantes áreas curriculares, bem como de dinamizar as atividades com a utilização de diferentes recursos. Um dos exemplos, é o desenho e o origami (cabeça do gato) feito para trabalhar o seguinte conto: “O gato do rabo cortado”, como é possível visualizar no registo da fig.3.

³ Coelho, A. (2012). *Contos Populares Portugueses*. Editora: BIS

É importante referir que em todas as semanas era planificada e implementada uma tarefa de expressão escrita, saliento a atividade intitulada “ Dados de histórias”, que foi realizada coletivamente, esta consistia em lançar o dado para saírem os vários elementos da narrativa, os alunos eram solicitados a ir introduzindo sequências de tempo e os elementos que pertencem a uma narrativa, com o objetivo de construir um texto narrativo.

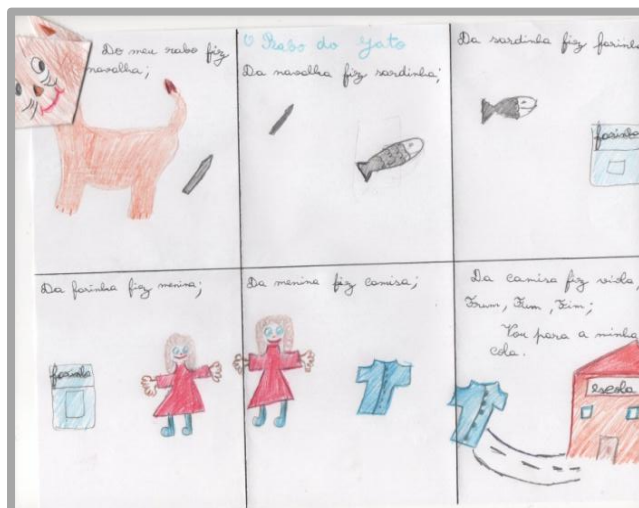


Fig.3 - Registo da atividade do conto “ o gato do rabo cortado”.

Por não ter tido a oportunidade de realizar uma estrutura de uma narrativa, e ter sido planeado e feito no momento, por

existir alguma insegurança pessoal, a tarefa tornou-se um pouco mais complicada, no entanto, a turma, ajudou-me a ultrapassar esta dificuldade, dando-me algum tempo para construir a frase corretamente e coerente, e participando na construção da história, de modo a construir um texto concordante e com sentido.

No fim, a história construída coletivamente, com imaginação e criatividade da turma, revelou-se uma atividade bastante produtiva e enriquecedora, pois não só ultrapassei esta dificuldade, como me apercebi das principais dúvidas e dificuldades dos alunos, através de algumas questões acerca da estrutura de um texto narrativo.

Relativamente à avaliação, esta incidiu-se principalmente na observação direta durante os vários momentos do desenrolar das atividades, e nos registos escritos nos cadernos, na realização de fichas de trabalho, através deste método de avaliação pude aferir as principais dificuldades dos alunos e assim, planificar estratégias de ensino mais eficazes e ajustadas às necessidades da turma.

Para concluir, é de destacar, que foi possível observar uma evolução relativamente à construção de textos, verificando-se algum progresso ao nível da construção de textos por parte da maioria dos alunos, existindo cada vez menos erros ortográficos e na construção dos textos, conseqüentemente, este tipo de exercícios fez com que os alunos desenvolvessem também as capacidades da leitura.

3) 1º Ciclo (4º ano de escolaridade)

O terceiro, e último estágio, foi realizado em contexto do 1º CEB, numa instituição da rede pública do Ministério de Educação integrada num Mega agrupamento cuja a sede se localiza na cidade de Santarém. Este estabelecimento de ensino acolhia crianças de diferentes nacionalidades, etnias e também alunos com Necessidades Educativas Especiais, proporcionando assim uma troca de experiências e de aprendizagens entre pares, bastante significativas, bem como o direito à igualdade e inclusão.

Todos os alunos com Necessidade Educativa Especiais encontravam-se inseridos numa turma de ensino regular, esta integração é bastante significativa tanto em aprendizagens como em troca de experiências entre todos os alunos, levando-os a estarem mais sensibilizados e aprenderem a respeitar a diferença.

Esta instituição era constituída por doze salas de aulas, por um salão polivalente, que abrangia diversas funções, tais como: a realização de aulas de Educação Física; utilizado também para a receção dos convidados à escola, como por exemplo: a apresentação de um autor e servindo também de espaço de recreio, em dias de chuva.

Por uma sala dos professores, a Biblioteca Escola/Centro de Recursos, reprografia, cozinha, refeitório, casas de banho, entre outros, uma sala de recursos com metodologia TEACCH (Tratamento e educação de crianças autistas com problemas de comunicação) – Unidade de Ensino Estruturado, destinada a alunos com perturbação do espectro do autismo.

É relevante enunciar, que o acesso a todos os espaços do estabelecimento podia ser feito por uma rampa, facilitando assim a mobilidade das crianças portadores de uma cadeira de rodas.

No que se refere ao recinto exterior, este encontrava-se vedado por uma rede à volta de toda a escola, o pavimento era praticamente todo de terra batida, com algumas plantações de árvores, tendo como principais recursos, um parque infantil, alguns bancos e mesas.

A turma B, do 4º ano era composta por vinte e um alunos, onze do género feminino e dez do género masculino. Três alunos com Necessidades Educativas Especiais integrados no Decreto- Lei 3/2008, de 7 de janeiro.

Um dos alunos tinha paralisia cerebral e hemiparesia, tendo um currículo específico para as suas necessidades, este aluno frequentava a sala de aula, uma hora por dia, passando o restante tempo numa sala especializada.

O segundo aluno, com necessidades educativas especiais de carácter permanente, tinha espectro de autismo, integrando, a Unidade de Ensino Estruturado, este aluno, também permanecia na sala, por volta de uma hora, passando o restante tempo numa sala especializada.

O terceiro aluno apresentava um desenvolvimento intelectual no limite inferior ao esperado para o seu grupo etário, grandes dificuldades ao nível da memória de curto prazo e atenção, de aprendizagens mecânicas, entre outras dificuldades, no entanto, o apoio efetuado a este aluno, era dentro da sala de aula, acompanhado duas vezes por semana, por uma professora de apoio.

Relativamente à religião, a turma era constituída por um aluno Jeová, o que deu origem a alguns constrangimentos, por vezes, as tarefas desenvolvidas, mais propriamente, às tarefas propostas nas épocas festivas, uma vez que foi necessário adequar todas as atividades à cultura religiosa do aluno sempre que houvesse comemoração de alguma data especial.

E ainda, por dois alunos cuja língua materna não é o Português, no entanto estas crianças estavam bastante bem integradas e familiarizados com a Língua Portuguesa.

É de salientar que a turma era composta por dois grupos distintos relativamente ao ritmo de trabalho e à aquisição/consolidação de novas aprendizagens, o que levava a que fosse necessário implementar algumas estratégias, por parte da professora e das estagiárias, para os alunos que possuíam um ritmo de trabalho mais rápido. As estratégias designavam-se, essencialmente, por realizarem fichas de trabalho, acerca dos conteúdos já abordados, por desenhos ou jogos didáticos. No momento, em que estes alunos realizavam estas tarefas, a professora e as estagiárias dariam, assim, um apoio mais individualizado aos alunos com maior dificuldade.

De um modo geral, a turma demonstrava grande interesse e motivação na realização de atividades que envolviam tarefas mais práticas, na resolução de desafios, na troca de opiniões, na audição de histórias e na leitura de livros. Era um grupo bastante participativo, o que o facilitou a nossa intervenção.

É de salientar que durante este estágio não tive a oportunidade de observar nenhuma adaptação escolar.

A sala da turma B, do 4º ano, situava-se no piso inferior (rés-do-chão), esta era relativamente pequena, era constituída por três janelas de grandes dimensões permitindo assim bastante iluminação. No que se refere à disposição da sala, esta estava disposta em filas horizontais, cada fila tinha duas ou três mesas juntas. Por uma secretária e por uma mesa situada no fim da sala, junto ao quadro de ardósia.

No que se refere aos recursos existentes na sala de aula, podia-se observar dois quadros, um de ardósia e outro interativo, servindo este último, para projetar os manuais escolares interativos, realizar as correções dos trabalhos no quadro, apresentar trabalhos realizados pela turma, e aceder e consultar sempre que necessário a internet. Entre outros recursos, menciono os materiais de desenho e de escrita, tais como folhas, ficheiros de Matemática e de Português, entre outros.

Nas paredes eram visíveis alguns placares preenchidos com trabalhos dos alunos, alguns mapas de informação, como por exemplo os horários dos dois meninos com Necessidades Educativas Especiais, bem como alguns quadros dos conteúdos já abordados, com o intuito de os alunos consultarem sempre que precisarem.

Considero importante enunciar como ponto menos positivo a utilização da sala por duas turmas, de manhã pela Turma do 4º Ano B e à tarde por outra turma, existindo apenas quinze minutos de intervalo, para efetuar a troca de turmas para a mesma sala, ou seja, não podendo existir assim, um diálogo mais prolongado ou continuação de trabalhos com a docente dentro da sala de aula, deste modo, os espaços de arrumação da sala eram divididos pelas duas turmas.

Quanto, ao Projeto Curricular de Turma, este define como prioridades “as competências consideradas nucleares e transversais no percurso educativo de todos os alunos, ao longo da sua permanência neste agrupamento, a saber os três domínios transversais, tais como: o Domínio de literacia (em todas as áreas disciplinares); o Domínio metacognitivo, salientando o desenvolvimento do sentido crítico e do pensamento autónomo; capacidade de raciocínio e de resolução de problemas e Domínio social, referindo a cidadania, identidade, aceitação do outro e responsabilidade”.

Relativamente às potencialidades da turma, o documento refere que são “manifestadas através do interesse e da motivação demonstradas pelos alunos, essencialmente nas atividades que impliquem a realização de tarefas mais práticas, a resolução de desafios, a troca de opiniões, audição de histórias, leitura de livros, entre outros.

No que se refere, às principais dificuldades da turma, estas incidem na sua maioria, em dificuldades ao nível do domínio do cognitivo, nomeadamente, na aquisição de técnicas e métodos de trabalho, compreensão de conceitos e a capacidade de transmitir os seus conhecimentos e ideias oralmente e por escrito. As dificuldades evidenciadas pelos alunos estão relacionadas com a falta de autonomia, organização e por falta de atenção/concentração”.

Tendo em conta, estas mesmas prioridades, potencialidades e dificuldades, construímos o nosso plano de estágio, dando uma atenção e um cuidado a todos os pontos com o intuito de potencializar os seus pontos mais positivos, e colmatar as principais dificuldades dos alunos, existindo assim uma articulação entre todos os pontos, bem como entre as diferentes áreas curriculares.

Assim, o nosso plano de estágio intitulou-se “Aprender (com) a História!”, e como o próprio nome designa, trabalhamos a História de Portugal, articulada com as restantes áreas curriculares, promovendo assim, aprendizagens mais significativas, globalizantes e diversificadas dos alunos. Partimos assim, para o nosso projeto tendo em conta as seguintes expectativas e estratégias: conhecer o meio local onde os alunos estão inseridos; conhecer a

História de Portugal e os acontecimentos e/ou episódios que contribuíram para a formação e desenvolvimento do nosso País; pesquisar informações relativas à História do meio local e do País; apresentar oralmente aspetos e/ou temas pertinentes sobre a unidade temática; e elaborar e construir cartazes acerca de personagens e figuras importantes para o nosso país.

Durante o estágio foram realizadas diversas atividades, das quais destaco: a construção do resumo da obra “ Uma viagem ao tempo dos castelos” das autoras Ana Maria Magalhães e de Isabel Alçada⁴. Esta consistia na abordagem da leitura do capítulo, por parte da estagiária, durante este momento, os alunos ouviam e teriam de retirar os seus apontamentos dos acontecimentos mais importantes que surgiam durante o capítulo.



Fig. 4 - Registo do resumo do Capítulo " A Máquina do Tempo".

Após a leitura, os alunos eram solicitados a construir um resumo com a ajuda dos seus apontamentos, é possível observar um resumo realizado por um/a aluno/a na fig.4. É de salientar que alguns dos resumos foram propostos para a realização do trabalho de casa.

Por fim, juntamos todos os resumos e construímos um livro digital com os mesmos. Este livro, foi divulgado e apresentado através de um suporte digital na internet, posteriormente, a turma partilhou o livro com a sua família, existindo assim, uma articulação entre a escola e a família.

Relativamente à segunda atividade que saliento a pesquisa efetuada pelos alunos sobre os Reis de Portugal. Esta foi realizada em três fases complementares, primeiramente a pesquisa através do recurso da internet e de livros, posteriormente a elaboração de um cartaz com os registos dos acontecimentos e feitos importantes de cada rei e por fim a apresentação dos reis, na fig.5 observa-se o cartaz que foi elaborado por dois alunos. Por fim, juntou-se todos os cartazes e construiu-se um livro sobre os reis, com o intuito de os alunos o consultarem sempre que fosse necessário.



Fig.5 – Apresentação da pesquisa " Os Reis de Portugal"

Assim, é de referir que foi uma atividade que deu uma maior liberdade aos alunos de explorarem sobre os reis, não se tornando uma tarefa demasiado diretiva.

⁴ Magalhães, A e Alçada, I. (1999). *Uma viagem ao tempo dos castelos*. Editora: Caminho

Além de todas as atividades mais práticas, tivemos o cuidado de realizar muitas fichas de trabalho, com o principal intuito de articular a área de Estudo do Meio com as restantes e de adquirir novas aprendizagens e reforçar as já adquiridas, foi visível uma grande evolução na aquisição dos conteúdos e no trabalho desenvolvido.

No que diz respeito à avaliação esta incidiu na observação direta, registos, grelhas de observação/ avaliação e fichas de trabalho/avaliação realizados pelos alunos. Assim, com esta metodologia de avaliação, foi possível identificar as principais dificuldades da turma e de as colmatar.

Importa referir, que foi possível observar uma evolução e aquisição de conteúdos relacionados com a História de Portugal.

Na minha perspetiva, as estratégias implementadas, assim como, planificar atividades mais dinâmicas através da utilização de diferentes recursos, tais como o computador e internet, foram bastante benéficos e essenciais para a aquisição de nova aprendizagens.

4) Percurso de desenvolvimento profissional

Ao longo do meu percurso profissional realizei inúmeras aprendizagens embora em diversos momentos tenha sentido algumas dificuldades, com muito investimento e trabalho fui melhorando e conseguindo ultrapassá-las ao longo do meu trajeto, no entanto houve aspetos e em algumas áreas em que me senti mais à vontade e mais segura. Na minha perspetiva, estes estágios para além de proporcionarem novas aprendizagens, contribuíram significativamente para superar as minhas dificuldades, receios e consolidar novas aprendizagens e reforçar as que já estão adquiridas.

No decorrer da minha prática foram visíveis, algumas dificuldades. Uma das mais evidentes prendeu-se com o domínio da linguagem oral no contexto de jardim de infância e posteriormente no contexto de 1º CEB, tal como é referido nas OCEPE “ Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação com emissores e como receptores” (ME, 1997:68), assim, é essencial esta competência no/a educador/a e professor/a.

Relativamente ao enunciado no parágrafo anterior, posso afirmar que a dificuldade foi sentida e transpareceu principalmente no momento da conversa em grande grupo, onde demonstrei alguma insegurança e dificuldade em responder às questões colocadas pelas crianças e em utilizar um registo linguístico simples e apropriados às situações, ou seja senti dificuldades no desenvolvimento do domínio da linguagem oral. Porém ao longo do estágio procurei transpor esta dificuldade através de pesquisas na Internet e na literatura existente relativa às temáticas abordadas e planificadas. Igualmente, procurei uma estratégia de ação que tinha por base a preparação de algumas questões - chave antes de iniciar o diálogo de forma a orientar e conduzir o diálogo em grande grupo. É de salientar que esta dificuldade sentida ao longo do estágio do jardim de infância, não foi tão visível e acentuada no estágio do 1º CEB, uma vez que a linguagem dominante na sala de aula já era tão complexa e a participação frequente e ativa dos alunos facilitava a minha intervenção e condução da conversa.

No que diz respeito às várias áreas de conteúdo, na área do conhecimento do mundo senti apenas algumas dificuldades em apresentar os meus conhecimentos aos alunos, no entanto quando era necessário aprofundar alguns temas recorria à pesquisa em livros didáticos e na internet para me informar e apresentar posteriormente às crianças, sentindo-me assim mais à vontade quando dialogávamos sobre temas dessa área de conteúdo. Paralelamente, no 1ºCEB, também tive dificuldades a nível do Estudo do Meio, mais propriamente a conteúdos relativos à História de Portugal e como tal recorri novamente à estratégia descrita

anteriormente, uma vez que assim conseguia aumentar e aprofundar os meus conhecimentos, e por consequência me sentir mais segura para ensinar o conteúdo planeado.

No que se refere ao domínio da Matemática no contexto de jardim de infância era planificado principalmente articulado com os restantes domínios, como já foi referido anteriormente na abordagem da história “Todos no sofá”. Já em contexto do 1º CEB, as minhas dificuldades dependiam dos conteúdos que eram abordados, sentindo-me mais segura a dar os conteúdos relativamente ao tópico de Geometria e Medida, sentindo mais dificuldades nas estratégias de cálculo, no entanto a Matemática é uma área que me suscita muita curiosidade e como gosto de desafios acabava sempre por ultrapassar as minhas dificuldades.

A nível da área de Expressões, durante todo o mestrado foi uma das áreas que mais gostei de abordar, de promover experiências e aprendizagens diversificadas às crianças principalmente no jardim de infância. Nesta área pude constatar a existência de uma grande dissemelhança entre o Jardim de Infância e o 1º CEB, uma vez que as Expressões são primordiais e assumem um papel central no processo de ensino e aprendizagem no contexto do jardim de infância e no 1º CEB esta surge principalmente articuladas às restantes áreas curriculares, porém eu e o meu par de estágio tivemos sempre o cuidado de as planificar, embora por vezes, fosse mais complicado, pois existe um programa curricular para ser cumprido, que é bastante complexo.

Um dos pontos-chave para que uma atividade corra bem é a fase de preparação, ou seja, a construção da planificação. Esta deve ser construída e adaptada às características e à realidade do grupo/turma alvo. Um dos principais erros que cometi no início dos estágios prende-se com planificar primeiramente as atividades e posteriormente os objetivos, no entanto ao longo da construção das planificações este erro foi corrigido e comecei a definir primeiro os objetivos pretendidos e depois as atividades para os alcançar.

No decorrer dos estágios, senti algumas dificuldades relativamente à estrutura e organização da planificação, uma vez que não existe apenas um modelo, e os supervisores davam uma maior liberdade para a construção, embora o modelo funcionasse como guião e de consulta para nos orientarmos durante as atividades planificadas. O importante era que quem lesse a mesma compreendesse todos os passos que seriam dados durante aquela planificação, ou seja, solicitavam uma descrição da atividade mais detalhada. Contudo, procurei sempre adequar ao contexto das crianças, implementando sempre que necessário estratégias para que as aprendizagens fossem mais interessantes e significativas.

Relativamente às atividades e estratégias tive o cuidado de serem bastante diversificadas, proporcionando assim aprendizagens mais significativas, recorrendo sempre que necessário a outras estratégias, fatores como o tempo, organização, comportamento, interesse, motivação são alguns dos fatores fulcrais para que uma nova aprendizagem seja bem adquirida, o que levava por vezes a recorrer a novas estratégias.

Quanto às ferramentas de avaliação, através destas era possível observar e avaliar se as aprendizagens eram adquiridas, se era necessário aprofundar alguns conteúdos através da realização de outras atividades, se os objetivos eram alcançados, bem como me permitiam fazer uma autoavaliação reflexão sobre a minha prática educativa. Contudo apesar de sentir que evolui e desenvolvi competências relevantes face à questão da avaliação ao longo dos estágios, reconheço que ainda tenho alguma dificuldade em diversificar os métodos de avaliação, recorrendo principalmente à observação e ao registo fotográfico. Assumo que ainda o registo através de grelhas observação/avaliação é uma estratégia que preciso aperfeiçoar, pois tenho consciência que é uma forma de registar as observações muito organizada e que nos permite avaliar o progresso que a criança faz ao longo do tempo. Porém no último estágio foi evidente a minha evolução relativamente a esta questão, e consegui construir algumas fichas de trabalho e as suas respetivas grelhas de observação. Com estas foi possível aferir se os conteúdos trabalhados foram bem adquiridos ou se é necessário realizar mais atividades para consolidar as aprendizagens lecionadas.

Na minha perspetiva, neste ponto do relatório: percurso do desenvolvimento profissional, não posso deixar de fazer referência à boa relação que mantive com as professoras/educadoras cooperante, supervisoras dos estágios, pares de estágio, bem como os grupos/turmas tornaram-se numa mais-valia para que todo o meu percurso profissional fosse realizado de uma forma bastante significativa e rica em aprendizagens.

Neste sentido, faço um balanço bastante positivo da minha prática que é rica em novas aprendizagens, e se encontra em constante construção e evolução. Posso garantir que ao longo de toda a minha prática tive a preocupação e atenção em reajustar, adaptar e melhorar o meu desempenho como futura profissional de educação procurando sempre demonstrar e possuir uma visão global, questionando, recolhendo e analisando informação relativamente a cada contexto.

Estabelecendo, agora o ponto de articulação entre a minha prática e o meu trabalho de pesquisa, a problemática que decidi investigar e aprofundar foi a Adaptação e Bem-estar escolar das crianças.

Este meu interesse em saber mais sobre a questão citada surgiu no início do primeiro estágio, em contexto de jardim de infância, quando me deparei com o comportamento de uma criança ao despedir-se da sua mãe pela manhã, que chorava compulsivamente e agarrava a mãe para ela não ir embora. Segundo Brazelton e Sparrow (2003) este é um dos momentos mais complicados durante esta fase relaciona-se com “ a separação da manhã é sempre um problema quando as crianças vão para o infantário pela primeira vez. Muitas crianças não aguentam (...) e choram todos os dias”(p.83).

Este comportamento foi repetido durante várias semanas, após uma conversa com a educadora apercebi-me que era a segunda semana que a criança frequentava o Jardim de Infância, ou seja, estava numa fase de adaptação.

Comecei por me questionar e tentar colocar no papel da educadora, pensar o que poderia fazer para facilitar a adaptação das crianças. O papel que a educadora assumiu foi de acalmar tanto a mãe como o filho e tinha uma conversa que explicava que a mãe mais logo já o vinha busca. Contudo, a situação também era muito difícil de gerir pela mãe, pois era visível que a mãe também “sofria” quando se tinha de “separar” do seu filho. Após a observação deste episódio, eu comecei a ter uma atenção sobre esta situação e apercebi-me que havia dias que a criança ficava bem e outras que ficava muito triste e passava o tempo a chorar quando a mãe o “deixava” na sala.

Além desta experiência, tive outra bastante diferente em contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico, a poucas semanas de o estágio terminar a professora avisou-nos que um aluno iria ser transferido para a sala que estávamos a estagiar, ou seja, iria integrar-se na turma. Apesar das especulações face a esta mudança, no momento verificou-se que este não teve grande dificuldade na sua adaptação, devido à sua idade e experiência em mudar de escola. Nesta mudança, destaco o papel de facilitadora da adaptação que a professora desempenhou. A docente promoveu desde o início o bem-estar da criança, mostrando-se bastante receptiva e acolheu logo o novo aluno, apresentando-o à restante turma que também se mostrou receptiva e acolhedora.

Embora tenha observado estes dois comportamentos dissemelhantes perante um período de adaptação, outro fator que também foi bastante relevante para a escolha deste tema, centra-se com o facto de durante os estágios não ter tido a oportunidade de observar os primeiros dias no jardim de infância e na escola das crianças, bem como a implementação da prática do/a educador/a e professor/a durante esta fase, pois saliento que a “ entrada para escola” acaba por ser um dos meus maiores receios como futura educadora/professora, as questões que se prendem com o bem-estar da criança nos primeiros dias no contexto educativo, a relação com os pais, a organização do ambiente educativo/sala de aula, planeamento de atividades entre outros fatores importantes, são as que mais me suscitam ansiedade e necessidade de refletir. Segundo Moreira in Pinto & Picado (2011) “cabe ao professor, enquanto gestor de turma e dos processos ensino-aprendizagem, um papel fundamental na promoção dessa adaptação e na construção de bem-estar dos alunos” (p.16).

Assim, por todos estes fatores importantes e pela minha motivação optei por fazer uma pesquisa sobre o presente tema.

PARTE II: Trabalho de Pesquisa Realizado

1) Fundamentação Teórica

1.1) Adaptação da criança ao contexto escolar

A entrada para um novo contexto escolar, pela primeira vez, constitui uma grande mudança na vida de cada criança e da sua família, esta deixa de pertencer só ao seu grupo social, a família, passando a fazer parte de um novo grupo social, o contexto educativo em que vai estar inserido, tal como refere Relvas (1996) “ a entrada dos filhos na escola é a primeira crise de desmembramento com que a família se confronta, implicando em termos internos a separação e em termos externos o início da relação com um sistema novo, bem organizado e altamente significativo” (p.114).

A frequência, pela primeira vez, num contexto educativo, leva a que a criança passe por um período de adaptação, como é mencionado por Brazelton (2009) “a frequência do jardim infantil ou da pré-primária é a primeira oportunidade e a mais importante que a criança tem para aprender a adaptar-se ao mundo exterior” (p.407) no entanto, importa referir, para que esta adaptação seja feita de uma forma tranquila e sem grandes dificuldades é importante que a criança durante esta fase comece a criar “laços” com os seus colegas e com o/a educador/a ou professor/a com o intuito de promover o seu bem-estar e das pessoas que estão à sua volta, tal como refere Lurçart (1982) “ é necessário cicatrizar a separação abrupta em relação ao meio familiar por intermédio de uma adaptação progressiva à escola e, antes de mais, pela apropriação do território escolar” (p.31).

Alguns são os autores que estudaram sobre o conceito de adaptação, tais como Piaget que define adaptação da seguinte forma,

“A adaptação é a essência do funcionamento intelectual, assim como a essência do funcionamento biológico. É uma das tendências básicas inerentes a todas as espécies. A outra tendência é a organização. Que constitui a habilidade de integrar as estruturas físicas e psicológicas em sistemas coerentes” (Piaget in Pulaski,1986 in Tafner, s.d: 1).

O autor afirma ainda que “ a adaptação acontece através da organização, e assim, o organismo discrimina entre estímulos e sensações com os quais é bombardeado e as organiza em uma estrutura” (p.1). Esse processo de adaptação é então realizado sob duas operações: a assimilação e a acomodação.

Segundo Spodek & Saracho (1998) de acordo com Piaget (1958) “a criança dá sentido ao mundo pelo desenvolvimento de esquemas”, (...) “ o processo de criar e modificar esquemas inclui dois tipos de ações: A assimilação e a acomodação” (p.74).

O autor acima referido, explica que existe assimilação “quando uma criança se depara com um problema para a satisfação das suas necessidades, elas examinam seu repertório de esquemas para resolvê-lo. E que acomodação “pode ocorrer se a nova situação não puder corresponder aos esquemas da criança” (p.74), no entanto, o autor ainda salienta que “esta dificuldade de correspondência vai resultar em uma de duas consequências: o incidente não é assimilado de nenhuma forma; ou a insatisfação faz com que a criança modifique um esquema existente, ou seja, acomode-o”(p.74).

Importa referir que segundo Piaget (1975) o individuo “ só pode encontrar-se adaptado a uma realidade se houver uma acomodação perfeita, isto é, se nada mais vier, nessa realidade, modificar os esquemas do sujeito, (...) só há adaptação, se houver coerência, logo, assimilação” (p.18).

Deste modo, tal como o autor acima mencionado (1975) explica “ a adaptação é um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação” (p.17).

Contudo, outros autores também deram o seu contributo acerca do conceito de adaptação, nomeadamente Rapoport (2008) que salienta que “o termo de adaptação é usualmente utilizado para designar um processo, um mecanismo necessário para enfrentar novas situações, como por exemplo, o período de ingresso numa nova etapa escolar (p.269).

Segundo, Bronfenbrenner in Vasconcelos (2007) citam sobre este mesmo conceito descrevendo “ a adaptação da criança ao jardim de infância ou à escola como paradigmática da sua competência para funcionar bem numa variedade de contextos ecológicos” (p.44), ou seja, por uma abordagem por sistemas ecológicos que pressupõem que “nenhuma das situações vividas pela criança opera de modo independente das outras, daí a profunda ligação entre o contexto pré-escolar, e a família, ou entre a escola e o jardim de infância, sendo estes contextos simultaneamente afetados por outros fatores externos”(p. 44).

É de salientar que cada criança enfrenta a fase de adaptação de uma forma dissemelhante, no entanto seja a adaptação fácil ou difícil, esta envolve não só a criança, como a família, educadores/as e professores/as, como é referido OCEPE “ A diversidade de situações e a variedade de reações das crianças que iniciam a educação pré-escolar exigem uma grande atenção, flexibilidade e receptividade por parte do educador para encontrar as respostas mais adequadas”(ME, 1997: 88).

Deste modo, é importante estarmos preparados para ajudar a criança a enfrentar esta fase de uma forma mais tranquila e positiva, tal como é definido por Santos (1974) “ a adaptação da criança à vida escolar é, pois muito importante, porque a maneira como se realiza, dificilmente ou facilmente, com harmonia ou com discórdia, influi na adaptação do futuro adulto da sociedade” (p.410), salientando que “ um fracasso na adaptação à escola pode dar à criança um sentimento de inferioridade, que acompanhe toda vida” (p. 410). Rapoport (2008) reforça esta mesma ideia explicando “ a forma como a família percebe a entrada na

escola, as representações das crianças sobre a escola e as características da professora são fatores que podem influenciar o processo de adaptação a esta nova etapa de ensino” (p. 271).

Assim, importa salientar que a adaptação da criança depende de vários fatores tais como a família, a escola, o/a educador/a e o/a professor/a, pois estes têm um papel fundamental durante esta etapa.

No entanto, Santos (1974) explica que esta adaptação “ deve ser alcançada naturalmente, convindo deixar que a Natureza trabalhe. Por um lado, a escola, por outro, a família, devem valer para que a adaptação não seja contrariada favorecendo-a por uma compreensão mútua” (p.410).

A duração que a criança leva para ultrapassar esta fase, depende de criança para criança tal como refere Lurçat (1982) a duração da adaptação, varia por diversas razões. Assim, uma criança adaptar-se-á melhor e mais depressa se tiver prazer em fazer o que se lhe propõe e se sentir reconhecida pelo adulto” (p.26).

Assim para que uma adaptação seja natural e fácil do aluno refere que,

“Para que a adaptação seja sentida, a separação precisa ser realizada, precisa ter êxito. Assim a separação... não era mais considerada um problema; um caso especial. A separação tornou-se uma parte da verdadeira razão de ser e do serviço da escola maternal, daquilo que a escola maternal faz” (Weber in Balaban, 1988: 103).

Por fim, é importante referir que o indivíduo está sempre em constante mudança e tem sempre de passar por uma fase de adaptação ou transição, de acordo com,

“A vida de uma criança compõe-se de uma sucessão de adaptações, das quais algumas apresentam um caráter particularmente dramática. A primeira, na ordem cronológica, é a crise do nascimento. A última é a da puberdade, que leva a criança à adolescência” (Santos,1974: 397).

O autor reforça dizendo que uma das adaptações, particularmente importante, é a adaptação da criança ao meio escolar. Outros autores como Balaban (1988), reforça esta mesma ideia explicando que “ em cada circunstância, um indivíduo está deixando um território familiar e está entrando no desconhecido, no ainda não experimentado (...) existe um potencial de crescimento e de mudança em cada experiência de separação, ainda que predomine a sensação temporária de perda” (p.25).

Assim, importa salientar que o ser humano está em constante adaptação, quando é deparado por algo que lhe é desconhecido, é de salientar que a entrada, pela primeira vez, no contexto educativo é considerada uma das adaptações mais complicadas para a criança, pois esta não se sente preparada para “deixar “ a sua família por um “longo” período de tempo.

1.2) Transição escolar: uma ponte entre Jardim de infância e a Escola

Seja qual for a experiência que uma criança tenha vivido anteriormente a entrada para a escola é um passo muito importante para a criança, como é referido por Brazelton e Sparrow (2003) “ na cabeça da criança, é o grande passo de entrar na «escola a sério» ” (p.236), sentindo que está a crescer e que vai estar com colegas mais velhos e fazer novas amizades.

Embora a maioria das crianças sintam-se felizes por entrar na escola, existe sempre algumas expectativas e ansiedades, tal como refere Sim Sim “ a transição entre ciclos de vida é sempre carregada de emoções e conotadas com períodos de expectativas, stress e medos” (p.111).

Estas expectativas e alguns receios, por vezes, estão relacionados com vivências anteriores, como nos explica uma criança, “ Estava assustado porque não conhecia o professor.... No jardim de infância havia coisas para saltar, escorregar, subir e descer... Gostava de estar numa escola que fosse como o jardim de infância...” (p.112).

No entanto, estes sentimentos não são apenas vividos pelas crianças, mas sim, por todos que acompanham esta nova fase na vida da criança, tal como reforça a autora (2010) “a transição é geradora de expectativas e de ansiedades, pode materializar-se em medos ou desafios para o que transita e para os que acompanham a transição, a criança, o educador de infância, o professor do 1º Ciclo do Ensino Básico e a família” (pp.111 e 112).

A entrada para o 1º CEB leva a que a criança enfrenta uma nova adaptação, esta fase é feita através de uma transição entre o contexto escolar anteriormente, ou seja, pré-escolar e o novo contexto que está prestes a conhecer, a escola, tal como refere a mesma autora,

“A transição implica sempre a perda e a separação de algo conhecido e, simultaneamente, a integração num contexto novo e desconhecido, envolvendo o medo do que, o que é estranho, o abandono de rotinas estabelecidas e a aprendizagem de comportamentos e atitudes adequados aos novos ambientes (sociais e físicos)” (Sim Sim, 2010: 111).

Autores como Vasconcelos in Costa (2010) resume bem o conceito de transição explicando que “ as transições lembram ritmos de passagem, tempo de passagem (p.50), é visto como algo que está de passagem e que transporta a criança para um novo espaço, ou seja, como estivesse a “atravessar a fronteira”. E Bronfenbrenner (1979) descreve o conceito de transição referindo que “são “transições ecológicas”, que acontecem dentro do meio sociocultural”, considera que, “para que estas sejam bem-sucedidas, necessitam de apoio e acompanhamento por parte de figuras de referência, afetivamente significativas, sejam estas membros da família, amigos e/ou professores” (p.10).

De acordo com a teoria de Bronfenbrenner, Dunlop in Vasconcelos (2007) “ a criança em situação de transição ocupa, pelo menos, três microssistemas ecológicos: o mundo da família, o mundo do jardim de infância e o mundo da escola, contextos esses que são interdependentes” (p.44).

consideram que:

“As transições na vida das crianças e dos jovens, ou mesmo dos adultos, podem provocar distúrbios emocionais, afetivos e sociais e causar descontinuidade nas aprendizagens. Ao contrário, as transições bem conseguidas poderão contribuir para o bem-estar dos indivíduos e para uma maior autoconfiança e aprendizagem” (Petriwsky e Taylor in Costa, 2010: 8).

Assim, importa salientar tal como diz Sim Sim (2010) “para que a continuidade na transição seja eficaz, é igualmente necessário que profissionais de cada um dos níveis de ensino conheçam o âmbito de atuação dos ciclos vizinhos, para o que muito ajudará uma formação inicial partilhada, tal como preconiza o novo ordenamento jurídico da formação de professores” (p.113) e como é referido nas OCEPE “ Cabe ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória” (ME, 1997: 28), deste modo cabe ao docente o papel de promover o sucesso e o bem-estar escolar do aluno, a partir de uma adaptação eficaz e bem-sucedida.

1.3) O Bem-estar em contexto familiar e escolar

Este período, na vida da criança, é marcado por uma gestão de sentimentos partilhados pela criança e pela sua família, antes da escolha da instituição os pais têm preocupações que desencadeiam algumas das questões que são referidas por Brazelton e Sparrow (2003) “ Será que ela ia ficar bem? Será que as educadoras iriam compreendê-lo? Será que ele ia sofrer? (p.81), estas mesmas questões levam a que os pais sintam uma grande ansiedade, dor e angustia por ter de se “separar” do filho, embora seja um momento esperado pela família.

No entanto, é durante este período que a criança quebra o vínculo, pela primeira vez, com a sua família, existindo assim uma “separação”, contudo esta não é definitiva, tal como refere Bowlby (1997) “ A característica essencial da vinculação afetiva é que os dois parceiros tendem a manter-se próximos um do outro. Quando, por qualquer razão, se separam, cada um deles procurará o outro, mais cedo ou mais tarde, a fim de reatar a proximidade” (p.97).

Para além desta “separação”, a família começa a sentir que a criança irá pertencer a um novo grupo social, é difícil para a família controlar a ansiedade que sente durante esta fase, tal como refere Brazelton (2005) “ esta ansiedade está relacionada com os receios de separação e

com a inevitável competição entre pais e professores” (p.405), para além dos pais, os professores também sentem alguma ansiedade como menciona Balaban (1988) “ que os professores os primeiros dias de escola dos seus alunos também são sinónimo de ansiedade. O facto de as crianças chorarem quando estes se vão embora, faz com que o professor por vezes tenha dificuldades em controlar as suas emoções” (p.22).

Desta forma, é essencial que a família e o/a docente se sintam preparados e confiantes para transmitirem à criança tranquilidade e confiança, pois segundo a mesma autora (1988) “ a autoconfiança surge de separações bem conduzidas” (p.32). Daí a importância do papel da família e da escola durante esta etapa, pois uma boa adaptação passa pelo contexto escolar e familiar, tal como refere Rapoport et al (2008) “a forma como a família percebe a entrada na escola, as representações das crianças sobre a escola e as características da professora são fatores que podem influenciar o processo de adaptação a esta nova etapa de ensino” (p.271), isto é, são condições importantes para que adaptação da criança seja efetuada de forma progressiva, com tranquilidade, para que isso seja possível é importante que tanto a família, como a própria instituição escolar esteja preparada e promova assim o bem-estar à criança.

Assim, é importante que a família saiba gerir os seus sentimentos de perda e as suas emoções, como menciona Brazelton e Sparrow (2003) “se os pais não forem capazes de reconhecer e enfrentar as suas próprias emoções, eles não serão suficientemente livres para ajudar o seu filho a lidar com as dele” (p.89), pois se os pais tiverem preparados para lidar com as suas emoções e dos seus filhos sentirá preparado para apaziguar e facilitar o processo de separação, o facto de preparar uma criança com antecedência para a entrada do contexto escolar acaba por também ser um fator bastante importante e relevante durante este período.

Esta etapa é sentida por cada criança de forma diferente, Balaban (1988) diz que “o início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião desagradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar” (p.24).

De um modo geral, é visível que as crianças não têm uma reação muito positiva, pois até ao momento o pilar de todo o desenvolvimento da criança foi a família para que esta conseguisse viver em sociedade, o mesmo autor ainda salienta que “a capacidade de tolerar o stresse da separação e a capacidade de adaptar-se à estranheza das novas situações variam muito de criança para criança. Nem todas as de três, quatro, ou até mesmo cinco anos são capazes de entrar para a escola numa tranquilidade total “(p.31). Bowlby (1997) reforça explicando “ Quando uma criança pequena se vê entre estranhos e sem figuras parentais familiares, ela mostra-se intensamente aflita no momento” (p.106).

Tal como refere Davni & Freire in Pinto & Picado (2011), a adaptação, enquanto processo contínuo de mudança, acompanha o desenvolvimento humano e pode ser bem-sucedida e propulsora de bem-estar mas também pode ser mal sucedida e resultar em desajustamento e mal-estar (p.16).

No entanto, esta “separação” não é tão acentuada durante a entrada para a escola, pois é visível um distanciamento por parte da família e uma menor preocupação, tal como rerem Brazelton e Sparrow “ hoje em dia, uma queixa comum por parte dos professores primários é o facto de, muitas vezes, se sentirem abandonados”(p.238), importa salientar a importância da relação entre a escola e a família, segundo os autores citado anteriormente (2003), “ As crianças cujos pais estão envolvidos nas suas escolas irão ter um melhor desempenho a nível académico, irão ter uma maior participação em atividades extracurriculares e terão menos problemas de comportamento” (p.238), daí a importância de promover a relação entre a escola e a família, desde o início do percurso escolar e ao longo do mesmo.

Deste modo, importa salientar a importância do papel do/a educadora e professor/a na relação com a família, pois esta é a “base” da criança, de acordo com Relvas (1996) “ é a partir da aprendizagem feita com o subsistema parental que ela pode, por exemplo, relacionar-se sem medos ou inseguranças excessivas com os professores ou outros adultos que encontra na escola”.(p.115).

2) Apresentação da Questão-problema e dos Objetivos do trabalho

A entrada para um novo contexto educativo marca, claramente, um período de mudança na vida da criança, esta etapa é marcada por grandes mudanças e exige uma grande gestão de sentimentos, por parte da criança e da sua família, este momento é marcado pela quebra do vínculo, e a família começa a tomar consciência que o seu filho “está a crescer” e que está prestes a pertencer a um novo contexto social que lhe é completamente desconhecido.

Embora esta adaptação seja um marco importante na educação da criança, outras adaptações a criança terá de encarar, nomeadamente a transição entre o pré-escolar e o 1º CEB, que fará com que esta se adapte a um novo meio social, tal como é referido nas OCEPE “ A mudança de ambiente educativo provoca sempre a necessidade de adaptação por parte da criança que entra para um novo meio social em que lhe são colocadas novas exigências” (ME, 1997: 89), daí a importância de promover fatores que facilitam a articulação entre estes dois contextos.

É de salientar, que o sucesso desta fase de adaptação passa, também pela gestão e organização do ambiente educativo e pelo/a educador/a ou professor/a como é referido nas OCEPE “ A diversidade de situações e a variedade de reações das crianças que iniciam a educação pré-escolar exigem uma grande atenção, flexibilidade e receptividade por parte do educador para encontrar as respostas mais adequadas” (ME, 1997: 88).

Assim, durante esta etapa é importante que se criem condições para promover uma boa adaptação à criança e conseqüentemente a promoção do bem-estar para isso é necessário existir uma preparação e uma gestão por parte do docente, pois este acaba por assumir um papel essencial durante esta fase, que merece uma especial atenção por parte do mesmo.

Deste modo, o tema da minha investigação prende-se com a Adaptação e Bem-estar da criança em contexto escolar.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998) refere que através da questão-problema, “ se deve poder trabalhar eficazmente a partir dela e, em particular, deve ser possível fornecer elementos para lhe responder” (p.35). Com base nesta conceção dos autores construí a minha questão-problema: “ Qual o papel do/a educador/a e professor/a na promoção do bem-estar da criança e as estratégias que facilitam a adaptação escolar?”. Os mesmos autores (2003) ainda salientam que se deve “ enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível, o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (p.32). Neste sentido, através desta questão, pretendo conhecer a perspetiva das crianças e educadoras e professoras relativamente aos principais fatores que interferem na adaptação escolar e na promoção do bem-estar das crianças em contextos educativos.

Para conseguir atingir os objetivos propostos e de responder à questão-problema referida anteriormente e tendo em conta os seguintes objetivos que defini para a minha pesquisa:

Objetivos do trabalho

- Conhecer como é que os/as educadores/as e professores/as preparam a adaptação das crianças;
- Aferir as perceções dos/as educadores/as e professores/as relativamente aos aspetos necessários para uma eficaz adaptação da criança;
- Conhecer as principais experiências vividas durante o primeiro dia no J.I e no 1º CEB;
- Conhecer algumas estratégias que facilitam a adaptação escolar;

3) Opções Metodológicas para a recolha e análise de dados

Quando se pretende realizar um trabalho de investigação deve-se preparar previamente um plano de pesquisa, tendo em conta o processo e as diferentes etapas, confrontando-se e questionando-se sobre quais as melhores estratégias de ação para se conseguir responder à questão-problema, com base nos objetivos já definidos, tal como refere Quivy & Campenhoudt (1998) “uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” (p.31).

Desta forma, tendo em conta os objetivos e todo o processo de investigação que foi planeado, a presente pesquisa insere-se numa investigação de cariz de natureza qualitativo, segundo Afonso (2005), “a investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar esta realidade”. (p14).

Assim, para recolha de informação necessária para responder à questão-problema, optei por utilizar como instrumento de recolha de dados, a implementação de entrevistas, segundo Thompson e Burke in Rosa e Arnoldi,

“ A entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranquila, e em comunhão com o seu entrevistado que deverá,

inicialmente, transmitir atitudes que se transformem em transferência e troca mútua de confiabilidade” (Rosa e Arnoldi, 2008: 16).

Para a realização da entrevista, primeiramente construí dois guiões de entrevistas, um destinado a dois grupos de crianças de dois contextos diferentes (Jardim de Infância e 1º CEB) e outro guião que se destina às educadoras de infância e às professoras do 1ºCEB. Ambos os guiões estão apresentados nos anexos I e II.

O guião da entrevista construído para conhecer a perspetiva das crianças relativamente a esta temática, está dividido em IV blocos, o I bloco destina-se à apresentação dos entrevistados: idade e o contexto escolar que estão a frequentar e ano de escolaridade, no II e III blocos são apresentadas as questões e objetivos, alguns dos objetivos presentes são os mesmos que os objetivos gerais da pesquisa, pois através destes e das respostas às questões pretende-se alcançá-los, e por fim, no último bloco é feito um agradecimento a todos os entrevistados.

É de salientar, que durante a construção do guião de entrevistas das crianças foram realizadas algumas questões diferentes que só foram respondidas por um grupo, pois essas questões eram direcionadas apenas para um contexto escolar. Em contexto do Jardim de Infância foram implementadas as três seguintes questões:

- “Como imaginas que vai ser a tua futura escola?”
- “ Já sabes qual vai ser?”
- “Já a foste visitar?”

Estas questões pretendiam conhecer as conceções que as crianças têm sobre a futura escola e que preparação já foi feita por parte da família para a entrada da criança neste novo contexto escolar.

Já as próximas questões foram implementadas aos alunos do 1ºCiclo do ensino básico:

- Quais as diferenças que existem entre o Jardim de Infância e a Escola?”
- “Qual a relação que existe entre o Jardim de Infância e a Escola?”

Com o principal intuito é ter uma perspetiva mais próxima e real sobre a identificação de diferenças e relações existentes entre o jardim de infância e a escola.

A estrutura do guião da entrevista das educadoras de infância e das professoras do 1º CEB é idêntica ao guião das crianças. Assim sendo, apresenta também IV blocos, onde o

primeiro bloco se destinava à apresentação das características das entrevistadas relativamente ao seu percurso académico. O mesmo tinha como objetivo de legitimar a entrevista e simultaneamente motivar para a realização da entrevista. O II e III blocos relacionavam-se com as questões. Sublinho apenas que alguns dos objetivos presentes no guião são simultaneamente os objetivos definidos para o trabalho. No último bloco, é feito o agradecimento a todos os entrevistados que colaboraram na entrevista.

É de salientar que o guião sofreu algumas alterações após a sua implementação, devido à necessidade de compreender e entender o conceito de adaptação na perspetivas das educadoras e professoras, assim foi implementada a seguinte questão “ O que entende por Adaptação Escolar?”, esta questão foi respondida por via e-mail, pois as entrevistas já tinham sido realizadas, e não era possível de despende mais tempo por parte das educadoras e professoras, encontrando-se quase no período do fim do ano letivo.

4) Caracterização da População estudada

Como já foi referido anteriormente, o meu estudo de natureza qualitativa centrou-se na realização de entrevistas, a uma amostra de doze crianças, em seis crianças do Jardim de Infância, e seis crianças do 1º CEB, assim como, duas educadoras de infância e duas professoras do 1ºCEB.

Esta escolha recaiu em seis crianças que estão a terminar o jardim de infância, a transitar para o 1º CEB, com o intenção de conhecer de como está a ser preparada esta transição por parte da criança, da sua família e do/a educador/a. As seis crianças do 1ºCEB frequentaram a Educação Pré-escolar antes de entrar na escola, e como o objetivo era ter uma perspetiva mais próxima e real das diferenças e relações entre estes dois contextos, foram as selecionadas.

Pode-se observar no Quadro 1 a identificação dos entrevistados. Para além destes fatores mencionados anteriormente, seleccionei para o meu estudo grupo de crianças que tive oportunidade de estagiar durante o mestrado, ou seja, são crianças que já tenho uma relação mais próxima e um à vontade para se sentirem confortáveis e disponíveis para responder às questões que estão presentes no guião de entrevista, como nos salienta,

“Segundo inúmeros pesquisadores renomados, é imprescindível, para que as respostas dos entrevistados sejam reais, que haja um acolhimento ou um contacto inicial entre entrevistado-entrevistador, fora do contexto da entrevista, para que ambos adquiram afinidade e confiabilidade. É o momento da transferência do conhecimento mútuo. Com certeza, dessa forma, as respostas e os resultados fluirão com maior espontaneidade e rapidez” (Rosa e Arnoldi, 2008: 40).

Quadro 1- Caracterização dos entrevistados – Crianças do Jardim de Infância/ Crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico

Código do Entrevistado	Idade	Contexto educativo/ Ano de Escolaridade
C.a até C.f	5- 6 anos	Jardim de Infância
C.a.1 até C.f.1	9 - 10 anos	3º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico

No que diz respeito à escolha das Educadoras de Infância e professoras do 1º CEB, decidi entrevistar docentes que já tivessem um elo de ligação comigo. Das quatro entrevistadas, tive oportunidade de estagiar na sala de duas, e outra já conhecia, no entanto, uma das entrevistadas eu não tinha tido nenhum contacto, contudo colocou-me logo à vontade e disponível para responder às minhas questões.

No seguinte quadro 2 pode-se observar apresentação dos entrevistados e do seu percurso profissional. Assim, a escolha destas entrevistadas, tornou-se numa mais-valia porque pude receber depoimentos de profissionais que têm a experiência e vivências sobre esta fase, tendo já estratégias específicas para facilitar esta etapa, bem como sabem como é crucial o papel do educador/a e professor/a durante esta fase, pois são docentes com alguns anos de profissão e com bastante experiência.

Quadro 2- Caracterização das entrevistadas – Educadoras de Infância/ Professores do 1º CEB

Código do Entrevistado	Habilitações Académicas	Anos de profissão	Anos na atual instituição educativa
Ed.A	Licenciatura	25 anos	5 anos
Ed. B	Licenciatura e pós-graduação na área de Educação Especial	30 anos	9 anos
Prof. A	Licenciatura	22 anos	4 anos
Prof. B	Licenciatura	14 anos	1º ano

5) Apresentação da análise de dados

Estratégias para a recolha de dados

Os dados foram recolhidos através da aplicação de entrevistas com gravação de áudio, sendo salvaguardado o anonimato de todos os entrevistados, optei por este meio de registo, com o intuito de não perder detalhes e não afetar a espontaneidade do entrevistado, Rosa e Arnoldi (2008) ressalta “ a preocupação de inseri-lo somente após a intenção do vínculo de confiabilidade entre: entrevistador/entrevistado”. (p.60), daí a importância de estabelecer um diálogo antes da implementação e recolha de dados. O facto de serem entrevistados que já tinha um elo de ligação, tornou-se muito mais fácil a recolha de dados.

Antes da concretização das entrevistas aos dois grupos de crianças, foi feito um requerimento ao Agrupamento de Escolas, que é apresentado no Anexo III, para solicitar a autorização para realização das entrevistas. Após a resposta do Diretor do Agrupamento, foi também, pedida a autorização aos encarregados de educação, como é possível observar o exemplar do mesmo no Anexo IV. Pode-se verificar também, um exemplar das autorizações assinadas pelos encarregados de educação no Anexo V.

Após a autorização, dirigi-me de novo ao jardim de infância, antes de implementar a entrevista, reuni todo o grupo na zona do tapete da sala e estabeleci uma conversa com todo o grupo de crianças, explicando que iria fazer uma “pequena” entrevista ao grupo dos cinco/seis anos, referindo que esta conversa iria ser gravada através de uma máquina fotográfica, mostrei e deixei as crianças explorarem a mesma, mencionando que só iria gravar as vozes das crianças e não a sua imagem. Durante este momento, questionei o grupo se já tinham feito alguma entrevista, nenhuma criança ainda tinha tido essa experiência, depois expliquei que a entrevista consistia em fazer umas perguntas a algumas crianças sobre o primeiro dia no jardim de infância.

No momento seguinte à conversa em grande grupo, dirigiram-se para as mesas de trabalho e começaram a fazer um desenho sobre o primeiro dia no jardim de infância, enquanto, eu levava uma das crianças, para outra sala. Dentro dessa sala, propus a cada criança um exercício que consistia em fecharem os olhos e pensarem no seu primeiro dia no jardim de infância, que lembranças tinham, o que mais gostaram e o que menos gostaram, após alguns minutos, pedi que abrissem os olhos e que iria começar a gravar e a fazer a entrevista, tendo o cuidado de dar o tempo necessário para as crianças responderem. Algumas das crianças, optaram por continuar o seu desenho no momento da entrevista, sentindo-se assim apoiadas e mais à-vontade.

No fim, juntei de novo todo o grupo, recolhi os desenhos que já estavam concluídos, e apresentei a audição de algumas entrevistas, para eles ganharem a noção de como foi feita a entrevista.

Com o segundo grupo de crianças, que já frequentam o 1ºCEB, também me dirigi à sala de aula e estabeleci um diálogo semelhante ao que foi realizado com o grupo anterior. Expliquei que iria fazer uma “pequena” entrevista, questionando o grupo de crianças, se já tinham feito alguma entrevista, nenhuma criança ainda tinha tido essa experiência, depois expliquei que consistia em fazer umas perguntas a alguns alunos sobre o primeiro dia na escola e que eles respondessem. Neste sentido, solicitei que fizessem um pequeno exercício de reflexão, e voltassem atrás no tempo, e pensassem no primeiro dia que entraram para a escola, dando alguns tópicos para pensarem: como é que foi esse dia? O que mais gostaram e o que menos gostaram? Depois desta pequena conversa com a turma sobre as suas recordações, solicitei que uma das crianças permanecesse na sala enquanto as restantes saíssem e que fossem brincar, pois estavam na hora do intervalo. O exercício de reflexão sobre as suas recordações foi novamente realizado individualmente antes da entrevista, para ajudar a criança a organizar o pensamento e memórias e só depois de alguns minutos é que colocava as questões presentes no guião da entrevista.

É de salientar que fiz a entrevista a mais crianças do que a amostra pretendida, e que posteriormente selecionei as que estavam mais completas e com mais informação.

Para terminar, solicitei para trabalho de casa a realização de um desenho sobre o 1º dia de escola, e darem um maior destaque ao que mais gostarem e/ou o que menos gostaram do primeiro dia na escola.

Deste modo, posso salientar que defini algumas estratégias que foram referidas anteriormente para que as entrevistas decorressem da melhor forma, tal como refere Valles (1992) in Rosa e Arnoldi (2008) “ o lugar, o momento e os meios selecionados para a realização da entrevista constituem condições primordiais, podendo afetar tanto positivamente, quanto negativamente a obtenção adequada de informações” (p.60).

Relativamente à recolha das entrevistas das Educadoras de Infância e professoras do 1º CEB, foi estabelecido um diálogo com as entrevistadas, solicitando a autorização e a sua colaboração para as entrevistas, das quais mostraram-se desde o início disponíveis, não sendo necessária a assinatura de um documento de autorização.

Antes de realizar as entrevistas, apresentei o guião da entrevista às entrevistadas explicando qual seria o tema a ser tratado, bem como os objetivos que pretendia obter com a implementação da entrevista.

Para a recolha de dados Rosa e Arnoldi (2008) afirmam que “não se trata de um simples diálogo, mas sim, de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que

serão utilizados na pesquisa” (p.17). Deste modo, a implementação das entrevistas foram realizadas em contexto escolar, em salas dentro da instituição, as entrevistas das Educadoras/professoras foram implementadas após o horário de saída de todas as crianças, tendo o cuidado de dar o tempo suficiente para responderem às questões, criando assim um clima permissivo, dando a liberdade e tempo para que todos os entrevistados respondessem às questões.

Assim, a entrevista foi conduzida, colocando a questão e a educadora/professora responder, não colocando outras questões que não se encontravam no guião, no entanto dando o tempo necessário para responderem á questão, ou seja, como entrevistadora, mantive um papel de observadora e de atenta ao longo da entrevista dando a liberdade para as educadoras responderem às questões sem limitações, não interrompendo o seu raciocínio, tal como referem Rosa e Arnoldi (2008) “ é necessário que o entrevistador deixe a conversação transcorrer livremente, não interferindo” (p.23). Os autores referidos anteriormente salientam ainda que,

“ O entrevistador é, como já verificado, a pessoa responsável por toda a orientação e condução da entrevista, cabendo a ele toda a preparação como elaboração de protocolos, guias, questionamentos, coordenação, aplicação, aplicação, registros e análise dos resultados da Entrevista, sendo o responsável, também, pela integridade e bem-estar dos sujeitos selecionados para as arguições” (Rosa e Arnoldi, 2008: 84).

Deste modo, tive o cuidado de planear as entrevistas, de proporcionar as condições necessárias para que a realização da entrevista decorra de uma maneira mais eficaz, com o intuito de colocar todos os entrevistados mais à vontade.

Análise de Conteúdo

Análise de conteúdo centra-se essencialmente na análise das entrevistas que realizei a todos os entrevistados, com o intuito de apresentar, de um modo geral os assuntos abordados ao longo das entrevistas. É de salientar que,

“ a análise de dados é um processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (Bogdan e Biklen, 1994: 205).

Deste modo, depois da transcrição da entrevista, realizei uma primeira leitura da entrevista e posteriormente realizei a análise da mesma, que está apresentada nos Anexos VI e VII.

De acordo com os objetivos e o guião das entrevistas, realizei dois quadros de categorização, presente nos Anexos VIII e IX, estes foram organizados por categorias, subcategorias e unidade de registo. As categorias foram definidas de acordo com os objetivos presentes no guião, as subcategorias definidas de acordo com os temas relevantes que são tratados nas respostas das questões e as unidades de registo apresentam as respostas dos respetivos entrevistados.

Apresentação e análise de dados

Os dados apresentados e a respetivas análise vão ao encontro das ideias principais que foram sendo abordadas pelos entrevistados, atingindo os objetivos e dando resposta à questão-problema.

Nesta perspetiva, sempre que possível, existirá uma comparação entre os entrevistados, crianças do jardim de infância e do 1ºCEB, bem como, entre as educadoras e professoras.

Deste modo, começo por apresentar a análise de dados das entrevistas feitas às crianças e posteriormente às educadoras e professoras.

O que dizem as crianças

Dos dados recolhidos evidencia-se que todas as crianças entrevistadas, do jardim de infância e da escola têm ainda bem presente as recordações que o primeiro dia na entrada do jardim de infância ou da escola lhes proporcionaram.

A principal lembrança que ainda se encontra presente no dia-a-dia das crianças refere-se à relação que as crianças construíram com os seus colegas, as brincadeiras partilhadas com os novos amigos são as principais recordações, no entanto, as crianças também dão ênfase à relação estabelecida, no primeiro dia, com a educadora/professora, assim como a apresentação do novo jardim de infância ou da escola, como é referido por uma criança,

“(…) conheci o meu amigo Miguel e os colegas mais a professora andamos a visitar os vários sítios da escola “ (C.F1).

É visível que a entrada para o Jardim de Infância ou escola, exige uma grande gestão de sentimentos, e embora a maioria das crianças tenham transmitido um sentimento de entusiasmo, alegria ao falar sobre o seu primeiro dia, principalmente os alunos do 1º CEB, houve quem disse-se que não conseguisse gerir bem os seus sentimentos e não tenha as melhores recordações desse dia, como refere uma das crianças,

“ (...)estava tudo feliz, eu é que estava triste, porque não queria ir à escola, queria jogar playstation (...)” (C.E1).

Essa mesma gestão de sentimentos é muitas vezes influenciada e afetada pelas ideias formadas antes da entrada do contexto escolar, foi possível constatar que cada criança têm a sua ideia pré-formada sobre o jardim de infância ou escola, no entanto, para algumas crianças as expetativas não correspondiam à realidade, como explica uma das crianças,

“ (...) Não, porque eu pensava que havia bicicletas e que não havia aquelas perguntas” (C.F).

No entanto, para outras crianças as suas expetativas eram correspondidas com a realidade presente na instituição, como menciona outra das crianças, importa salientar que as expetativas correspondiam à realidade por terem tido a oportunidade de visitar o jardim de infância ou escola, por familiares terem frequentaram a escola anos anteriores, por morarem perto da escola ou terem familiares que morassem perto da escola como refere uma criança,

“ (...) Era, porque quando eu ia dormir à casa do meu avô às vezes passava pela escola e via-a como é que era” (C.A1).

Contudo, houve quem não tivesse nenhuma ideia pré-formulada acerca da nova escola, como nos diz a seguinte criança,

“ Não porque eu não sabia como era” (C.E)

A análise revela que as principais lembranças relacionam-se com as relações estabelecidas entre as crianças, as primeiras amizades, como também se pode observar, quando foram abordadas as preferências das crianças, do que mais gostaram, estas dão uma

maior destaque a esta relação, contudo, a relação com a educadora/professora como refere uma das crianças,

“ De conhecer os meus amigos” (C.A)

Contudo, esta relação também é visto pelas crianças como algo negativo, principalmente pelas crianças do jardim de infância, devido a observarem o mau comportamento entre as crianças e não brincarem todos juntos, podendo assim constatar através das resposta a presente preocupação das crianças de criar “laços” entre pares e de conseqüentemente promover o bem-estar entre todos. Como é possível observar a lembrança de uma das crianças,

“ Foi rapazes a baterem uns nos outros” (C.C).

Ou outra das crianças que expressa a sua lembrança dizendo,

“ Foi não brincarem comigo” (C.E).

No entanto, com o grupo do 1º CEB houve uma unanimidade relativamente ao que o que menos gostaram, referindo que foi do almoço, dando ênfase à comida e também ao próprio local onde são efetuadas as refeições, referindo que é um espaço pequeno e “velhinho”.

É de salientar que os entrevistados também dão ênfase à relação construída com a educadora/professora, assim como a realização dos primeiros trabalhos, como salienta uma das crianças,

“ Os amigos, mais, fazer os trabalhinhos e conhecer a professora” (C.B).

No que se refere à preparação da entrada para a “nova” escola é visível uma grande preocupação por parte da família e do Jardim de Infância de manter os “laços” que foram criados no jardim de infância, ou seja, a maioria do grupo vai todo para o mesmo estabelecimento de ensino. Para além de irem todos juntos, a maioria já foi visitar a “nova” escola.

Quando referi sobre quais eram as noções que as crianças do Jardim de Infância tinham presentes sobre a futura escola estas prendem-se principalmente com a realização de

trabalhos relacionados com a leitura e a escrita e fazer exercícios, tal como dizem as seguintes crianças.

“ (...), já a fui ver é os leões, tem muitas salas e também tem um recreio e muitas salas para fazer os exercícios”(C.A).

“ (...) não sei, porque é só para escrever e ler, a escola primária” (C.F)

Relativamente ao grupo do 1º Ciclo do Ensino Básico foram colocadas duas questões acerca das relações e diferenças entre os dois contextos já frequentados (Jardim de Infância e 1º CEB), quanto às principais diferenças que existem entre estes dois contextos é referido que no jardim de infância está bastante vincada a ideia da brincadeira, enquanto que no 1º Ciclo centra-se principalmente no trabalho, como diz o/a seguinte aluno/a,

“(…) é que no jardim de infância, nós brincamos mais (...) ouvimos mais histórias, fazemos mais expressão plástica e na escola trabalhamos muito para passarmos de ano”. (C.A1).

Outro/a aluno/ reforça a mesma ideia explicando,

“(…) não tens de estar a trabalhar, podes descansar à vontade e tal, agora quando estás na escola tens de trabalhar imenso para ter boas notas e se não tivermos boas notas” (C.D1).

Comparativamente ao que existe em comum entre estes dois contextos, foi mais complicado das crianças nomearem, no entanto, referem que a área de Expressões Plásticas está presente no jardim de infância e na escola,

“(…) lá no jardim de infância fazes coisas que também fazes cá. Lá, por exemplo, eles fazem desenhos, nós também aqui fazemos desenhos, ilustram coisas como nós ilustramos cá, fazem trabalhos, trabalhos, nós também fazemos.” (C.B1).

Contudo, existem pontos de referência importantes, nos dois contextos, para a promoção do bem-estar das crianças, como por exemplo,

“(…) são os dois divertidos, e que têm muitos amigos .” (C.A1).

“ (...) são os dois divertidos, nos dois se trabalha e corre bem nos dois” (C.C1).

O que dizem as educadoras e as professoras

Dos dados recolhidos, é possível observar que a preparação da fase da adaptação por parte das educadoras é realizada, e tem em conta fatores que não são tão presentes na preparação desta fase por parte das professoras, enquanto que as educadoras estão mais preocupadas em promover uma relação de bem-estar da criança e conseqüentemente com as famílias, como refere uma das educadoras,

“ No início nós temos de criar um ambiente agradável e de confiança para se sentirem bem, mais por ai, para que não haja grande separação, apesar de sentirem muito a separação dos pais. (...) estão em família e depois também vão às salas e as crianças sentem que os pais pertencem à escola, tranquiliza os pais (...)” (Ed.A)

No entanto, a seguinte educadora menciona os vários momentos importantes para promover o bem-estar da criança e da sua família, durante esta fase de adaptação,

“ (...) a preparação é feita com estes momentos, portanto a entrevista inicial, reunião geral de pais, depois algumas dicas normalmente nessa reunião (...) a ao nível de organização do espaço educativo (...) que as primeiras atividades sejam memoráveis” (Ed.B).

As professoras nesta fase estão mais preocupadas em promover a transição entre o pré-escolar e o 1ºCEB através de atividades mais lúdicas, como explica uma das professoras,

“ (...) ter atividades mais lúdicas, fazer um pouquinho a ponte entre o jardim e a escola, a mudança não se faz logo (...) é feito assim progressivamente a adaptação a outro novo ritmo de aprendizagem” (Prof.A).

Através dos dados analisados pude constar a preocupação, por parte das Educadoras de Infância, em utilizarem como estratégia para promover o bem-estar da criança, da sua família e da escola, criarem “laços” afetivos com as famílias desde o início, promovendo estratégias que promovam o bem-estar entre a família e a educadora/professora. Estratégias que deverão de ter em conta a promoção de uma relação de confiança e segurança entre a família e a educadora/professora.

Para promover esta relação as educadoras utilizam como estratégias a realização reuniões, leituras recomendadas pelas educadoras, assim como, por troca de experiências entre pais.

Contudo, como é referido por uma educadora, embora a relação entre a família e a escola seja importante, outros fatores como espaço educativo e as assistentes operacionais são fatores importante que promovem o bem-estar da criança, como explica uma educadora,

“ (...) as estratégias são em três eixos: pais, crianças e espaço educativo e também as pessoas com quem nós trabalhamos, também de partilhar com elas os gostos, as preferências, os medos, (...) o que é preciso fazer, (...) as assistentes operacionais não podem ser descuidadas enquanto equipa” (Ed.B).

No entanto, a promoção do bem-estar da criança e da sua família também está presente no contexto do 1ºCEB, embora de uma forma mais ausente,

“ (...) tento-me relacionar bem com a família, para ver também quais são os problemas deles e também pelos processos dos meninos” (Prof.B).

Contudo, por parte das professora, foi possível observar uma maior preocupação, durante esta fase, de promover a transição entre o Pré-escolar e a escola, utilizando como principal estratégia, a implementação de atividades mais lúdicas, tal como refere uma professora,

“ (...) ter atividades mais lúdicas, fazer um pouquinho a ponte entre o jardim e a escola, a mudança não se faz logo (...) é feito assim progressivamente a adaptação a outro novo ritmo de aprendizagem” através de “ (...) jogos, a canções, a atividades mais lúdicas (...) de fazer as aprendizagens sempre mais dedicado ao lúdico” (Prof.A).

Pois são atividades que já estão presentes no dia-a-dia no Jardim de Infância, e daí a importância de dar continuidade às mesmas, sentindo assim que a turma continua motivada, interessada em aprender. Estas são implementadas e intercaladas com tarefas que necessitam de uma maior concentração.

No que se refere, às principais dificuldades sentidas por parte das Educadoras de Infância, centra-se também na relação com os pais, mais propriamente na gestão de sentimentos que surgem durante este período de “separação”, pela criança e pela sua família, ou seja, é o momento da “quebra” do vínculo como é referido por uma educadora,

“ (...) é a separação, (...) o “arrancar”, (...) ansiedade dos pais, é tudo pela primeira vez” (Ed.A).

Reforçando esta mesma ideia, outra educadora acrescenta outro fator de dificuldade,

“ (...) devolver junto dos pais essa segurança, (...) a dificuldade maior às vezes é devolver, capacitar os pais que (...) o facto de ficarem eles ficarem cá, não é nada de mais é só mesmo uma chuva” (Ed.B).

Esta dificuldade, é ultrapassada pela Ed. B recorrendo às estratégias referidas anteriormente, tais como, reuniões, leituras recomendadas e partilhas de experiências entre os pais.

Para além da relação da família escola, é também visível como principal dificuldade as “recaídas” que as educadoras se deparam durante o período de adaptação, referindo que estas são as adaptação mais difíceis,

“ (...) as adaptações mais difíceis são aquelas que têm uma recaída, uma semana depois (,,) ao principio é muito feliz mas depois têm de cumprir, têm de respeitar o amigo, têm de respeitar toda uma dinâmica na escola que não está habituados em casa (...)” (Ed.A).

Estas adaptações tornam-se mais fáceis através da utilização de um elemento de referência familiar, ou seja, o objeto transitivo, como é referido,

“ (...) tragam (...) algum elemento de laço, se eles usam chucha, não vamos tirar logo, se têm um bonequinho de estimação, não vamos tirar logo, para haver um elo de ligação entre a família e a escola (...)” (Ed.A)

Enquanto as Educadoras têm um maior cuidado de promover o bem-estar da criança e da sua família ao contexto escolar, ou seja, de aproximar, as famílias à escola, para as professoras a dificuldade principal centra-se na aquisição de novas aprendizagens, que o próprio ensino exige a estes, e que por vezes é complicado, porque estas mesmas exigências não são solicitadas, de uma forma tão exigente, no contexto do pré-escolar, ou seja, a criança não se encontra preparada para esta mudança de comportamento e para este “crescimento”, como explica uma professora,

“ A adaptação a um novo ritmo de trabalho, (...) diferentes níveis de aprendizagem, nível de maturidade” (Prof. A)

Utilizando como estratégia a implementação de atividades mais lúdicas, como foi referido anteriormente, reduzindo o tempo de concentração e intercalando com as tarefas, no entanto, fatores como o reforço positivo, são essenciais para que as aprendizagens sejam mais significativas.

Quanto aos fatores que facilitam a fase de adaptação baseiam-se essencialmente na relação de bem-estar entre a criança e a educadora/ professora e a relação família e educadora/ professora, contudo para que esta relação seja profícua é importante ter uma especial atenção para o perfil da educadora/professora, como conta uma das educadoras,

“ (...) uma figura segura, (...) a educadora ser consistente enquanto figura de vinculação (...)” (Ed.B).

No entanto estas relações, entre a família e a educadora/professora, por vezes, é vista como um fator que dificulta a adaptação da criança devido às dinâmicas familiares serem pouco consistentes, assim como o próprio perfil dos pais, como é referido pelas educadoras,

“ (...) ansiedade (...) não terem regras em casa (...)” (Ed.A).

“ (...) dinâmicas familiares que não são consistentes, são irregulares, (...) alguma imaturidade dos pais (...)” (Ed.B).

As respostas que se destinam ao papel da educadora e da professora acabam por ser unânimes, pois todos destacam algumas características do perfil do Educador/Professor, Como é referido por uma Educadora,

“ (...) tem de ser consistente, coerente, tem de ter boa dose de empática, tem de convocar os saberes de psicologia, das coisas da vida diária, (...) saber termos éticos (...), o perfil do educador tem de ser um perfil mesmo de acordo com os normativos, (...) tem de ser uma pessoa coerente em termos e valores e atitudes” (Ed.B).

E por uma professora que refere que para além de ser professora tem outras funções,

“ (...) professor também de mãe ou de pai, de psicólogo, (...)” (Prof.B).

Por fim ao que se entende por educação escolar, as respostas acabaram por sintetizar todas as restantes respostas, os entrevistados acabam por fazer uma retrospectiva de toda a entrevista e destacam a importância desta fase, e que procedimentos utilizar para promover o bem-estar da criança durante esta fase,

“ (...) marcado por grande expectativas e ansiedade no seio familiar. (...) as famílias tomam maior consciência de que os seus filhos “ estão a crescer” e que novas exigências se lhes impõem (...) transição entre um percurso de aprendizagem de carácter maioritariamente lúdico para um nível de aprendizagem com uma dinâmica diferente e com outro grau de exigência, ao nível da destreza manual e da concentração, (...) um período de adaptação que tem que ser gradual, progressivo (...)” (Prof.A).

Referindo, por fim, também a resposta de uma Educadora, que define esta etapa da seguinte forma,

“ (...) adaptação à mudança, necessário à criança, família e educadora bem como à sua equipa, para se ajustarem, vincularem-se a uma nova realidade, (...) é um tempo de possibilidades, de algumas incertezas e ansiedades (...) um novo ciclo começa, tudo se renova, independentemente dos anos na profissão ou da idade criança ou adulto (...)” (Ed.B).

6) Síntese das principais conclusões

Dos dados analisados, posso salientar que as crianças “guardam” na sua memória, principalmente, as lembranças que têm do seu primeiro dia no jardim de Infância ou na escola, concluindo assim que as adaptações foram bem adquiridas, tal como refere Santos (1974) “por nos termos «adaptado» a esses mundos diferentes que nos lembramos tão pouco das nossas experiências infantis e desse normal clima de aventura da infância. Adaptamo-nos... e foi assim que a nossa educação se fez” (p.397).

Foi igualmente possível verificar que as crianças dão bastante importância às relações afetivas, principalmente com as outras crianças, pois no momento que as questionei as acerca do primeiro dia de escola e sobre as suas preferências, muitos mencionam a relação com os colegas, segundo Brazelton e Sparrow (2003) “criam relações com outras crianças para preencher a perda dos pais. As crianças aprendem, de facto, capacidades sociais e aprendem a apreciar os seus pares, ao adaptarem-se desta forma” (p.83), o que leva a desenvolver competências sociais.

Deste modo, posso constatar, que relativamente ao objetivo: conhecer as principais experiências vividas durante o primeiro dia no Jardim de Infância e no 1º CEB, estas estão relacionadas principalmente com as **relações construídas entre crianças que são promotoras do bem-estar social entre todas as crianças.**

Para além do enunciado anteriormente, as crianças também salientam a **relação com a educadora/professora**, assim como a **apresentação da escola e a realização de trabalhos.**

No que se refere à preparação da entrada para a “nova” escola é visível uma grande preocupação por parte da família e da educadora de manter os “laços” que foram criados no jardim de infância, ou seja, a maioria do grupo vai todo para a mesma escola. Para além de irem todos juntos, a grande parte visita antes a “nova” escola, ou seja, não é só a família um dos promotores de bem-estar da criança, passa também pela construção de relações próximas de amizade entre colegas.

Relativamente às principais diferenças que existem entre estes dois contextos é referido que no jardim de infância está bastante vincada a ideia da brincadeira, enquanto que no 1º Ciclo centra-se principalmente no trabalho escolar. Um ponto comum que existe entre estes dois contextos é que, referem que a área de Expressões Plásticas está presente tanto no jardim de infância como na escola.

No que se refere às entrevistas das educadoras/professoras e tendo em conta os seguintes objetivos: conhecer como é que os/as educadores/as e professores/as preparam a adaptação das criança; aferir as perceções dos(as) educadores(as) e professores(as) relativamente aos aspetos necessários para uma eficaz adaptação da criança; posso referir que as educadoras preparam a adaptação promovendo uma **relação de bem-estar da família**

com a educadora e organização do espaço educativo. No entanto, as professoras preparam a adaptação centrada na **transição entre o jardim de infância e a escola**, através da **implementação de atividades mais lúdicas**, intercalas com atividades que exigem uma maior concentração.

A presença e preocupação desta relação é mais acentuada no contexto de Jardim de Infância, porque esta é marcada pela primeira “separação” entre a criança e a família, e que por vezes torna-se mais complicado à família do que à criança esta “separação”, no entanto é sempre difícil de enfrentar esta fase.

Deste modo, posso reconhecer que os adultos revelaram preocupação com as relações que estabelecem com a família, assim como, com o desenvolvimento cognitivo da criança, ou seja, com a aquisição de novas aprendizagens, esquecendo-se um pouco, de promover uma boa relação entre todo o grupo, ou seja, entre colegas, visto que na perspetiva das crianças, a relação com os seus colegas é um fator primordial de bem-estar para a criança. Sentindo-se a criança bem, é um dos fatores positivos, para que haja uma relação de bem-estar com toda a comunidade educativa.

Para responder à seguinte questão-problema “ Qual o papel do(a) Educador(a)/Professor(a) na promoção do bem-estar da criança e as estratégias que facilitam a adaptação escolar? Posso aferir que o papel da educadora/professora de como intervir para promover o bem-estar da criança, está intimamente relacionado com o **perfil do/a educador/a e professor/a** referindo que este deve ter características como ser **coerente, consistente, empático**, entre outros, deve **saber termos éticos**, um **perfil de acordo com os normativos**, tal como é referido no perfil do educador, no âmbito da relação e da ação educativa, o educador de infância, “relaciona-se com as crianças por forma a favorecer a necessária segurança afetiva e promover a auto estima”, bem como “ envolve as famílias e a comunidade nos projetos a desenvolver”. Relativamente ao perfil do Professor “ relaciona-se positivamente com as crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias, (...) proporcionando (...) um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afetivo que disponha para as aprendizagens.

Quanto às estratégias que facilitam a adaptação escolar e tendo em conta o objetivo de: conhecer algumas estratégias que facilitam a adaptação escolar; pude constatar que estas incidem principalmente em **três eixos: criança, família e escola**, tornando-se essencial promover uma **boa relação de bem-estar entre todos os intervenientes**. Centra-se principalmente na **relação de confiança e segurança com a criança**, no entanto esta relação só poderá ser estabelecida também com a família promovendo um bem-estar social entre todos os intervenientes, assim como, a **gestão e organização do ambiente educativo**, as educadoras demonstram grande relevância na caracterização do espaço, que seja um espaço alegre, acolhedor e que as crianças se sintam bem. O espaço deve ser impulsionador de

aprendizagens significativas, ou seja, é um dos fatores que não se deve descuidar, pois é importante que as crianças se sintam bem no seu novo contexto social.

Parte III) Reflexão Final

A construção do presente relatório tornou-se numa mais-valia, e em mais uma ferramenta de trabalho para enriquecer o meu percurso pessoal e profissional.

Durante o Mestrado estagiei em dois contextos educativos diferentes (Jardim de infância e escola do 1ºCEB), que me permitiram desenvolver a minha prática pedagógica em diferentes contextos de estágios, conhecer as realidades educativas e as suas dinâmicas com mais proximidade, conhecer novos métodos de trabalho, aprender a respeitar o trabalho do outro, tanto por parte das Educadoras/Professores cooperantes, bem como, pelos pares de estágio, dando-me assim mais segurança para desenvolver futuros trabalhos entre pares e sentir-me mais segura no momento de planificar e de intervir nos diferentes contextos educativos.

Neste sentido esta experiência revelou-se bastante positiva tanto para o meu desenvolvimento profissional, assim como, para o meu desenvolvimento pessoal.

Relativamente à componente de investigação, o facto de a questão-problema surgir do contexto de estágio, levou-me a estar mais desperta para as situações do dia-a-dia em contexto escolar, que através de pesquisas, leituras consegui ultrapassar as minhas dificuldades e esclarecer as dúvidas que tinha relativamente à problemática da adaptação e bem-estar em contexto escolar.

No que diz respeito à preparação e implementação da entrevista, estes dois momentos, tornaram-se em dois pontos fulcrais para que o objetivo da investigação fosse alcançado. As mesmas proporcionaram-me ter um contacto mais próximo com os/as entrevistados/as, ouvindo as suas experiências e vivências desta fase.

Relativamente aos dados recolhidos, esta foi a etapa mais exaustiva de todo o trabalho de pesquisa, pois tornou-se mais difícil de recolher os dados das entrevistas das crianças, devido ao tempo de espera durante a entrega e recolha das autorizações aos pais, para a realização das entrevistas, bem como, a ausência de algumas das crianças no momento das entrevistas, que me levou a despender de mais tempo em deslocar-me à instituição mais do que uma vez. Contudo, tenho a noção que estes percalços que fazem parte do percurso de investigação e fiquei satisfeita por ter conseguido sempre encontrar estratégias para solucionar e contornar os problemas que iam surgindo.

Na minha perspetiva, a existência componente reflexiva ao longo do trabalho, e a vertente de investigação permitiu que eu desenvolvesse competências, tais como, uma atitude de reflexão, análise, espírito crítico e questionamento com o intuito de aperfeiçoar a minha prática.

Importa salientar, a importância da realização deste trabalho para a minha futura prática profissional, pois este tema ao longo dos estágios suscitou-me grandes dúvidas e receios de como intervir, e a partir da implementação da investigação, das leituras e da análise dos

resultados da pesquisa levaram-me a que me sentisse mais preparada, e que a minha futura intervenção fosse mais adequada e situada junto das crianças e da respetiva família.

Por ter tido a oportunidade de ter um contacto mais próximo com os testemunhos das educadoras/professoras sobre as suas práticas tendo em conta a sua elevada experiência, bem como, um contacto mais próximo com a realidade, tendo em conta a perspetiva das crianças enriqueceu-me como futura profissional da educação.

Apesar do grande investimento que fiz na construção deste trabalho, considero que é um tema, que poderá ser desenvolvido mais profundamente em futuros trabalhos, colocando como participante do estudo, os pais, porque estes, como já foi referido anteriormente, também fazem parte deste período e têm um papel único e basilar durante esta etapa na vida da criança, assim como, entrevistar Educadores/as de Infância e Professores/as que estivessem a experienciar pela primeira vez o momento de adaptação escolar, ou seja, que tivessem iniciado o seu percurso profissional relativamente há pouco tempo, o que levaria a ter uma perspetiva mais profunda sobre este período.

Deste modo, concluo referindo que irei manter esta minha postura e atitude de investigadora, questionando, refletindo e avaliando a minha futura prática.

BIBLIOGRAFIA

Afonso, N. (2005), *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Edições.

Balaban, N. (1988), *O início da vida escolar da separação à independência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Brazelton, T. (2009), *O grande livro da criança*. Lisboa: Editorial Presença.

Brazelton, T. & Sparrow, J.D. (2003), *A criança dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Editorial Presença.

Bogdan, R & Biklen, S. (1994), *Investigação qualitativa em educação- uma introdução à teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Bowlby, J. (1997), *Formação e Rompimento dos Laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.

Buescu, H. et al (2012), *Metas Curriculares de Português: caderno de Apoio*. DGE: Ministério da Educação e Ciência.

Coelho, A. (2012), *Contos Populares Portugueses*. Editora: BIS.

Costa, M. (2010), *Entre o Pré-escolar e o Primeiro Ciclo: Descrição de um processo supervisivo entre pares*. Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Educação.

Lurçat, L. (1982), *Uma Escola Pré-primária*. Coleção BEP (Biblioteca do Educador Profissional). Lisboa: Livros horizonte.

Magalhães, A & Alçada, I. (1999), *Uma viagem ao tempo dos castelos*. Editora: Caminho.

Martins, I. (coord.)(2009), *Despertar para a Ciência – Atividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (1997), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica. Ministério de Educação.

- Piaget, J. (1975), *O Nascimento da Inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Pinto, A & Picado, L. (2011), *A Adaptação e Bem-estar nas escolas Portuguesas*. Lisboa: Coisas de ler.
- Quivy, R e Campenhoudt, L. (1998), *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Rapoport, A. (2008), *A adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino fundamental*. Educação,31. Porto Alegre.
- Relvas, A. (1996), *O Ciclo vital da família- Perspectiva Sistémica. Biblioteca das Ciências do Homem*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rosa, M & Arnoldi, M. (2008), *A Entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Santos, J. (1974), *A educação da criança – problemas quotidianos*. Lisboa: Livros horizontes.
- Silva, S. (2012). *Se eu fosse um animal...*. Editoria Presença.
- Sim Sim, I. (2010).Pontes, *Desníveis e sustos na transição entre a educação pré-escolar e o 1º Ciclo da Educação Básica*.
- Soares, L. (2009). *Todos no Sofá*. Lisboa: Livros horizontes
- Spodek, B & Saracho, O. (1998), *Ensinando Crianças dos Três a Oito Anos*. Porto Alegre.
- Tafner, M. (s.d). “ A construção do conhecimento segundo Piaget”. Visualizado a 6 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n08/mente/construtivismo/construtivismo.htm>
- Vasconcelos, T. (2007), Artigo: *Transição Jardim de Infância - 1º Ciclo: um campo de possibilidades*. Escola Superior de Educação de Lisboa; Caderno de Educação de Infância.

Legislação consultada:

Decreto de Lei nº241 /2001, de 30 de agosto - Perfis de Desempenho do educador de infância e professor do 1º Ciclo).

Despacho nº5220/97 (2º série),10 de julho, que foi publicado no D.R nº178, II Série de 4 de agosto – foram aprovadas as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escola.

ANEXOS

**Anexo I – Guião de Entrevista aplicado às crianças do jardim de infância e do 1º
Ciclo do Ensino Básico.**

Tema: “Adaptação e Bem-estar das crianças na Educação de Infância e nos primeiros anos de escolaridade”.

Bloco Temática	Objetivos	Informações/ Questões	Observações
<p>Bloco I</p> <p>Apresentação/ Caraterização dos entrevistados/entrevistadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do tema do trabalho de pesquisa; - Caraterização do entrevistado/entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Idade; - Ano de escolaridade/ tempo de frequência no Jardim de Infância. 	<p>Nota: É garantida a confidencialidade e será adaptada uma linguagem acessível às crianças.</p>
<p>Bloco II</p> <p>Adaptação e Bem-estar no Jardim de infância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as principais experiências vividas durante o primeiro dia no Jardim de Infância. - Conhecer a ideia que as crianças tinham acerca do Jardim de Infância antes de o frequentar. - Identificar o que mais gostaram e o que menos gostaram do primeiro dia no Jardim de Infância. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ainda te lembras do teu primeiro dia no Jardim de Infância? - O jardim de infância era como tu pensavas? - Porquê? - Já conhecias o Jardim de infância? - Quando chegaste ao jardim o que mais gostaste? - O que menos gostaste do jardim? 	

	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a ideia que as crianças têm sobre a escola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como imaginas que vai ser a tua futura escola? - Já sabes qual vai ser? - Já a foste visitar? 	
<p align="center">Bloco III</p> <p align="center">Adaptação e Bem-estar no 1º Ciclo do Ensino Básico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as principais experiências vividas durante o primeiro dia no 1º Ciclo do Ensino Básico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ainda te lembras do teu primeiro dia de escola? 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a ideia das crianças à cerca da escola antes de o frequentar. 	<ul style="list-style-type: none"> - A escola era como tu pensavas? - Porquê? - Já conhecias a escola? 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o que mais gostaram e o que menos gostaram do primeiro dia no 1º Ciclo do Ensino Básico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quando chagaste à escola o que mais gostaste? - O que menos gostastes da escola? 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as diferenças e relações que existem entre o Jardim de Infância e o 1º Ciclo do Ensino Básico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais as diferenças que existem entre o Jardim de Infância e a Escola? - Qual a relação que existe entre o Jardim de Infância e a Escola? 	
<p align="center">Bloco IV</p> <p align="center">Agradecimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer às crianças pela colaboração. 		

Anexo II – Guião de Entrevista aplicado às educadoras de infância e professoras do 1ºCiclo do Ensino Básico.

Tema: “Adaptação e Bem-estar das crianças na Educação de Infância e nos primeiros anos de escolaridade”.

Bloco Temático	Objetivos	Informações / Questões	Observações
<p>Bloco I</p> <p>Apresentação do tema do trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da natureza do trabalho; - Dar a conhecer o tema da pesquisa e os objetivos da entrevista; - Garantir a confidencialidade das informações. 		<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado acerca da confidencialidade das suas respostas; - Motivar e solicitar a colaboração do entrevistado(a).
<p>Bloco II</p> <p>Dados do Entrevistado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterização do(a) entrevistado(a) face à sua formação académica e experiência profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua formação inicial? (Instituição/ano conclusão) - Quais são as suas habilitações académicas posteriores à formação inicial? - Há quantos anos exerce a sua profissão? - Número de anos na atual instituição educativa? 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer como é que os(as) educadores(as) preparam a adaptação das crianças no início do 	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que prepara a adaptação das crianças no início do Jardim de infância? 	

<p style="text-align: center;">Bloco III</p> <p style="text-align: center;">Adaptação e Bem-estar no Jardim de infância.</p>	<p>ano letivo.</p>	<p>- Quais são as principais estratégias que promove para uma boa adaptação da criança ao Jardim de infância?</p>	
	<p>- Identificar as principais dificuldades dos(as) educadores(as) no processo de adaptação da criança ao Jardim de infância.</p>	<p>- Quais são as principais dificuldades que sente durante o processo de adaptação da criança ao Jardim de infância no início do ano?</p> <p>- Como é que ultrapassa essas dificuldades?</p>	
	<p>- Identificar fatores que dificultam ou facilitam o processo de adaptação da criança.</p>	<p>- Quais são os principais fatores que facilitam a adaptação da criança?</p> <p>- Quais são os principais fatores que dificultam a adaptação da criança?</p>	
	<p>- Identificar as perceções dos(as) educadores(as) quanto ao seu papel na adaptação da criança.</p>	<p>- Qual o papel do educador(a) durante a fase de adaptação da criança?</p> <p>- Quais são os aspetos mais importantes que tem em conta?</p>	

	- Conhecer as percepções dos(as) educadores(as) acerca do conceito de adaptação escolar.	- O que entende por Adaptação escolar?	
<p style="text-align: center;">Boco IV</p> <p style="text-align: center;">Adaptação e Bem-estar no 1º Ciclo do Ensino Básico</p>	- Conhecer como é que os(as) professores(as) preparam a adaptação das crianças para o 1º Ciclo do Ensino Básico.	<p>- Como é que prepara a adaptação da criança no início do 1º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>- Quais são as principais estratégias que promove para uma boa adaptação da criança ao 1º Ciclo do Ensino Básico?</p>	
	- Identificar as principais dificuldades dos(as) professores(as) no processo de adaptação/ transição da criança ao contexto do 1º Ciclo.	<p>- Quais são as principais dificuldades que sente durante o processo de adaptação da criança à escola no início do ano?</p> <p>- Como é que ultrapassa essas dificuldades?</p>	
	- Identificar fatores que dificultam ou facilitam o processo de adaptação da criança.	<p>- Quais são os principais fatores que facilitam a adaptação da criança?</p> <p>- Quais são os principais fatores que dificultam a adaptação da criança?</p>	
	- Identificar as percepções dos professores(as) quanto ao seu papel	- Qual o papel do(a) professor(a) durante a fase de adaptação da	

	na adaptação/transição da criança.	criança? - Quais são os aspetos mais importantes que tem em conta?	
Bloco V Agradecimentos	- Agradecer ao (à) entrevistado(a) a sua colaboração.		

Anexo III – Requerimento e guião apresentado ao Agrupamento de Escolas.



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação
Complexo Andaluz
Apartado 131 2001-902, Santarém

Exmo.º Diretor do Agrupamento de Escolas Dr. G.M

No âmbito da Unidade Curricular da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Santarém, orientada pela docente Maria João Cardona, irei realizar uma pesquisa para o relatório final de estágio sob o tema “ Adaptação e Bem-estar das crianças na Educação de Infância e nos primeiros anos da escola.

Para a realização deste trabalho necessito realizar entrevistas a algumas crianças do Jardim de Infância do Sacapeito, da sala da Educadora Teresa Guedes, onde estagiei.

Neste sentido solicito autorização para a realização destas entrevistas cujo guião envio em anexo.

Agradecendo a atenção fico a aguardar uma resposta.

Com os melhores cumprimentos,

A discente:
Sónia Borges

Contactos:

Sónia Borges (email: sonia.f.borgess@gmail.com ou telefone: 926778017)

Bloco Temática	Objetivos	Informações/ Questões	Observações
<p align="center">Bloco I</p> <p>Apresentação</p> <p>Caraterização dos entrevistados/entrevistadas</p>	<p>- Apresentação do tema do trabalho pesquisa e os objetivos da entrevista;</p> <p>- Caraterização do entrevistado/ entrevistada.</p>	<p>- Idade;</p> <p>- Ano de escolaridade/ tempo de frequência no JI</p>	<p>Nota: É garantida a confidencialidade e será adaptada uma linguagem acessível às crianças</p>
<p align="center">Bloco II</p> <p>Adaptação e Bem-estar no Jardim de infância</p>	<p>- Conhecer as principais experiências vividas durante o primeiro dia no Jardim de Infância.</p>	<p>- Ainda te lembras do teu primeiro dia no Jardim de Infância?</p>	
<p>- Conhecer a ideia que as crianças tinham acerca do Jardim de Infância antes de o frequentar.</p>	<p>- O jardim de infância era como tu pensavas?</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Já conhecias o Jardim de infância?</p>		
<p>- Identificar o que mais gostaram e o que menos gostaram do primeiro dia no Jardim de Infância.</p>	<p>- Quando chegaste ao jardim o que mais gostaste?</p> <p>- O que menos gostaste do jardim?</p>		

	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a ideia que as crianças têm sobre a escola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como imaginas que vai ser a tua futura escola? - Já sabes qual vai ser? - Já a foste visitar? 	
<p align="center">Bloco III</p> <p align="center">Adaptação e Bem-estar no</p> <p align="center">1º Ciclo do Ensino Básico</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as principais experiências vividas durante o primeiro dia no 1º Ciclo do Ensino Básico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ainda te lembras do teu primeiro dia de escola? 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a ideia das crianças à cerca da escola antes de o frequentar. 	<ul style="list-style-type: none"> - A escola era como tu pensavas? - Porquê? - Já conhecias a escola? 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o que mais gostaram e o que menos gostaram do primeiro dia no 1º Ciclo do Ensino Básico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quando chagaste à escola o que mais gostaste? - O que menos gostastes da escola? 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as diferenças e relações que existem entre o Jardim de Infância e o 1º Ciclo do Ensino Básico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais as diferenças que existem entre o Jardim de Infância e a Escola? - Qual a relação que existe entre o Jardim de Infância e a Escola? 	

Anexo IV – Pedido de autorização aos pais do grupo do Jardim de Infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Exm^{o/a}. Sr^a)
Encarregado/a de Educação

Eu, aluna do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1^o Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Santarém, encontro-me a realizar um relatório de final de curso que engloba uma pesquisa que tem como tema “ Adaptação e Bem-estar das crianças na Educação de Infância e nos Primeiros anos da escola”.

Como futura profissional da educação procuro estudar o ponto de vista das crianças sobre a adaptação ao jardim de infância. Neste sentido solicito a sua autorização para a realização de uma entrevista ao seu educando. As questões que constam da entrevista seguem em anexo para ter conhecimento das mesmas. A recolha da entrevista será feita através de gravação de áudio e é salvaguardado o anonimato das crianças.

Agradeço, desde já a sua compreensão e participação.

Santarém, em 6 de junho de 2014

A discente:

Contactos: Sónia Borges (email: sonia.f.borgess@gmail.com ou telefone: 926778017)

------(Separar por aqui e ficar com o pedido de Consentimento Informado) -----

Eu (nome) _____, autorizo/ não autorizo (riscar o que não interessa) a minha criança (nome) _____ a realizar a entrevista sobre o tema “ A Adaptação e o Bem-estar das crianças na Educação de Infância e nos 1^oos anos de escolaridade”.

_____ (local), _____ (ano)/ _____ (mês)/ _____ (dia)

_____ (Assinatura).

Questões da entrevista às crianças:

- Ainda te lembras do teu primeiro dia no Jardim de Infância?
- O jardim de infância era como tu pensavas? Porquê?
- Já conhecias o Jardim de infância?
- Quando chegaste ao jardim o que mais gostaste?
- O que menos gostaste do jardim?
- Como imaginas que vai ser a tua futura escola?
- Já sabes qual vai ser?
- Já a foste visitar?

Anexo V – Autorização assinada pelos Encarregados de Educação do jardim de infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Eu (nome) _____, autorizo/ ~~não autorizo~~ (riscar o que não interessa) a minha criança (nome) _____, a realizar a entrevista sobre o tema "A Adaptação e o Bem-estar das crianças na Educação de Infância e nos 1ºos anos de escolaridade".

Santa Rita (local), 2014 (ano) / 06 (mês) / 09 (dia)

(Assinatura)

**Anexo VI - Análise das entrevistas das crianças do Jardim de Infância e do
1º Ciclo do Ensino Básico.**

1) Caraterização dos entrevistados:

A entrevista foi realizada a doze crianças, seis das crianças pertencem a um grupo de crianças a terminar o jardim de infância, a transitar para o 1ºCEB, este grupo caraterizei da seguinte forma: por ordem alfabética (A;B;C;D;E;F) e as outras seis crianças do 3º ano do 1º CEB, que frequentou a Educação Pré-escolar antes de entrar na escola, este grupo caraterizei da seguinte forma: por ordem alfabética: acrescentando o número 1 que representa o 1º CEB (A1;B1;C1;D1;E1;F1).

Todas estas crianças pertencem a grupos/turmas que estagiei durante o mestrado que realizei.

2) Transcrição das entrevistas:

Blocos	Questões	Criança A	Criança B	Criança C	Criança D	Criança E	Criança F	Criança A1	Criança B1	Criança C2	Criança D1	Criança E1	Criança F1
Bloco II/III - Adaptação e Bem-estar escolar	<p>- Ainda te lembras do teu primeiro dia no Jardim de Infância/ Escola?</p> <p>- Como é que foi?</p>	<p>Sim, foi que eu aprendi a brincar com os amigos, brinquei.</p>	<p>Sim, foi eu não sabia nada, era para fazer um desenho e fiz o meu melhor.</p>	<p>Um bocadinho, foi bom, fiz muitos amigos muito rápido ,porque eles ajudaram-me em algumas coisas.</p>	<p>Lembro, foi bom, e.</p>	<p>Sim, correu bem.</p>	<p>Sim, (hmm) foi giro (hmm) adorável.</p> <p>Brinquei com os amigos e conheci a educadora.</p>	<p>Sim, foi divertido, foi cheio de emoção e foi com muitos amigos.</p>	<p>Sim, conheci novos amigos, a professora e as auxiliares.</p>	<p>Sim, foi muito divertido, conheci novos amigos, entrar numa escola.</p>	<p>Sim, ainda me lembro. Foi divertido, conheci novos amigos e a partir daí comecei a entender-me com eles e comecei a divertir-me.</p>	<p>Sim, já não me lembro, não me lembro, ah! Lembro-me, lembro-me quando a minha mãe estava sentada e vi o Leandro, estava tudo feliz, eu é que estava triste, porque não queria ir à escola, queria jogar playstation, gosto muito da escola, só que algumas coisas não gosto, o almoço.</p>	<p>Mais ao menos, conheci o meu amigo Miguel e os colegas mais a professora andamos a visitar os vários sítios da escola.</p>
	<p>- O jardim de infância/</p>	<p>Não, (abanou a cabeça) porque tinha</p>	<p>Não, porque pensava que era maior,</p>	<p>Sim, por causa tem o escorrega e afinal</p>	<p>Sim, (hmm) é como eu não pensava,</p>	<p>Não, porque eu não sabia como era.</p>	<p>Não, porque eu pensava que havia bicicletas e</p>	<p>Era, porque quando eu ia dormir à casa do meu avô às vezes</p>	<p>Mais ao menos, eu pensava que ia para uma escola que</p>	<p>Sim, era. Por causa eu já tinha um pressentimento que a</p>	<p>Não, porque, pensava que havia coisas</p>	<p>Sim, era porque a minha prima andava na</p>	<p>Mais ao menos, porque pensava que tinha</p>

<p>escola era como tu pensavas? - Porquê?</p>	<p>amigos novos.</p>	<p>pensava que havia nos cinco anos, mas só, pensava que acabava nos cinco anos, mas acabava nos seis.</p>	<p>tínhamos muitas coisas para fazer.</p>	<p>porque não sei.</p>		<p>que não havia aquelas perguntas.</p>	<p>passava pela escola e via como é que era.</p>	<p>não fosse tão perto da minha casa.</p>	<p>escola ia ser divertida.</p>	<p>novas como por exemplo (hmm) o refeitório mudar, porque aquilo até parece um pouquinho mais velhito e tal.</p>	<p>escola.</p>	<p>aquela coisa, tínhamos no meio da caixa de areia era de correr, mas depois viemos cá para a escola e não podíamos andar lá.</p>
<p>- Já conhecias o Jardim de infância/ escola?</p>	<p>Não.</p>	<p>Não.</p>	<p>Sim.</p>	<p>Sim.</p>	<p>Já.</p>	<p>Não.</p>	<p>Mais ao menos.</p>	<p>O meu pai já me tinha falado dela porque ele já tinha trabalhado cá, mas eu nunca me tinha apercebido da escola.</p>	<p>Não.</p>	<p>Não, não conhecia, mas quando entrei (ahhh), porque eu pensava que era de outra forma e eu não sabia de como é que era a escola e depois quando a vi pensei assim... pensava que tinha escorregas à porta de entrada, pensei que, por exemplo (hmm) as</p>	<p>Sim, já.</p>	<p>Mais ao menos, acho que sim, só a conhecia de vista porque a minha casa é aqui perto, e eu passava sempre por aqui.</p>

											do terceiro ficarem noutra sala e continuar como é.		
- Quando chegaste ao jardim/escola o que mais gostaste?	De conhecer os meus amigos.	Os amigos, mais, fazer os trabalhos e conhecer a professora.	Mais, gostei de fazer as amizades.	Andar no esplanada.	Foi brincar.	Foi de brincar com os amigos.	De conhecer os meus amigos.	Gostei de estar com os amigos que tinha no infantário, gostei da professora, das auxiliares, gostei da escola da maneira como ela se dirige e gostei disso.	Gostei de conhecer o meu melhor amigo que se chamava António, gostei de começar assim a trabalhar, a experimentar coisas novas, a plantar lá coisas.	(Hmm), pergunta difícil, do campo de futebol para brincarmos e divertimo-nos mais e também gosto muito desta sala.	Olha gostei, olha do campo de futebol.	Dos colegas e da professora e do meu amigo Miguel	
- O que menos gostaste do jardim/escola?	Ver os azulejos ali partidos ali.	Quando os amigos batiam-me, (hmm) fazer um desenho que era difícil.	Foi rapazes baterem uns nos outros.	Não, não, eu gosto de tudo.	Foi, foi, foi, não brincarem comigo.	(Hmm), é difícil porque eu gostei de muitas coisas. Ai de magoar, (hmm) de cair.	O almoço.	Eu gosto de quase tudo, menos da comida, a comida, há coisas na comida que eu não gosto.	Do almoço.	O almoço claro, não há dúvida.	Olha o almoço.	Do comer.	
- Como imaginas que vai ser a tua futura escola?	Boa, mais ao menos, muito gira, já a fui ver é os Leões, tem muitas salas e também tem um recreio e muitas salas para fazer os	Grande, e vão estar lá os amigos.	Eu acho que vai ser muito divertido, mas eu adoro fazer trabalhos, mas só que, eu não sei ler, e eu acho que vai ser muito bom	É boa.	Acho que vai correr bem, bem.	Adorável, doce. Mais? Boa, Não sei porque é só para escrever e ler, a escola primária é!							

		exercícios.		porque tenho lá uma prima minha e depois tenho outra prima e tenho uma vizinha minha que é mais velha do que eu.											
	- Já sabes qual vai ser?		Sei, a escola dos Leões.	Sim, vai ser a escola dos leões a minha mãe já me inscreveu.	Não.	A escola dos Leões.	Já, a escola primária.								
	- Já a foste visitar?		Já quando o meu mano andava lá. Mas o mano já não está nessa, porque o meu mano agora está Mem Ramires.	Sim, já fui uma vez e era mesmo a escola dos Leões, e tenho um dente a abanar e abana mesmo,	Não.	Não (abanou com a cabeça).	Já.								
	- Quais as diferenças que existem entre o Jardim de							É que no jardim de infância, é que no jardim de infância, nós brincamos mais (hmm) ouvimos	O jardim de infância é para bebés, bebés com idade, uma idade a baixo do 7 anos, 6 anos. A	No infantário também havia trabalhos mas não se trabalhava tanto como na escola. No infantário	(Hmm, hmm), as diferenças, ok, essa não sei, no jardim de infância, por exemplo,	Nenhuma, é igual, fazemos as mesmas coisas, brincam mais, é só isso.	Os meninos são mais pequeninos e, a sala de lá é mais pequena que esta.		

<p>Infância e a Escola?</p>							<p>mais histórias , fazemos mais Expressão Plástica e na escola trabalhamos muito para passarmos de ano.</p>	<p>escola estudasse tem pormenores que não existem no infantário, por exemplo eles lá não estudam, e nós aqui estudamos, nós aqui fazemos trabalhos nos livros e eles lá não fazem trabalhos nos livros, não fazem textos, não assim coisas tão difíceis e de vez em quando têm ajuda da professora.</p>	<p>fazia-se mais Expressão Plástica do que na escola, lá havia escorregas, casinhas para brincar, plasticina.</p>	<p>(hmm), não tens de estar a trabalhar, podes descansar à vontade e tal, agora quando estás na escola tens de trabalhar imenso para ter boas notas e se não tivermos boas notas, (pum).</p>		
<p>- Qual a relação que existe entre o Jardim de Infância e a Escola?</p>							<p>É que são os dois são divertidos e que têm muitos amigos.</p>	<p>A relação é que lá, lá no jardim de infância fazes coisas que também fazes cá. Lá, por exemplo, eles fazem desenhos, nós aqui também fazemos desenhos, ilustram</p>	<p>A relação é que são os dois divertidos, nos dois se trabalha e corre bem nos dois.</p>	<p>Nenhuma, acho que no jardim de infância é divertido como a escola.</p>	<p>Os amigos, são mais bebés. (hmm) olha a sala.</p>	<p>São todos amigos.</p>

									coisas como nós ilustramos cá, fazem trabalhos, trabalhos, nós também fazemos trabalhos mas é um tipo de trabalho que eles fazem nós fazemos outro.				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

3) Análise das entrevistas:

Blocos	Questões	Criança A	Criança B	Criança C	Criança D	Criança E	Criança F	Criança A1	Criança B1	Criança C2	Criança D1	Criança E1	Criança F1
Bloco II/III – Adaptação e Bem-estar escolar	<p>- Ainda te lembras do teu primeiro dia no Jardim de Infância/ Escola?</p> <p>- Como é que foi?</p>	Sim, foi que eu aprendi a brincar com os amigos, (...)	Sim, foi eu não sabia nada, era para fazer um desenho e fiz o meu melhor.	Um bocadinho, foi bom, fiz muitos amigos muito rápido, porque eles ajudaram-me em algumas coisas.	Lembro, foi bom, (...).	Sim, correu bem.	Sim, (...) foi giro (...) adorável. Brinquei com os amigos e conheci a educadora.	Sim, foi divertido, foi cheio de emoção e foi com muitos amigos.	Sim, conheci novos amigos, a professora e as auxiliares.	Sim, foi muito divertido, conheci novos amigos, entrar numa escola.	Sim, ainda me lembro. Foi divertido, conheci novos amigos e a partir daí comecei a entender-me com eles e comecei a divertir-me.	Sim, já não me lembro, não me lembro, ah! Lembro-me, lembro-me quando a minha mãe estava sentada e vi o Leandro, estava tudo feliz, eu é que estava triste, porque não	Mais ao menos, conheci o meu amigo Miguel e os colegas mais a professora andamos a visitar os vários sítios da escola.

												queria ir à escola, queria jogar playstation, gosto muito da escola, só que algumas coisas não gosto, o almoço.	
	- O jardim de infância/ escola era como tu pensavas? - Porquê?	Não, (...) porque tinha amigos novos.	Não, porque pensava que era maior, (...) pensava que acabava nos cinco anos, mas acabava nos seis.	Sim, por causa tem o escorrega e afinal tínhamos muitas coisas para fazer.	Sim, (...) é como eu não pensava, porque não sei.	Não, porque eu não sabia como era.	Não, porque eu pensava que havia bicicletas e que não havia aquelas perguntas.	Era, porque quando eu ia dormir à casa do meu avô às vezes passava pela escola e via como é que era.	Mais ao menos, eu pensava que ia para uma escola que não fosse tão perto da minha casa.	Sim, era. Por causa eu já tinha um pressentimento que a escola ia ser divertida.	Não, porque, pensava que havia coisas novas como por exemplo (...) o refeitório mudar, porque aquilo até parece um pouquinho mais velhito e tal. (...) porque eu pensava que era de outra forma e eu não sabia de como é que era a escola e depois quando a vi pensei assim... pensava	Sim, era porque a minha prima andava na escola.	Mais ao menos, porque pensava que (...), tínhamos no meio da caixa de areia era de correr, mas depois viemos cá para a escola e não podíamos andar lá.

											que tinha escorregas à porta de entrada, pensei que, por exemplo (...) as do terceiro ficarem noutra sala e continuar como é.		
- Já conhecia o Jardim de infância/escola?	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Mais ao menos.	O meu pai já me tinha falado dela porque ele já tinha trabalhado cá, mas eu nunca me tinha apercebido da escola.	Não.	Não, não conhecia, mas quando entrei (...).	Sim, já.	Mais ao menos, acho que sim, só a conhecia de vista porque a minha casa é aqui perto, e eu passava sempre por aqui.	
- Quando chegaste ao jardim/escola o que mais gostaste?	De conhecer os meus amigos.	Os amigos, (...), fazer os trabalhinhas e conhecer a professora.	Mais, gostei de fazer as amizades.	Andar no escorrega.	Foi brincar.	Foi de brincar com os amigos.	De conhecer os meus amigos.	Gostei de estar com os amigos que tinha no infantário, gostei da professora, das auxiliares, gostei da maneira como ela se	Gostei de conhecer o meu melhor amigo que se chamava António, gostei de começar (...) a trabalhar, a experimentar coisas novas, a	(...), pergunta difícil, do campo de futebol para brincarmos e divertirmos mais e também gosto muito	Olha gostei, olha do campo de futebol.	Dos colegas e da professora e do meu amigo Miguel.	

								dirige e gostei disso.	plantar lá coisas.	desta sala.		
- O que menos gostaste do jardim/ escola?	Ver os azulejos ali partidos ali.	Quando os amigos batiam-me, (...) fazer um desenho que era difícil.	Foi rapazes baterem uns nos outros.	Não, (...) eu gosto de tudo.	Foi, (...) não brincarem comigo.	(...), é difícil porque eu gostei de muitas coisas. Ai de magoar, (...) de cair.	O almoço.	Eu gosto de quase tudo, menos da comida, (...), há coisas na comida que eu não gosto.	Do almoço.	O almoço claro, não há dúvida.	Olha o almoço.	Do comer.
- Como imaginas que vai ser a tua futura escola?	Boa, mais ao menos, muito gira, (...) tem muitas salas e também tem um recreio e muitas salas para fazer os exercícios.	Grande, e vão estar lá os amigos.	Eu acho que vai ser muito divertido, mas eu adoro fazer trabalhos, mas só que, eu não sei ler, e eu acho que vai ser muito bom porque tenho lá uma prima minha e depois tenho outra prima e tenho uma vizinha (...), que é mais velha do que eu.	É boa.	Acho que vai correr bem, (...).	Adorável, doce. Mais? Boa, Não sei porque é só para escrever e ler, a escola primária é!						
	(...)é os Leões.	Sei, a escola dos Leões.	Sim, vai ser a escola dos Leões a minha mãe já me	Não.	A escola dos Leões.	Já, a escola primária.						

			inscreveu.										
- Já a foste visitar?	(...) já a fui ver.	Já quando o meu mano andava lá. Mas o mano já não está nessa, porque o meu mano agora está Mem Ramires.	Sim, já fui uma vez e era mesmo a escola dos Leões, (...).	Não.	Não (...).	Já.							
- Quais as diferenças que existem entre o Jardim de Infância e a Escola?							É que no jardim de infância ,(...) nós brincamos mais (...)	O jardim de infância é para bebés, bebés com idade, uma idade a baixo do sete anos, seis anos. A escola estudasse têm pormenores que não existem no infantário, por exemplo eles lá não estudam, e nós aqui estudamos, nós aqui fazemos trabalhos	No infantário também havia trabalhos mas não se trabalhava tanto como na escola. No infantário fazia-se mais Expressão Plástica do que na escola, lá havia escorregas, casinhas para brincar, plasticina.	(...) as diferenças, ok, essa não sei, no jardim de infância, por exemplo, (...), não tens de estar a trabalhar, podes descansar à vontade e tal, agora quando estás na escola tens de trabalhar imenso para ter	Nenhuma, é igual, fazemos as mesmas coisas, brincam mais, é só isso.	Os meninos são mais pequeninos e a sala de lá é mais pequena que esta.	

								<p>nos livros e eles lá não fazem trabalhos nos livros, não fazem textos, não, assim coisas tão difíceis e de vez em quando têm ajuda da professora.</p>		<p>boas notas e se não tivermos boas notas, (pum).</p>		
	<p>- Qual a relação que existe entre o Jardim de Infância e a Escola?</p>						<p>É que são os dois são divertidos e que têm muitos amigos.</p>	<p>A relação é que lá, lá no jardim de infância fazes coisas que também fazes cá. Lá, por exemplo, eles fazem desenhos, nós aqui também fazemos desenhos, ilustram coisas como nós ilustramos cá, fazem trabalhos, trabalhos, nós também fazemos trabalhos mas é um tipo de trabalho que eles fazem nós fazemos outro.</p>	<p>A relação é que são os dois divertidos, nos dois se trabalha e corre bem nos dois.</p>	<p>Nenhuma, acho que no jardim de infância é divertido como a escola.</p>	<p>Os amigos, são mais bebés. (...) olha a sala.</p>	<p>São todos amigos.</p>

	<p>- Outras respostas sobre outros temas.</p>			<p>(...) E tenho um dente a abandar e abana mesmo.</p>									
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Anexo VII - Análise das entrevistas das educadoras de infância e professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico.

1) Caraterização de cada entrevistado:

A “Ed. A” iniciou a sua formação académica em Magistério primário nas Caldas da Rainha, prosseguiu os seus estudos licenciando-se na Escola Superior de Educação de Santarém, na área e Expressões, atualmente realiza algumas formações Contínuas. Em 1989 iniciou o seu percurso profissional, passando ao longo dos anos por várias instituições, há cinco anos na atual instituição.

A “Ed. B” iniciou a sua formação académica em Educação de Infância no Magistério em Caldas da Rainhas, continuou os seus estudos realizando uma pós-graduação na área de Educação Especial e efetuando alguns cursos sobre essa mesma área ao nível da Multideficiência e da Paralisia cerebral. Trabalhou sempre na Rede Pública e quatro desses anos foram em Educação Especial na área de Intervenção Precoce, há nove anos está na atual instituição.

A “Prof. A” iniciou a sua formação académica em Bacharelato e posteriormente Licenciatura na Escola Superior de Educação de Santarém. Há vinte e dois anos exerce a sua profissão, dos quais quatro são exercidos na atual instituição.

A “Prof. B” iniciou a sua formação académica em Licenciatura na Escola Superior de Educação de Torres Novas, prosseguiu os seus estudos através da realização de formações sobre as unidades curriculares e PNEP (Programa Nacional de Ensino de Português). Há catorze anos exerce a sua profissão, e este é o primeiro ano na atual instituição.

A “Ed. A” e a “Prof. A” são titulares dos dois grupos que realizei as entrevistas e que estagiei durante o mestrado.

2) Transcrição das entrevistas:

Blocos	Questões	Ed. A	Ed. B	Prof. A	Prof. B
<p>Bloco III /IV – Adaptação e Bem-estar escolar</p>	<p>- Como é que prepara a adaptação das crianças no início do jardim de Infância/ 1º Ciclo do Ensino Básico?</p>	<p>No início nós temos de criar um ambiente agradável e de confiança para se sentirem bem, mais por ai, para quando entrarem sentirem bem, que não haja grande separação, apesar de sentirem muito a separação dos pais, mas tem a ver com as crianças. Um clima de festa e de alegria é mais por ai, para se sentirem bem.</p>	<p>É assim em termo de adaptação faço primeiro uma reunião com os pais, primeiro, aliás há uma pequena entrevista que antecede a entrada dos meninos no jardim de infância em que nós temos um conhecimento ainda que superficial do ponto de vista da presença da criança mas muito enfatizado pela relação dos pais e aquilo que eles pensam sobre os seus filhos, seguidamente temos a reunião geral de pais e depois uma mais estruturada a nível de sala, em que nós falamos um pouco sobre as características da adaptação, o que é importante nestes primeiros momentos, como é que os pais também devem de estar preparados para acolher as birras, a desvinculação das crianças relativamente aos pais porque os pais funcionam um pouco como, não, são o seu porto seguro e neste momento há como se um corte, se vem de outra instituição tudo bem, se a relação é mesmo a primeira vez é necessário preparar tanto os pais como as crianças para este espaço. Por outro lado é também importante preparar o espaço, um espaço que seja alegre, motivador, isto também ao</p>	<p>É assim preparo, em termo de acolhimento, nos primeiros dias, é feita a apresentação do espaço, procura-se ter atividades mais lúdicas, fazer um pouquinho a ponte entre o jardim e a escola, a mudança não se faz logo eles têm muito mais liberdade no espaço no jardim e depois aqui é feito assim progressivamente a adaptação ao outro novo ritmo de aprendizagem.</p>	<p>Olha é um bocado complicado quando eles vêm do jardim de infância porque eles, ritmo de trabalho é completamente diferente, depois vêm muito habituados também, muito mais ao lúdico, aqui, eu também tenho algumas coisas lúdicas e gosto, que eles motivam-se muito mais eles com o lúdico, canções, jogos, só que o ritmo de trabalho e o facto de estarem sentados numa cadeira não é muito fácil.</p>

			<p>mesmo tempo que tenha pontos de referência de afeto não é?! e também que seja de experiências muito novas que lhes facilite, nesse sentido, é importante preparar os pais para que eles possam trazer objetos transacionais, portanto aquele objeto que eles estão ligados, numa primeira fase, deixar também os pais ficar um bocadinho, se é importante para os pais e seguramente preparar também os pais de dizer que: "agora vais ficar e daqui a bocadinho eu volto", e mediar este tempo de distância, portanto que é um tempo de distância. Esta preparação é assim, é de alguma maneira um "trampolim" para que os alicerces de uma boa adaptação seja feita no jardim de infância, ou seja, é assim, se nós estamos de volta de pais que entretanto são muito ansiosos, tranquilizar os pais também, da mesma maneira que tranquilizamos os filhos, as crianças, ou seja, o jardim é um espaço de transição, é um espaço de crescimento tal como o da família, mas a família é sempre o sitio, é o lugar do coração, logo é importante que digam sempre a verdade, fica aqui, a mãe vai já, não consegue distanciar, quando vir que ele está bem, ou que ela está bem, diz assim: "a mãe vai tomar um cafezinho vem já" e cumprir e prometer, portanto, é assim, se os pais às vezes podem tirar férias nesta altura é preferível tirarem, não sou apologista de tirar de braços de choro, não sou</p>		
--	--	--	---	--	--

			<p>apologista desse tipo de situações, se bem que em situações que são recorrentes, em que nem a mãe nem o pai e são dinâmicas familiares que às vezes têm a ver com outro tipo de situações, às vezes é preciso fazer o corte, e que eles ficam bem, convidar a mãe, a falar com a mãe, normalmente, às vezes é sempre a pessoa mais difícil no corte da relação, e diz-se assim: “venha, fique aqui agora um bocadinho, venha um bocadinho, entre”, vai entrar na sala e vai-se aperceber que ele está bem ou que ela está bem, para perceber que ela vai continuar e quando ela a vir ou ele a vir vai-lhe fazer uma grande festa e pronto é assim a preparação é sempre feita com estes momentos, portanto a entrevista inicial, reunião geral de pais, depois algumas dicas normalmente nessa reunião e depois se há um sentido de tranquilizar, de tranquilizar os pais e por outro lado ao nível de organização do espaço educativo, uma organização que privilegie a cor, que privilegie o espaço e que seja também estimulante do ponto de vista de que as primeiras atividades sejam memoráveis, que sejam apelativas e que digam “eu amanhã quero voltar”. Pronto é mais ao menos, são essas coisas que eu faço, faço também outra coisa que é se os pais têm, um convite a ficar um pouquinho no jardim mas depois a saírem, a dizerem que voltam, e depois progressivamente ir aumentando</p>	
--	--	--	--	--

			o tempo de distância até que ele fique bem e isso é bom. No princípio também dizer, não ficar logo a almoçar, mas se de todo não for, saber as suas preferências o que gostam, o que não gostam, na entrevista prévia que nós fazemos, respondi a tudo?		
	<p>- Quais são as principais estratégias que promove para uma boa adaptação da criança ao Jardim de Infância/ 1º ciclo do Ensino Básico?</p>	<p>Conversar com os pais, nós também temos sempre uma entrevista com eles para depois conversarmos, para conhecermo-nos um bocadinho apesar de ser uma coisa muito, muito breve.</p> <p>Tentar estar com os pais de forma, a que eles percebam que há uma confiança quando entregam, (claro que os pais também têm alguma ansiedade e que nós sentimos, não é?!). Mas dar-lhes confiança a eles para depois transmitir também às crianças, o que à partida lhes dá segurança não é?! mais por aí também.</p> <p>E Depois é todo, é todo um jogo, entrar na brincadeira, faz de conta com eles, gostam, ir ao encontro do que eles são realmente.</p>	<p>Portanto as estratégias são em três eixos: pais, crianças e espaço educativo e também as pessoas com quem nós trabalhamos, também de partilhar com elas, os gostos, as preferências, os medos, os controlos dos chichi e dos cocós o que é preciso fazer, pronto, todo, há uma série de coisas que também as assistentes operacionais não podem ser descuradas enquanto equipa.</p>	<p>Recorresse muito a jogos, a canções a atividades mais lúdicas, mais atrativas, portanto o contar histórias e de fazer as aprendizagens sempre mais dedicado ao lúdico.</p>	<p>Olhe tento-me relacionar bem com a família, para ver também quais são os problemas deles e também pelos processos dos meninos e depois tento, para dar a matéria, por exemplo muitas vezes através de canções, histórias, ainda hoje tivemos a dar uma historiazinha “ Dez dedos dez segredos”, e a audição da história, canções que eles gostam e no princípio também como eles vêm habituados a trabalhar com plasticina, deixo-os trabalhar também com plasticina um pouco isso.</p>

<p>- Quais são as principais dificuldades que sente durante o processo de adaptação da criança ao Jardim de Infância/ 1º Ciclo do Ensino Básico no início do ano?</p>	<p>Dificuldades, é quando eles estão muito agarrados ainda à família, é a separação, sinto muita dificuldade, às vezes, o “arrancar”, (o arrancar não, o arrancar é como nós, entre parêntesis) é o tirar, é ansiedade dos pais, é tudo pela primeira vez é ele estar num ambiente totalmente diferente, onde no meio familiar são mais protegidos, pronto, é mais acolhedor e depois num espaço grande. E o entrar, entrar, há aquelas crianças, tudo depende, há aquelas crianças que sentem-se logo muito bem, e depois têm uma recaída, (uma recaída entre aspas também) é o entrar nas regras, é o respeitar as regras, é o conhecer o outro enquanto é novidade parece que entram muito bem, essa é a parte mais difícil, que eu sinto na prática quando eles estão a adaptar e é o tirar aos pais, a separação, custa muito.</p>	<p>É assim, as principais dificuldades às vezes ficam em como devolver juntos dos pais essa segurança, capacitar os pais que entretanto e ultimamente temos tido, estamos a receber crianças cada vez mais pequeninas, portanto meninos a terminarem, a fazerem três anos a vinte e sete de dezembro, no meu caso tenho seis crianças, não frequentaram nada, pronto, é capacitar os pais e capacitar toda uma equipa não é, para esse tipo de disponibilidade interior e exterior fisicamente, porque é uma fase muito cansativa, portanto e à medida que os anos vão passando, nós conhecemos todas essas coisas, antevemos todas essas dificuldades, mas todos os dias, todos os anos nós renovamos essas ansiedades de entretanto. Dizer vai ser bom, vai ser ótimo, acreditem que vai ser, daqui a uns tempos diz-se é, a dificuldade maior às vezes é devolver, capacitar os pais que isto, o facto de eles ficarem cá, não é nada de mais, é só mesmo uma chuva.</p>	<p>A adaptação a um novo ritmo de trabalho, a... haver diferentes níveis de aprendizagem, o nível de maturidade, portanto há crianças que não têm maturidade ainda para, para estar, para desenvolver estas tarefas enquanto que outros já estão preparadíssimos, portanto há esses desníveis.</p>	<p>Olha, eles vêm muito ansiosos também, essa ansiedade também às vezes não é muito boa e depois se calhar já vêm com a ideia que a escola que é assim um puco brincar, muito brincar, mas é preciso também fazer um bocadinho, não vêm habituados a fazer um bocadinho de trabalhos de casa, depois torna-se às vezes um bocado difícil, mas depois com o tempo eles vão-se adaptando.</p>
--	---	---	--	---

- Como é que ultrapassa essas dificuldades?

Tento que eles tragam alguma coisa, algum elemento de laço, de (hmm) se ele eles usam chucha, não vamos tirar logo, se têm um bonequinho de estimação, não vamos tirar logo para ser um elo de ligação entre a família e a escola, mais por ai, e tentar sempre conversar com os pais, e tentar dar-lhes uma calma aos pais, a nós também, para transmitir também às crianças, para aquele bocadinho não ser tão difícil. Inicialmente, talvez, também não virem, principalmente os mais pequeninos, não virem o dia inteiro, estar só um bocadinho da parte da manhã, e depois os pais virem buscar, principalmente aquelas crianças que nunca estiveram em instituição ou em creche, não é?! em que não estão habituados a essa situação de separação para não ser tão, não sentirem que foram abandonados pelos pais ali, é mais por ai.

Normalmente conversando com os pais, solicitar aos pais algumas leituras, também promovendo troca de experiências entre pais. Como os nossos grupos são heterogêneos, crianças que entretanto tiveram algumas dificuldades e ou pais ou mães às vezes nem foram as crianças, até passaram bem, os pais é que não, é a troca entre pais que de alguma maneira é outra maneira, é outro olhar sobre a coisa, sobre essas dificuldades, portanto, às vezes socorro-me dos pais anteriores, dos pais dos outros anos, dos pais mais antigos para entretanto me aconchegarem a mim própria e me ajudarem também a resolver essas situações. Assim como as auxiliares (há isto depois passa, essas coisas todas, não é), mas capacitar os pais que isto é uma experiência memorável, e que é uma aventura e que eles não vão perder os seus filhos porque há neste momento com, cada vez mais as mães a trabalharem, elas por um lado querem deixar os seus filhos tranquilos e bem, mas por outro lado é assim, há um pedacinho delas que entretanto também fica, pronto e é nós sabermos capacitar destes papéis e vermos o que, que funciona melhor, os anos ajudam, pronto, capacitam-nos melhor, não é.

Pronto, precisamente recorrendo a essas atividades mais lúdicas e portanto, tento evitar o tempo de concentração ser, é curto ainda não é, portanto as tarefas têm de ser ainda separadas por momentos de atividades mais, mais lúdicas.

Tento dar um bocado de segurança também à criança, dizendo que ela é capaz, o reforço positivo e depois também é através de canções, joguinhos e essas coisas.

	<p>- Quais são os principais fatores que facilitam a adaptação da criança?</p>	<p>É uma boa relação entre a escola e a família e também que os pais sintam-se à vontade, motiva-los para que os pais sintam segurança, tento conversar com eles, que é natural, não tirar objetos de laço, entrega para se sentirem confiantes.</p>	<p>Os principais, uma figura segura, consistente, a educadora ser consistente, enquanto figura de vinculação, as próprias assistentes, o grupo que faz, o espaço e todas as atividades que nós temos no jardim de infância, portanto tudo isso facilita.</p>	<p>Que facilitam a adaptação? Penso que é o tentar criar um bom clima, um clima de harmonia, conseguir conquistá-los, estabelecer uma boa relação com eles muito por o afetivo, pelo conquistar, ser um prazer ir à escola.</p>	<p>Eu penso que aqui a família conta muito também e depois tentar haver sempre uma interligação ou com o jardim, com o jardim também. Também podemos fazer, nós aqui, por acaso até planificamos coisas em coisas em conjunto, como jardim, parte deles andaram no Choupal.</p>
	<p>- Quais são os principais fatores que dificultam a adaptação da criança?</p>	<p>Às vezes acaba por ser a ansiedade, a ansiedade dos pais que transmite e se nota nas crianças, eles não terem por vezes regras em casa, sentido de, regras de estar sentado à mesa para fazerem uma refeição, este tipo de coisas, que faz com que nós sejamos mais assertivas em que eles estejam, que eles estejam com mais algumas regras, que quando estão em casa e às vezes esse choque provoca alguma instabilidade porque, ficam, são mais, e têm de obedecer a determinadas regras que às vezes não estão habituados em casa, dou o exemplo da refeição, que às vezes os pais andam atrás deles com a colher e às vezes é mais difícil essa parte da alimentação, por vezes, é um bocadinho difícil para eles. Há aquelas crianças que não, isto é só, estou a falar dos fatores mais difíceis.</p>	<p>Os fatores que dificultam a adaptação, por vezes algumas dinâmicas familiares, que não são consistentes, são irregulares, são inconsistente pronto isso é um fator, alguma imaturidade dos pais também, também é verdade, algum cansaço às vezes também pode subsistir da nossa parte e uma disponibilidade que pode não acontecer momentânea do corpo da equipa docente e não docente, são essas as coisas.</p>	<p>Um pouquinho aquilo que já disse, portanto os diferentes níveis de aprendizagem que eles estão, às vezes também um bocadinho os fantasmas que se criam, quando fores para a escola, eles às vezes vêm a achar que, depois até se fazer a adaptação e de eles perceberem como funciona, alguns estão com uma expectativa diferente, embora eles hoje em dia eles também vêm tão, têm, tanto, tão desenvolvido e têm tantas coisas que os desenvolvem que eles acabam por se entusiasmar e queres saber mais e cada conquista que fazem é uma alegria e o interesse muito grande. Pelo menos a experiência que eu tenho com este último grande grupo que acompanhei foi isso que senti.</p>	<p>Olha muitas vezes é a família, por um lado é facilitadora mas por outro, também às vezes é complicado.</p>

	<p>- Qual o papel do educador/a professor/a durante a fase de adaptação da criança?</p>	<p>Tem que ser uma pessoa sensível e estar, e compreender que é a separação da criança e dos pais, temos de estar atentos às crianças e aos pais, porque às vezes eles transmitem a tal ansiedade e o educador tem que dar confiança e quando eles entregam, entregam a criança, o seu filho, a uma instituição, têm de se sentir seguros não é?! e ao se sentirem seguros, também as crianças estão seguras e vem com outro, vem felizes e nós pretendemos que elas sejam crianças felizes, momentos tristes nós todos temos, há aqueles dias que eles ou porque dormiram pior precisam de mais um miminho, e compreender todo esse e estar atento aos sinais. Porque às vezes é muito fácil, a dificuldade que eu sinto às vezes, que eu já disse atrás, é que às vezes eles entram tão bem, tão bem que é novidade e depois, e depois retraem um bocadinho por causa dessa situação das regras, estar atento nessa fase, acaba por haver as adaptações mais difíceis ainda são aquelas que têm uma recaída, uma semana depois, porque quando eles choram ao principio, que é a separação dos pais e da família, depois já entram no ritmo e já não há, quer dizer que não haja um momento ou outro, ou porque estão mais sensíveis ou porque estão adoentados mas as crianças que entram porque</p>	<p>Já disse, olhe tem de ser consistente, coerente, empático, empático tem de ser, tem de ter uma boa dose de empatia, tem que ser um bocadinho, tem de convocar os saberes da psicologia, da (hmm) vida diária, das coisas da vida diária, tem de saber em temos éticos saber quando podem intervir e quando podem, e quando não devem intervir, pronto, é assim, o perfil do educador tem de ser um perfil mesmo de acordo com os normativos que é tem de ser uma pessoa coerente e rigorosamente em conhecimentos éticos, mas depois tem de ser consistente em termos de valores e atitudes, tem de ser uma pessoa empática, e tem de ser uma pessoa que goste de desafios e que seja um pouco, é como se fosse uma corrida de longa duração, é uma maratona. Porque, a fase da adaptação é uma fase de maratona é intensa e continuada. Depois a seguir já fazemos muitas corridas, mas estas corridas são umas corridas que são os pequenos projetos que a gente vive, mas esta é aquela principal. Daí decorre o gostar ou não gostar do jardim de infância, o querer voltar ou não querer voltar, o se conseguir separar seguramente do porto seguro que é a mãe, da base segura que é a mãe e vincular-se a outra pessoa que não é a mãe, mas também não tem o objetivo de ser mãe, o objetivo é um companheiro de viagem que vai ajudar a crescer.</p>	<p>Eu acho que é muito importante, que se não conseguir cativar a criança eles acabam por rejeitar, é preciso criar esses laços, essa confiança, não é logo que se consegue, portanto, vai-se conseguindo aos poucos, e se isso acontecer, se houver essa conquista essa proximidade é mais fácil depois o trabalho.</p>	<p>Aí o papel acho que é um pouco também de, há um professor também de mãe ou de pai, de psicólogo, de tudo isso. Tentar também às vezes compreender o que se passa ali e pronto.</p>
--	--	--	---	--	---

		<p>é novidade custa-lhes mais interiorizar as regras e então, é acaba por acontecer, que será um bocadinho mais difícil, porque anda tudo, ao principio é muito feliz, mas depois, como têm de cumprir têm de respeitar o amigo, têm de respeitar toda uma dinâmica na escola que não estão habituados em casa e às vezes, às vezes é mais difícil, temos de estar atentos, principalmente atentos e tentar adaptar, conversar com os pais e conciliar a forma das crianças não sofrerem tanto com a separação da família e dar-lhes segurança que a família deixou-os cá na escola para se divertirem, para crescerem com os amigos mas que regressam e isso é importante e às vezes, vai um bocadinho, pois gradualmente, e a pouco a pouco vão ficando até mais tarde.</p>			
	<p>- Quais são os aspetos mais importantes que tem em conta?</p>	<p>É o que referi anteriormente. E outra coisa que não referi anteriormente, no início é que nós fazemos, pronto, já é prática, não sei se é em relação á instituição, mas já é prática dar essa confiança logo no início aos pais, eles vão, vêm todos juntos, os meninos estão com os pais, interagir com os pais nas, em conjunto. E na sala há sempre um dia, que no primeiro dia, vão, recebem os amigos e estão em família e depois também vão às salas e as crianças sentem que os pais pertencem, pertencem à escola,</p>	<p>É assim, é estar disponível e recorre, é assim eu faço conta, associo muito a nossa profissão de educadora a uma profissão de mala às costas e então, ou de baú e entretanto nós convocamos todas as coisas que precisamos nessa altura para este momento, pronto porque depois é uma fase muito intensa, quando ela passa, quando ela se ganha outras nuances é uma fase muito interessante, porque nós estamos todos disponíveis para outras coisas.</p> <p>Portanto, relativamente ao que eu tenho mais em conta é ter</p>	<p>É o que referi anteriormente.</p>	<p>A família também é muito importante pois também, todas as atividades também relacionadas com o lúdico para eles também é muito importante, ou então também a autoestima, saber valorizar também as coisas que eles fazem, planificar as coisas.</p>

tranquiliza os pais e ao mesmo tempo, depois ao longo do ano, que já não haver muito com a adaptação, mas continua a ser porque estão sempre em adaptação, há sempre atividades que envolvem as famílias e que as crianças veem os pais na escola e os avós e a certa medida é bom para eles e para nós.

disponibilidade interior e exterior para porque depois, e também para aprender, para aprender coisas que entretanto porque, as dinâmicas familiares a vida do quotidiano deste momento, está a ter uma rotação tão grande, tão grande, tão grande que muitas vezes sobrevém algum desencanto. E às vezes é não querer não deixar que esse desencanto preencha, ganhe cor nos dias, portanto isso é um fator não deixar que algum desencanto que decorre da nossa profissionalidade neste momento, se tudo estivesse bem, neste momento como mono docente que sou, nunca que usei tempo nenhum de ensino especial por redução de tempo este ano já não estaria a trabalhar, portanto este ano teria sido o meu ano de reforma, eu acho que me reformava muitíssimo bem, sabe porque? Porque para meninos pequenos, ainda hoje nós estávamos a fazer um jogo de animais, é preciso, nós entretanto que eles estão um pouco desfasados da realidade, por exemplo: como é que anda a galinha, galinha não anda com quatro patas, a galinha anda com duas patas e anda com as patinhas, rastejar essas coisas todas, são coisas que uma educadora deve saber fazer, deve viver isso, deve viver com o corpo e deve ser essa dignidade para fazer isso, e deve ter a disponibilidade para fazer isso com dignidade. Eu neste momento faço, mas não sei se

		<p>para o próximo ou outro ou outro ou daqui a dez anos irei fazer é quando me vou reformar. E acho que é, deveria de ser preservado para uma boa adaptação, olhe isto, por acaso não sei se é relevante ou não mas enfim, para uma boa adaptação, mesmo com cara de avós, que nós eventualmente estejamos não deveremos, temos, essa, não deveremos estar a fazer adaptações aos 65 anos. É porque agora não tem esse dilema mas daqui a uns tempos vai ver e nós não vamos ter essa dignidade de nos, a... de deixarmos a profissão com essa alegria e com todo o encantamento que temos agora, não temos, e é assim e, há outras pessoas, mas aos trinta anos há pessoas que já são mais crescidas e que não têm essa disponibilidade. É verdade, mas quem escolhe, numa maneira geral a profissão de educadora tem que ter essa componente e a componente é a disponibilidade física e mental para descermos e para nos situarmos mesmo nessa zona de desenvolvimento proximal e conseguir andar para a frente, porque é, e quando nós formos crescidos essa disponibilidade, quando formos mais idosos não temos essa disponibilidade e não vamos crescer com dignidade e não é bom, nem para as crianças, nem para nós. Mas de qualquer maneira eu gosto e pronto.</p>		
--	--	--	--	--

	<p>- O que entende por adaptação escolar?</p>	<p>É um período de adaptação, que envolve uma “separação” da criança com a sua família.</p> <p>É um tempo que envolve sentimentos como: ansiedade, incerteza e insegurança, principalmente por parte da família.</p> <p>É uma fase em que a educadora tem um papel importante, de transmitir segurança e estabilidade, estabelecendo uma relação mais afetiva com a criança e com a respetiva família.</p> <p>Também é um tempo potenciador de novas descobertas, aprendizagens, crescimento e novas competências para as crianças e para a restante comunidade educativa.</p>	<p>O período de tempo, de transição, de adaptação à mudança, necessário à criança, família e educadora bem como à sua equipa, para se ajustarem, vincularem-se a uma nova realidade, que é a sua interação, enquadrada pelas variáveis de espaço, tempo e recursos.</p> <p>Esse tempo é um tempo de possibilidades, de algumas incertezas e ansiedades, que num processo positivo em que todos se empenham é potenciador de descobertas, aprendizagens, crescimento e novas competências. Metaforicamente digamos que desarrumamos a mala e depois... Descobrimos que ao arrumar tudo se encaixa harmoniosamente e ainda sobra um espacinho para outros pequenos, grandes tesouros e sempre que um novo ciclo começa, tudo se renova, independentemente dos anos na profissão ou da idade criança ou adulto.</p>	<p>O período que antecede a entrada na escola é marcado por grande expectativa e ansiedade no seio familiar. Esta fase é vista como um marco na vida das crianças, em que as famílias tomam maior consciência de que os seus filhos “estão a crescer” e que novas exigências se lhes impõem. Este processo de transição entre um percurso de aprendizagens de carácter maioritariamente lúdico para um nível de aprendizagem com uma dinâmica diferente e com outro grau de exigência, ao nível da destreza manual e da concentração exige um período transitório, um período de adaptação, que tem que ser gradual, progressivo. Num clima de grande harmonia e integrador de todos os elementos do grupo, há que ajudá-los a criar “laços” entre colegas e professor, promovendo a confiança e o bem-estar da criança. Esta mudança não se processa de forma automática e o carácter lúdico tem, nesta fase, grande importância ajudando-os e fomentando-lhes a aquisição de novos saberes através de um percurso enriquecedor e cheio de partilhas constantes, tendo em conta o ritmo e a personalidade de cada criança.</p>	<p>Adaptações curriculares são propostas pelo Ministério de Educação visa promover a aprendizagem dos alunos como aprender o que devem aprender, como e quando aprender.</p>
--	--	--	--	---	--

3) Análise da entrevista:

Blocos	Questões	Ed. A	Ed. B	Prof. A	Prof. B
<p>Bloco III/IV - Adaptação e Bem-estar escolar</p>	<p>- Como é que prepara a adaptação das crianças no início do jardim de Infância/ 1º Ciclo do Ensino Básico?</p>	<p>No início nós temos de criar um ambiente agradável e de confiança para se sentirem bem, mais por aí, para (...) que não haja grande separação, apesar de sentirem muito a separação dos pais, mas tem a ver com as crianças. Um clima de festa e de alegria é mais por aí, para se sentirem bem.</p> <p>(...) já é prática dar essa confiança logo no início aos pais, eles vão, vêm todos juntos, os meninos estão com os pais, interagir com os pais em conjunto. E na sala há sempre um dia, que no primeiro dia, vão, recebem os amigos e estão em família e depois também vão às salas e as crianças sentem que os pais pertencem à escola, tranquiliza os pais e ao mesmo tempo, depois ao longo do ano, que já não haver muito com a adaptação, mas continua a ser porque estão sempre em adaptação, há sempre atividades que envolvem as famílias e que as crianças veem os pais na escola e os avós e a</p>	<p>É assim em termo de adaptação faço primeiro (...) uma pequena entrevista que antecede a entrada dos meninos no jardim de infância em que nós temos um conhecimento, ainda que superficial, do ponto de vista da presença da criança mas muito enfatizado pela relação dos pais e aquilo que eles pensam sobre os seus filhos. Seguidamente temos a reunião geral de pais e depois uma mais estruturada a nível de sala, em que nós falamos um pouco sobre as características da adaptação, o que é importante nos primeiros momentos, como é que os pais também devem de estar preparados para acolher as birras, a desvinculação das crianças relativamente aos pais, porque os pais funcionam um pouco como, são o seu porto seguro e neste momento há como se um corte, se vêm de outra instituição, tudo bem, se a relação é mesmo a primeira vez é necessário preparar tanto os pais como as crianças para este</p>	<p>É assim preparo, em termo de acolhimento, nos primeiros dias, é feita a apresentação do espaço, procura-se ter atividades mais lúdicas, fazer um pouquinho a ponte entre o jardim e a escola, a mudança não se faz logo eles têm muito mais liberdade no espaço no jardim e depois aqui é feito assim progressivamente a adaptação ao outro novo ritmo de aprendizagem.</p>	<p>Olha é um bocado complicado quando eles vêm do jardim de infância porque eles, ritmo de trabalho é completamente diferente, depois vêm muito habituados muito mais ao lúdico, aqui eu também tenho algumas coisas lúdicas e gosto, eles motivam-se muito mais eles com o lúdico, canções, jogos, só que o ritmo de trabalho e o facto de estarem sentados numa cadeira não é muito fácil.</p>

	<p>certa medida é bom para eles e para nós.</p>	<p>espaço. Por outro lado, é também importante preparar o espaço, um espaço que seja alegre, motivador, isto também ao mesmo tempo que tenha pontos de referência de afeto (...) e também que seja de experiências muito novas que lhes facilite, nesse sentido, é importante preparar o pais, para que eles possam trazer objetos transacionais, portanto aquele objeto que eles estão ligados, numa primeira fase, deixar também os pais ficar um bocadinho, se é importante para os pais e seguramente preparar também os pais de dizer que: “agora vais ficar e daqui a bocadinho eu volto”, e mediar este tempo de distância, portanto que é um tempo de distância. Esta preparação é de alguma maneira um “trampolim” para que os alicerces de uma boa adaptação seja feita no jardim de infância, ou seja, se nós estamos de volta de pais que entretanto são muito ansiosos, tranquilizar os pais também da mesma maneira que tranquilizamos os filhos, as crianças, ou seja, o jardim é um espaço de transição, é um espaço de crescimento tal como o da família mas a família é sempre o sitio, é o lugar do coração, logo é importante que digam sempre a verdade, fica aqui, a mãe vai já, não consegue distanciar, quando vir que ele está bem ou que ela está bem, diz assim: “a mãe vai tomar um cafezinho vem já” e cumprir e prometer, portanto, é assim, se os</p>		
--	---	--	--	--

		<p>pais às vezes podem tirar férias nesta altura é preferível tirarem não sou apologista de tirar de braços de choro, não sou apologista desse tipo de situações, se bem que em situações que são recorrentes, em que nem a mãe nem o pai e são dinâmicas familiares que às vezes têm a ver com outro tipo de situações, às vezes é preciso fazer o corte e que eles ficam bem, convidar a mãe a falar com a mãe, normalmente às vezes é sempre a pessoa mais difícil no corte da relação, e diz-se assim: “venha, fique aqui agora um bocadinho, venha um bocadinho, entre”, vai entrar na sala e vai-se aperceber que ele está bem ou que ela está bem para perceber que ela vai continuar e quando ela a vir ou ele a vir vai-lhe fazer uma grande festa e pronto é assim a preparação é sempre feita com estes momentos, portanto a entrevista inicial, reunião geral de pais, depois algumas dicas normalmente nessa reunião e depois se há um sentido de tranquilizar os pais e por outro lado ao nível de organização do espaço educativo, uma organização que privilegie a cor, que privilegie o espaço e que seja também estimulante do ponto de vista de que as primeiras atividades sejam memoráveis, que sejam apelativas e que digam: “eu amanhã quero voltar”. Pronto é mais ao menos, são essas coisas que eu faço, faço também outra coisa que é se os pais têm, um convite a ficar um</p>		
--	--	--	--	--

		<p>pouquinho no jardim mas depois a saírem, a dizerem que voltam, e depois progressivamente ir aumentando o tempo de distância até que ele fique bem e isso é bom. No princípio também dizer, não ficar logo a almoçar, mas se de todo não for, saber as suas preferências o que gostam, na entrevista prévia que nós fazemos (...).</p>		
<p>- Quais são as principais estratégias que promove para uma boa adaptação da criança ao Jardim de Infância/ 1º ciclo do Ensino Básico?</p>	<p>Conversar com os pais, nós também temos sempre uma entrevista com eles para depois conversarmos, para conhecermos um bocadinho, apesar de ser uma coisa muito, muito breve.</p> <p>Tentar estar com os pais de forma, a que eles percebam que há uma confiança quando entregam, claro que os pais também têm alguma ansiedade e que nós sentimos não é, mas dar-lhes confiança a eles para depois transmitir também às crianças, o que à partida lhes dá segurança, (...) também e depois é todo um jogo, entrar na brincadeira, faz de conta com eles, ir ao encontro do que eles são realmente.</p>	<p>Portanto as estratégias são em três eixos: pais, crianças e espaço educativo e também as pessoas com quem nós trabalhamos, também de partilhar com elas os gostos, as preferências, os medos, os controlos dos chichis e dos cocós o que é preciso fazer, há uma série de coisas que também as assistentes operacionais não podem ser descuidadas enquanto equipa.</p>	<p>Recorre-se muito a jogos, a canções a atividades mais lúdicas, mais atrativas, portanto o contar histórias e de fazer as aprendizagens sempre mais dedicado ao lúdico.</p>	<p>Olhe tento-me relacionar bem com a família, para ver também quais são os problemas deles e também pelos processos dos meninos e depois tento, para dar a matéria, por exemplo muitas vezes através de canções, histórias e no princípio também como eles vêm habituados a trabalhar com plasticina, deixo-os trabalhar também com plasticina um pouco isso.</p>
<p>- Quais são as principais dificuldades que sente durante o processo de adaptação da criança ao Jardim de</p>	<p>Dificuldades, é quando eles estão muito agarrados ainda à família, é a separação. Sinto muita dificuldade, às vezes, o “arrancar”, (...), é ansiedade dos pais, é tudo pela primeira vez. É ele estar num ambiente totalmente diferente, onde no meio familiar são mais protegidos, é mais acolhedor e depois num espaço grande. Há aquelas</p>	<p>É assim, as principais dificuldades às vezes ficam em como devolver juntos dos pais essa segurança, capacitar os pais que entretanto e ultimamente temos tido, estamos a receber crianças cada vez mais pequeninas, portanto meninos a terminarem, a fazerem três anos a vinte e sete de dezembro, no meu caso tenho seis crianças, não</p>	<p>A adaptação a um novo ritmo de trabalho, (...) haver diferentes níveis de aprendizagem, o nível de maturidade, portanto há crianças que não têm maturidade ainda para estar, para desenvolver estas tarefas enquanto, que outros já estão preparadíssimos, portanto há esses desníveis.</p>	<p>Olha, eles vêm muito ansiosos também, essa ansiedade também às vezes não é muito boa e depois se calhar já vêm com a ideia que a escola que é assim um pouco brincar, muito brincar, mas é preciso também fazer um bocadinho, não vêm habituados a fazer um</p>

	<p>Infância/ 1º Ciclo do Ensino Básico no início do ano?</p>	<p>crianças que sentem-se logo muito bem, e depois têm uma “recaída”, é o entrar nas regras, é o respeitar as regras, é o conhecer o outro, enquanto é novidade parece que entram muito bem, essa é a parte mais difícil, que eu sinto na prática quando eles estão a adaptar (...).É que às vezes eles entram tão bem, (...) que é novidade e depois retraem um bocadinho, por causa dessa situação das regras, estar atento nessa fase, acaba por haver as adaptações mais difíceis ainda são aquelas que têm uma recaída, uma semana depois, porque quando eles choram ao principio, que é a separação dos pais e da família, depois já entram no ritmo, e já não há, quer dizer que não haja um momento ou outro, ou porque estão mais sensíveis ou porque estão adoentados, mas as crianças que entram porque é novidade, custa-lhes mais interiorizar as regras e então, e acaba por acontecer, que será um bocadinho mais difícil, (...) ao principio é muito feliz mas depois como têm de cumprir, têm de respeitar o amigo, têm de respeitar toda uma dinâmica na escola que não estão habituados em casa e às vezes é mais difícil, temos de estar atentos.</p>	<p>frequentaram nada, é capacitar os pais e capacitar toda uma equipa para esse tipo de disponibilidade interior e exterior fisicamente porque é uma fase muito cansativa, portanto e à medida que os anos vão passando, nós conhecemos todas essas coisas, antevemos todas essas dificuldades, mas todos os dias, todos os anos nós renovamos essas ansiedades. Dizer vai ser bom, vai ser ótimo, acreditem que vai ser, daqui a uns tempos, a dificuldade maior às vezes é devolver, capacitar os pais que isto, o facto de eles ficarem cá, não é nada de mais é só mesmo uma chuva.</p>		<p>bocadinho de trabalhos de casa, depois torna-se às vezes um bocado difícil, mas depois com o tempo eles vão-se adaptando.</p>
	<p>- Como é que ultrapassa essas dificuldades?</p>	<p>Tento que eles tragam alguma coisa, algum elemento de laço, se eles usam chucha, não vamos tirar logo, se têm um bonequinho de estimação, não vamos tirar</p>	<p>Normalmente conversando com os pais, solicitar aos pais algumas leituras, também promovendo troca de experiências entre pais. Como os</p>	<p>Pronto, precisamente recorrendo a essas atividades mais lúdicas e portanto, tento evitar o tempo de concentração ser, é curto ainda não é?! portanto as tarefas têm de ser</p>	<p>Tento dar um bocado de segurança também à criança, dizendo que ela é capaz, o reforço positivo e depois também é através</p>

		<p>logo, para haver um elo de ligação entre a família e a escola, e tentar sempre conversar com os pais e tentar dar-lhes uma calma aos pais, a nós também, para transmitir também às crianças, para aquele bocadinho não ser tão difícil. Inicialmente, talvez, também não virem, principalmente os mais pequeninos, não virem o dia inteiro, estar só um bocadinho da parte da manhã, e depois os pais virem buscar, principalmente aquelas crianças que nunca estiveram em instituição, ou em creche, que não estão habituados a essa situação de separação, para não sentirem que foram abandonados pelos pais ali.</p>	<p>nossos grupos são heterogêneos, crianças que entretanto tiveram algumas dificuldades e ou pais ou mães às vezes nem foram as crianças, até passaram bem, os pais é que não, é a troca entre pais que de alguma maneira é outra maneira, é outro olhar sobre a coisa, sobre essas dificuldades, portanto, às vezes socorro-me dos pais anteriores, dos pais dos outros anos, dos pais mais antigos para entretanto me aconchegarem a mim própria e me ajudarem também a resolver essas situações. Assim como as auxiliares, mas capacitar os pais que isto é uma experiência memorável e que é uma aventura e que eles não vão perder os seus filhos porque há neste momento, cada vez mais, as mães a trabalharem, elas por um lado querem deixar os seus filhos tranquilos e bem, mas por outro lado é assim, há um pedacinho delas que entretanto também fica, pronto e é nós sabermos capacitar destes papéis e vermos o que, que funciona melhor, os anos ajudam, pronto, capacitamos melhor, (...)</p>	<p>ainda separadas por momentos de atividades mais lúdicas.</p>	<p>de canções, joguinhos e essas coisas.</p>
	<p>- Quais são os principais fatores que facilitam a adaptação da criança?</p>	<p>É uma boa relação entre a escola e a família, e também que os pais sintam-se à vontade, motiva-los para que os pais sintam segurança, que é natural, não tirar objetos de laço para se sentirem confiantes.</p>	<p>Os principais, uma figura segura, consistente, a educadora ser consistente, enquanto figura de vinculação, as próprias assistentes, o grupo que faz, o espaço e todas as atividades que nós temos no jardim de infância, portanto tudo isso facilita.</p>	<p>Penso que é o tentar criar um bom clima, um clima de harmonia, conseguir conquistá-los, estabelecer uma boa relação com eles muito por o afetivo, pelo conquistar, ser um prazer ir à escola.</p>	<p>Eu penso que aqui a família conta muito também e depois tentar haver sempre uma interligação com o jardim. Também podemos fazer, nós aqui, por acaso até planificamos coisas em conjunto com o jardim, parte deles andaram no Choupal.</p>

	<p>- Quais são os principais fatores que dificultam a adaptação da criança?</p>	<p>Às vezes acaba por ser a ansiedade, a ansiedade dos pais, que transmite, e se nota nas crianças eles não terem por vezes regras em casa, regras de estar sentado à mesa para fazerem uma refeição, este tipo de coisas que faz com que nós sejamos mais assertivas, em que eles estejam com mais algumas regras do que quando estão em casa e às vezes esse choque provoca alguma instabilidade porque são mais e têm de obedecer a determinadas regras que às vezes não estão habituados em casa, dou o exemplo da refeição, que às vezes os pais andam atrás deles com a colher e às vezes é mais difícil essa parte da alimentação, por vezes, é um bocadinho difícil para eles, há aquelas crianças que não, estou a falar dos fatores mais difíceis.</p>	<p>Os fatores que dificultam a adaptação, por vezes algumas dinâmicas familiares que não são consistentes, são irregulares, são inconsistente pronto isso é um fator, alguma imaturidade dos pais também, algum cansaço às vezes também pode subsistir da nossa parte e uma disponibilidade que pode não acontecer momentânea do corpo da equipa docente e não docente.</p>	<p>Um pouquinho aquilo que já disse, portanto os diferentes níveis de aprendizagem que eles estão, às vezes também um bocadinho os fantasmas que se criam, quando fores para a escola, eles às vezes vêm a achar que, depois até se fazer a adaptação e de eles perceberem como funciona, alguns estão com uma expectativa diferente, embora eles hoje em dia eles também vêm e estão tão desenvolvidos e têm tantas coisas que os desenvolvem que eles acabam por se entusiasmar e querem saber mais e cada conquista que fazem é uma alegria e o interesse muito grande. Pelo menos a experiência que eu tenho com este último grande grupo que acompanhei foi isso que senti.</p>	<p>Olha muitas vezes é a família, por um lado é facilitadora mas por outro, também às vezes é complicado.</p>
	<p>- Qual o papel do educador/a e professor/a durante a fase de adaptação da criança?</p>	<p>Tem de ser uma pessoa sensível e compreender que é a separação da criança e dos pais, temos de estar atentos às crianças e aos pais, porque às vezes eles transmitem a tal ansiedade e o educador tem que dar confiança e quando eles entregam a criança, o seu filho a uma instituição, têm de se sentir seguros e ao se sentirem seguros também as crianças estão seguras e vêm felizes e nós pretendemos que elas sejam crianças felizes, momentos tristes nós todos temos, há aqueles dias que eles ou porque dormiram pior, precisam de mais um miminho e</p>	<p>Já disse, olhe tem de ser consistente, coerente, empático, tem de ter uma boa dose de empatia, tem de convocar os saberes da psicologia, da vida diária, das coisas da vida diária, tem de saber em termos éticos, saber quando podem intervir e quando podem e quando não devem intervir, o perfil do educador tem de ser um perfil mesmo de acordo com os normativos que é tem de ser uma pessoa coerente e aiosamente em conhecimentos éticos, mas depois tem de ser consistente em termos de valores e atitudes, tem de ser uma pessoa empática e</p>	<p>Eu acho que é muito importante, que se não conseguir cativar a criança eles acabam por rejeitar, é preciso criar esses laços, essa confiança, não é logo que se consegue, portanto, vai-se conseguindo aos poucos e se isso acontecer, se houver essa conquista essa proximidade é mais fácil depois o trabalho.</p>	<p>Aí o papel, acho que é um pouco também de um professor também de mãe ou de pai, de psicólogo, de tudo isso. Tentar também às vezes compreender o que se passa ali e pronto.</p>

		<p>compreender e estar atento aos sinais. Principalmente atentos e tentar adaptar, conversar com os pais e conciliar a forma das crianças não sofrerem tanto com a separação da família e dar-lhes segurança que a família deixou-os cá na escola para se divertirem, para crescerem com os amigos, mas que regressam e isso é importante, pois gradualmente e a pouco a pouco vão ficando até mais tarde.</p>	<p>tem de ser uma pessoa que goste de desafios é como se fosse uma corrida de longa duração, é uma maratona. Porque a fase da adaptação é uma fase de maratona é intensa e continuada. Depois a seguir já fazemos muitas corridas, mas estas corridas são umas corridas que são os pequenos projetos que a gente vive, mas esta é aquela principal. Daí decorre o gostar ou não gostar do jardim de infância, o querer voltar ou não querer voltar, o se conseguir separar seguramente do porto seguro que é a mãe, da base segura que é a mãe e vincular-se a outra pessoa que não é a mãe, mas também não tem o objetivo de ser mãe, o objetivo é um companheiro de viagem que vai ajudar a crescer.</p>		
	<p>- Quais são os aspetos mais importantes que tem em conta?</p>	<p>É o que referi anteriormente.</p>	<p>É assim, é estar disponível, associo muito a nossa profissão de educadora a uma profissão de mala às costas e então, ou de baú e entretanto nós convocamos todas as coisas que precisamos nessa altura para este momento, pronto porque depois é uma fase muito intensa, quando ela passa, quando ela se ganha outras nuances é uma fase muito interessante porque nós estamos todos disponíveis para outras coisas.</p> <p>Portanto, relativamente ao que eu tenho mais em conta é ter disponibilidade interior e exterior para porque depois, e também para aprender, para aprender (...) as dinâmicas familiares a vida do quotidiano deste momento, está a</p>	<p>É o que referi anteriormente.</p>	<p>A família também é muito importante (...) todas as atividades também relacionadas com o lúdico para eles também é muito importante, ou então também a autoestima, saber valorizar também as coisas que eles fazem, planificar as coisas.</p>

			ter uma rotação tão grande que muitas vezes sobrevém algum desencanto. E às vezes é não querer não deixar que esse desencanto preencha, ganhe cor nos dias, portanto isso é um fator não deixar que algum desencanto que decorre da nossa profissionalidade.		
	<p>- O que entende por adaptação escolar?</p>	<p>É um período de adaptação, que envolve uma “separação” da criança com a sua família.</p> <p>É um tempo que envolve sentimentos como: ansiedade, incerteza e insegurança, principalmente por parte da família.</p> <p>É uma fase em que a educadora tem um papel importante, de transmitir segurança e estabilidades, estabelecendo uma relação mais afetiva com a criança e com a respetiva família.</p> <p>Também é visto como um tempo potenciador de novas descobertas, aprendizagens, crescimento e novas competências para as crianças e para a restante comunidade educativa.</p>	<p>O período de tempo, de transição, de adaptação à mudança, necessário à criança, família e educadora bem como à sua equipa, para se ajustarem, vincularem-se a uma nova realidade, que é a sua interação, enquadrada pelas variáveis de espaço, tempo e recursos.</p> <p>Esse tempo é um tempo de possibilidades, de algumas incertezas e ansiedades, que num processo positivo em que todos se empenham</p> <p>Metaforicamente digamos que desarrumamos a mala e depois... descobrimos que ao arrumar tudo se encaixa harmoniosamente e ainda sobra um espacinho para outros pequenos, grandes tesouros e sempre que um novo ciclo começa, tudo se renova, independentemente dos anos na profissão ou da idade criança ou adulto</p>	<p>O período que antecede a entrada na escola é marcado por grande expectativa e ansiedade no seio familiar. Esta fase é vista como um marco na vida das crianças, em que as famílias tomam maior consciência de que os seus filhos “estão a crescer” e que novas exigências se lhes impõem. Este processo de transição entre um percurso de aprendizagens de carácter maioritariamente lúdico para um nível de aprendizagem com uma dinâmica diferente e com outro grau de exigência, ao nível da destreza manual e da concentração exige um período transitório, um período de adaptação, que tem que ser gradual, progressivo. Num clima de grande harmonia e integrador de todos os elementos do grupo, há que ajudá-los a criar “laços” entre colegas e professor, promovendo a confiança e o bem-estar da criança. Esta mudança não se processa de forma automática e o carácter lúdico tem, nesta fase, grande importância ajudando-os e fomentando-lhes a aquisição de novos saberes através de um percurso enriquecedor e cheio de partilhas constantes, tendo em conta o ritmo e a personalidade de cada criança.</p>	<p>Adaptações curriculares são propostas pelo Ministério de Educação visa promover a aprendizagem dos alunos como aprender o que devem aprender, como e quando aprender.</p>

	<p align="center">- Outras respostas sobre outros temas.</p>		<p>Neste momento, se tudo estivesse bem, neste momento como mono docente que sou, nunca que usei tempo nenhum de ensino especial por redução de tempo este ano já não estaria a trabalhar, portanto este ano teria sido o meu ano de reforma, eu acho que me reformava muitíssimo bem, sabe porque? Porque para meninos pequenos, ainda hoje nós estávamos a fazer um jogo de animais, é preciso, nós entretanto que eles estão um pouco desfasados da realidade, por exemplo: como é que anda a galinha, galinha não anda com quatro patas, a galinha anda com duas patas e anda com as patinhas, rastejar essas coisas todas, são coisas que uma educadora deve saber fazer, deve viver isso, deve viver com o corpo e deve ser essa dignidade para fazer isso, e deve ter a disponibilidade para fazer isso com dignidade. Eu neste momento faço, mas não sei se para o próximo ou outro ou outro ou daqui a dez anos irei fazer é quando me vou reformar. E acho que é, deveria de ser preservado para uma boa adaptação, olhe isto, por acaso não sei se é relevante ou não mas enfim, para uma boa adaptação, mesmo com cara de avós, que nós eventualmente, esteja-mos não deveremos, temos, essa, não deveremos estar a fazer adaptações aos sessenta e cinco anos. É porque agora não tem</p>		<p>Ainda hoje tivemos a dar uma historiazinha “ Dez dedos dez segredos”, e a audição da história, canções que eles gostam</p>
--	---	--	--	--	---

			<p>esse dilema mas daqui a uns tempos vai ver e nós não vamos ter essa dignidade de nos, a... de deixar-nos a profissão com essa alegria e com todo o encantamento que temos agora, não temos, e é assim e, há outras pessoas, mas aos trinta anos há pessoas que já são mais crescidas e que não têm essa disponibilidade. É verdade, mas quem escolhe, numa maneira geral a profissão de educadora tem que ter essa componente e a componente é a disponibilidade física e mental para descermos e para nos situarmos mesmo nessa zona de desenvolvimento proximal e conseguir andar para a frente, porque é, e quando nós formos crescidos essa disponibilidade, quando formos mais idosos não temos essa disponibilidade e não vamos crescer com dignidade e não é bom, nem para as crianças, nem para nós. Mas de qualquer maneira eu gosto e pronto.</p>	
--	--	--	--	--

Anexo VIII – Quadro de Categorias das entrevistas aplicadas às Crianças do jardim de infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
1. Experiências vividas no 1º dia.	1.1 Fazer novas amizades.	“Sim, foi giro, adorável, brinquei com os amigos e conheci a educadora”(C.F).
	1.2 Brincar com os amigos.	
	1.3 Apresentação do jardim de infância, da escola, e da educadora/professora.	“(…) conheci o meu amigo Miguel e os colegas mais a professora andamos a visitar os vários sítios da escola “(C.F1).
	1.4 Sentimentos vividos durante este dia.	“(…)estava tudo feliz, eu é que estava triste, porque não queria ir à escola, queria jogar playstation (…)”(C.E1).
2. Ideias que as crianças tinham sobre o jardim de infância/escola antes de o frequentar.	2.1 A ideia não correspondia à realidade.	“Não, porque eu pensava que havia bicicletas e que não havia aquelas perguntas”(C.F).
	2.2 A ideia correspondia à realidade.	“Sim, porque tem o escorrega e afinal tínhamos muitas coisas para fazer”(C.C).
	2.3 Não tinha nenhuma ideia sobre o jardim de infância/escola.	“ Não porque eu não sabia como era” (C.E)
3 O que mais gostaram no primeiro dia.	3.1 Fazer novas amizades.	“De conhecer os meus amigos” (C.A)
	3.2 Relação estabelecida com a educadora/professora	“Gostei de estar com os amigos que tinha no infantário, gostei da professora, das auxiliares, gostei da escola(…)” (C.B1).
	3.3 Fazer trabalhos.	“Os amigos, mais, fazer os trabalhos e conhecer a professora”(C.B).

4 O que menos gostaram no primeiro dia.	4.1 Existir conflitos entre colegas.	“Foi rapazes a baterem uns nos outros”(C.C).
	4.2 Não brincarem todos juntos.	“Foi não brincarem comigo”(C.E).
	4.3 O almoço.	“O almoço claro, não há dúvida”(C.D1).
5 Ideias sobre a futura escola.	5.2 Já sabem qual vai ser a “nova” escola.	“ Sim, vai ser a escola dos Leões a minha mãe já me inscreveu”(C.C).
	5.2 Foram visitar a escola com a família.	“(…), já a fui ver é os leões, tem muitas salas e também tem um recreio e muitas salas para fazer os exercícios”(C.A).
	5.3. Aprender a ler e a escrever.	“ (….) não sei, porque é só para escrever e ler, a escola primária” (C.F)
6 Diferença e relações que existem entre o jardim de infância e a escola.	6.1 Jardim é brincar e escola é trabalhar.	“ (….) é que no jardim de infância, nós brincamos mais (...) ouvimos mais histórias , fazemos mais expressão plástica e na escola trabalhamos muito para passarmos de ano”(C.A1).
	6.2 Realização de Expressões Plásticas no jardim de infância/ escola.	“(…) lá no jardim de infância fazes coisas que também fazes cá. Lá, por exemplo, eles fazem desenhos, nós também aqui fazemos desenhos, ilustram coisas como nós ilustramos cá, fazem trabalhos, trabalhos, nós também fazemos”(C.B1).
	6.3 O jardim de infância e a escola são dois contextos parecidos.	“(…) são os dois divertidos, e que têm muitos amigos .”(C.A1). “(…) são os dois divertidos, nos dois se trabalha e corre bem nos dois”(C.C1).

**Anexo IX – Quadro de Categorias das entrevistas aplicadas às educadoras
de infância e professoras do 1º CEB.**

Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
1. Preparação da adaptação da criança ao contexto escolar.	1.1 Preparação do Bem-estar da criança e da sua família ao contexto escolar.	“No início nós temos de criar um ambiente agradável e de confiança para se sentirem bem, mais por ai, para que não haja grande separação, apesar de sentirem muito a separação dos pais.(...) estão em família e depois também vão às salas e as crianças sentem que os pais pertencem à escola, tranquiliza os pais (...)” (Ed.A)
	1.2 Preparação do ambiente educativo.	“ (...) a preparação é feita com estes momentos, portanto a entrevista inicial, reunião geral de pais, depois algumas dicas normalmente nessa reunião (...) a ao nível de organização do espaço educativo (...) que as primeiras atividades sejam memoráveis” (Ed.B).
	1.3 Trabalhar a transição entre o Jardim de Infância e a escola.	“(...) ter atividades mais lúdicas, fazer um pouquinho a ponte entre o jardim e a escola, a mudança não se faz logo (...) é feito assim progressivamente a adaptação a outro novo ritmo de aprendizagem” (Prof.A).
2. Estratégias para promover uma boa adaptação.	2.1 Trabalhar a relação entre a família e a escola.	“ Conversar com os pais (...) temos sempre uma entrevista com eles, (...) para conhecermo-nos um bocadinho, (...) dar-lhes confiança a eles para depois transmitir também às crianças” (Ed.A).
	2.2 Preparação do Bem-estar da criança à escola.	“ (...) tento-me relacionar bem com a família, para ver também quais são os problemas deles e também pelos processos dos meninos” (Prof.B).

	2.3 Preparação do ambiente educativo.	“(…) as estratégias são em três eixos: pais, crianças e espaço educativo e também as pessoas com quem nós trabalhamos, também de partilhar com elas os gostos, as preferências, os medos, (…) o que é preciso fazer, (…) as assistentes operacionais não podem ser descuidadas enquanto equipa” (Ed.B).
	2.4 Preparação de atividades Lúdicas	“ Recorre-se muito a jogos, a canções, a atividades mais lúdicas (…) de fazer as aprendizagens sempre mais dedicado ao lúdico” (Prof.A).
3. Dificuldades durante a fase de adaptação.	3.1 Trabalhar a relação família/escola.	“(…) é a separação, (…) o “arrancar”, (…) ansiedade dos pais, é tudo pela primeira vez” (Ed.A).
	3.2 Promover o Bem-estar da criança.	“(…) devolver junto dos pais essa segurança, (…) a dificuldade maior às vezes é devolver, capacitar os pais que (…) o facto de ficarem eles ficarem cá, não é nada de mais é só mesmo umahuva” (Ed.B).
	3.3 “Recaída” durante a fase de adaptação	“(…) as adaptações mais difíceis são aquelas que têm uma recaída, uma semana depois (,,) ao principio é muito feliz mas depois têm de cumprir, têm de respeitar o amigo, têm de respeitar toda uma dinâmica na escola que não está habituados em casa (…)” (Ed.A).

	3.4 Diferentes níveis de aprendizagem.	“(...) A adaptação a um novo ritmo de trabalho, (...) diferentes níveis de aprendizagem, nível de maturidade” (Prof. A).
3.1. Como ultrapassar as dificuldades	3.5 Objeto de transição.	“ (...) tragam (...) algum elemento de laço, se eles usam chucha, não vamos tirar logo, se têm um bonequinho de estimação, não vamos tirar logo, para haver um elo de ligação entre a família e a escola (...)” (Ed.A).
	3.6 Troca de experiências entre pais.	“ (...) solicitar aos pais algumas leituras, também promovendo troca de experiências entre pais (...)”(Ed.B).
	3.7 Realização de atividades lúdicas.	“ (...) recorrendo a atividades mais lúdicas(...), tento evitar o tempo de concentração (...) as tarefas têm de ser ainda separadas por momentos de atividades mais lúdicas.
4. Fatores que facilitam a adaptação.	4.1 Relação família/escola.	“É uma boa relação entre a escola e a família, e também que os pais se sintam à vontade (...) sintam segurança que é natural (...)” (Ed.A).
	4.2 Perfil do educador/a e professor/a.	“ (...) uma figura segura, (...) a educadora ser consistente enquanto figura de vinculação (...)” (Ed.B).
	4.3 Relação entre Docente e criança.	“ (...) estabelecer uma boa relação com eles muito por o afetivo, pelo conquistar (...)” (Prof.A).

5. Fatores que dificultam a adaptação.	5.1 Perfil dos pais.	“ (...) ansiedade (...) não terem regras em casa (...)” (Ed.A) “ (...) dinâmicas familiares que não são consistentes, são irregulares, (...) alguma imaturidade dos pais (...)” (Ed.B). “ a família, por um lado é facilitadora mas por outro, também às vezes é complicado” (Prof.B).
	5.2 Dinâmicas familiares pouco consistentes.	
	5.3 Diferentes níveis de aprendizagem.	“ (...) portanto os diferentes níveis de aprendizagem que eles estão” (Prof.A)
6. Papel do educador/a e professor/a na adaptação da criança.	6.1 Caracterização do perfil do educador/a e professor/a.	“ (...) tem de ser consistente, coerente, tem de ter boa dose de empática, tem de convocar os saberes de psicologia, das coisas da vida diária, (...) saber termos éticos (...), o perfil do educador tem de ser um perfil mesmo de acordo com os normativos , (...) tem de ser uma pessoa coerente e operosamente em termos e valores e atitudes.” (Ed.B).
		“ (...) professor também de mãe ou de pai, de psicólogo, (...)” (Prof.B).
	6.2 Trabalhar a relação entre a família e a instituição educativa.	“ A família também é muito importante, (...) também a autoestima, (...)” (Prof.B).

	6.3 Trabalhar a relação entre a educadora/professora e a criança.	“(...) criar esses “laços”, essa confiança (...)” (Prof.A).
	6.2 Promover o Bem-estar da criança.	
7. Definição de adaptação escolar.	7.1 Adaptação a uma nova realidade.	“(...) adaptação à mudança, necessário à criança, família e educadora bem como à sua equipa, para se ajustarem, vincularem-se a uma nova realidade, (...)é um tempo de possibilidades, de algumas incertezas e ansiedades (...) Metaforicamente digamos que desarrumamos a mala e depois... Descobrimos que ao arrumar tudo se encaixa harmoniosamente e ainda sobra um espacinho para outros pequenos, grandes tesouros um novo ciclo começa, tudo se renova, independentemente dos anos na profissão ou da idade criança ou adulto (...)” (Ed.B).
	7.2 Expetativas por parte da família e da criança.	“ marcado por grande expetativas e ansiedade no seio familiar. (...) um marco na vida das crianças, (...) as famílias tomam maior consciência de que os seus filhos “ estão a crescer” e que novas exigências se lhes impõem (...) transição entre um percurso de aprendizagem de carácter maioritariamente lúdico para um nível de aprendizagem com uma dinâmica diferente e com outro grau de exigência, ao nível da destreza manual e da concentração, (...) um período de adaptação que tem que ser gradual, progressivo. Num clima de grande harmonia e integrador de todos os elementos do grupo, há que ajudá-los a criar “laços” entre colegas e professor, promovendo a confiança e o bem-estar da criança, (...)” (Prof.A).
	7.3 Trabalhar a relação entre docente e a criança.	

